

REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico

E

Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In'praesens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1898

ANNO V

VOL. V

N. 17



BAHIA

Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»

80—RUA DO CORPO SANTO—80

—
1898



REVISTA TRIMENSAL

DO

Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno V

Setembro de 1898

Num. 17

RELATORIO

Apresentado ao Instituto Geographico e Historico da Bahia sobre o subterraneo existente na encosta da montanha, ao Taboão, pelos socios Drs. Braz do Amaral e Innocencio Goes,

DESEMPENHANDO-NOS, com o maximo zelo, Sr. Presidente, da incumbencia por V. Ex. a nós dada, é com a maior satisfação que trazemos ao Instituto o resultado do nosso trabalho, do nosso esforço, do nosso estudo.

Tivemos de lutar, o meu collega Braz do Amaral e eu, logo ao encetarmos as penosas explorações dos subterraneos desta capital, antiquissimos todos, e todos de origem mysteriosa e presos á historia da installação dos jesuitas pela tradição popular, com a incredulidade da maioria dos nossos amigos e companheiros, com a falta

de interesse que tem o nosso povo pela sua propria existencia passada, pela sua vida nacional.

Arcamos, porém, com coragem e resignação, contra todos os obstaculos, e se o nosso trabalho não tem o cunho que dá a infalibilidade de uma lei physica, podemos assegurar a V. Ex. que este relatorio e o que é devido á penna colorida e firme do admiravel biographo de Vieira, Dr. Braz do Amaral, sobre a exploração feita tambem por nós no convento dos Therezios, são os que mais informações uteis ministram sobre o assumpto e que guiarão, estamos certos, os passos daquelles que, depois de nós, aprofundarem tão interessante estudo.

Tivemos necessidade, Sr. Presidente, para ajuizar bem do motivo que levou os jesuitas a encetar e levar a cabo suas construcções subterranas, de transportar-nos pela imaginação aos seculos em que elles dominaram, de envolver-nos nessa «nuvem mysteriosa» que, na phrase do Homero do Christianismo, de Chateaubriand, envolvia sempre todos os actos dos filhos da Ordem de Loyola.

Tivemos necessidade de estudar-lhes a historia, essa historia ora luminosa, ora lugubre que encerra os maiores sacrificios em bem da humanidade, ao par dos crimes mais tremendos. Nella nós encontraremos, ao lado da inflexibilidade de uma vontade quasi sobrehumana expressada vivamente na cathequização e na civilização dos indigenas, em todo o Orbe, principalmente no Brazil, que isso lhes deve, as conspirações da Allemanha e da Inglaterra; os regicidios de Henrique IV, dos Stuarts e dos Nassau; as fomentações das luctas da Liga, as perseguições de Galileo, de Descartes, dos protestantes, e as responsabilidades da revogação

do Edicto de Nantes e da hecatombe das Cevenas. Era uma politica rubra, a politica machiavelica da poderosa Ordem; era uma politica absorvente, a politica do dominio universal, que era o facho que lhes guiara os passos.

Deante da intervenção, ora francamente expressada, ora surda e machiavelica, da Companhia de Jesus nos negocios politicos do mundo inteiro; deante das inimizadas poderosas que gerara a sua incontestada influencia em algumas côrtes europeas, principalmente da Hespanha e de Portugal, a Ordem adoptou duas normas de proceder completamente distinctas; a desconfiança innata nesses filhos do claustro, a perspicacia natural nesses homens educados para enganar, dominar e governar os outros homens, a parte activa que sempre tiveram nos tramas politicos de todos os tempos, a posse de incalculaveis thesouros, fizeram com que os jesuitas tivessem uma vida ostensiva, cheia de privações, de pureza, de sacrificios, de abnegação, e uma outra em que se transformaram completamente ao sopro do interesse, politico ou não, professando sempre a obediencia passiva que é a abolição do homem, agindo como um corpo sem alma ao aceno omnipotente do geral da Ordem.

A essa parte secreta da vida jesuitica prende-se a construcção dos subterraneos, essas galerias sombrias e povoadas de lendas, que ligavam, em todas as partes por onde passaram os filhos dilectos da Ordem, os seus Conventos, as suas Missões, as casas de seu patrimonio, ás vezes immensamente distantes umas das outras.

Comprehende-se perfeitamente, a influencia extraordinaria, a superstição, o terror sobrenatural que deveria apoderar-se do indigena, e mesmo do

homem civilisado dos seculos XV e XVI, ao ver apparecer de subito, em pontos distantes e oppostos, o missionario envolto no habito negro da Ordem, impavido, triste, só, como se tivesse o dom da ubiquidade, como succedia com Leonardo Nunes, o «Abaze-Bebe» ou padre voador, na phrase significativa dos indigenas.

Nesse mysterio, talvez, a Ordem haurisse a sua força, e a tradição e a lenda, formadas pela ignorancia e superstição do populacho, augmentavam e aureolavam a crença nos enviados de Deus.

Desde os tempos da colonisação affirmava o povo da Bahia a existencia de subterraneos ligando mysteriosamente o antigo Collegio dos Jesuitas com outros templos da Capital, e mesmo com casas particulares; e nelles, diz a tradição, acham-se ainda religiosamente occultos os thesouros da Ordem, e apontava-se logo os doze apostolos d'ouro como a mais notavel das maravilhas nelles sepultadas.

Apezar de augmentar sempre essa crença com o decorrer do tempo, nenhuma investigação séria tinha sido levada a effeito, ou quando algum mais curioso, ou ambicioso, intentava a empreza de desvendar ao mundo o que havia de verdadeiro, as difficuldades a vencer, as enfermidades colhidas nas excavações, o desanimo finalmente de todos, deixou ao Instituto Historico da Bahia a missão de, mais de um seculo após a expulsão dos obreiros dessas extraordinarias vias subterraneas, esclarecer finalmente e fazer desvanecer o grandemundo lendario que em torno desse assumpto se formára lentamente.

Coube a dous socios desta casa, ao meu collega Braz do Amaral e a mim, a honra de iniciar a campanha que o Instituto hoje dirige sob a sua responsabilidade e competencia.

Depois da exploração que intentamos e levamos a cabo no subterraneo do Convento dos Therezios, e cujo relatorio foi aqui lido, de pertando tanto interesse e tanto enthusiasmo, as nossas vistas curiosas voltaram-se para os pontos que a tradição e a historia apontavam como devendo dar entrada áquelles subterraneos.

Sobre a egreja Cathedral, que teve a sua argamassa amassada, talvez, pelo proprio Nobrega, convergiram nossos esforços. Tendo-nos dado ordem para qualquer despeza o Conselheiro Presidente do Instituto e obtendo, por intermedio do nosso illustre consocio, Conego Manfredo, auctorisación, de que necessitavamos, do nosso Arcebispo Primaz, para proceder ás excavações necessarias naquelle templo, que ainda conserva, felizmente, a architectura e o cunho essencialmente jesuiticos, mais rigidez que elegancia, demos, em uma manhã de Março, a primeira pancada para arrancar o segundo degrão da escada por onde desciam outr'ora os filhos da Ordem para a necropole do Collegio. Escolhemos esse ponto porque o nosso consocio Conego Manfredo nol-o indicou como o mais provavel para a consecução dos nossos desejos, por constar, disse-nos elle, da descripção antiga do Collegio, cujo original existia no Archivo da Ordem em Roma, e do qual tem a nossa Secretaria Ecclesiastica cópia authentica que nos mostrou, ser alli, por debaixo dessa escada a entrada do subterraneo que tanto desejavamos descobrir.

O conego Ludgero veio fortalecer aquella infor-

mação, dizendo-nos ter visto, ha alguns annos, n'aquelle mesmo logar, a entrada do subterraneo em questão, quando alli se fizeram obras de reparação, e affirmava, e animava-nos com insistencia.

O trabalho de demolição foi insano; cada degráo era um monolitho, como hoje mais não se vêem nas nossas construcções.

Os dous operarios que trabalhavam sob nossa direcção, não resistiam ao peso enorme que era mister supportar; e nós, o meu collega Braz do Amaral e eu, tomavamos das alavancas para demolir aquillo que os jesuitas tão solidamente coustruiram ha seculos. Para que houvesse espaço sufficiente para tão rude trabalho foi necessario arrancar tambem o terceiro degráo e começou então a retirada da terra que entulhara o espaço que desejavamos explorar. A parte do collegio onde está situada essa escada é a do norte e vae-se ter a ella por um commodo existente no final da extensa galeria que vae da entrada latteral da Cathedral á cella do Padre Vieira: esse lado do Collegio dá para o pateo da Faculdade de Medicina e abrem sobre elle diversas janellas e oculos ou respiradouros, exceptuando justamente o espaço em que está collocada a escada em exploração.

+ Causou-nos admiração, logo ao encetar este trabalho, a solidez com que estavam encravados nas paredes latteraes os degrãos, que devião dar entrada ao subterraneo. Servindo essas passagens secretas ou esconderijos, para rapido transporte ou fuga, em caso de perigo, ou abastecimento dos conventos em tempo de guerra, ou para occultar thesouros, não era provavel que de cada vez que tal succedesse tivessem os padres da companhia tão

extraordinario trabalho e perda de tempo sempre precioso nessas occasiões. Ao contrario d'aquillo vimos a facilidade da entrada no subterraneo de Santa Thereza, e sabemos pela historia, e eu conheço *de visu* que em geral uma simples lapide, dissimulada entre outras muitas, uma porta falsa ou outro meio qualquer, são os que se empregão em taes casos. Foi o que tive occasião de vêr na Republica Argentina, quando em 1889 por lá viagei, em Cordova, a cidade santa, assim chamada pelo grande numero de templos que possui e que, como a Bahia, foi o centro de acção, nas margens do Prata, da companhia de Jesus.

Na Cathedral, juncto ao Altar Mór, ao ser enterrado D. Romualdo, foi encontrado um vacuo abobadado; essa descoberta causou grande emoção n'aquella epocha e o antigo Instituto Historico nomeou uma commissão que deu parecer a respeito. Não encontrou, porém, galeria alguma, nem comunicação com outro qualquer ponto. Debaixo do altar de S. Francisco Xavier, diz a tradição, existe egualmente um subterraneo; o Cons. Pedro Luiz, Presidente desta então Provincia, em 83 ou 84 mandou fazer excavações que não derão resultado.

Os nossos operarios continuaram na desobstrucção do lugar indicado, quando chegou ao nosso conhecimento que no Taboão, em uma casa edificada na encosta da montanha, e para a qual se sobe por uma escada de pedra, havia um subterraneo que, disserão-nos, ia até ao Collegio. Comprehende o Instituto o alcance e a importancia dessa communição. Talvez este subterraneo fosse o mesmo cuja entrada procuravamos com grande trabalho debaixo da escada que vae dar à necropole da Cathedral. Talvez a casa onde existe elle tivesse pertencido aos Padres, e o sub-

terraneo servisse para communicarem-se secretamente com os seus moradores.

Marcamos logo uma excursão, e depois de convidar ao Alferes Candido da Luz, nosso auxiliar dedicado nestas explorações, nos munimos de vestes apropriadas, de um rôlo de barbante, de uma lanterna, de capsulas de bi-sulfato de quinino, de outros objectos necessarios e nos dirigimos á casa indicada. Recebidos gentilmente pelo seu morador, soubemos logo que outras explorações tinham sido feitas no subterraneo, e foi-nos contado que, á certa distancia, se bifurca a sua arteria principal dando origem a outras quatro galerias, e tão profundamente adiantão-se ellas pelo seio rochoso da montanha, que o acido carbonico domina na sua atmospheria, rarefazendo o ar a ponto de não poder subsistir a chamma de uma vela. Deante do que nos era contado, julgamos achar-nos finalmente á entrada de um verdadeiro subterraneo, mysterioso, extenso, communicando o Collegio com o Guindaste dos Padres, em tempos remotos. Não parecia ser, como o do Convento dos Therezios, apenas um admiravel aqueducto, uma obra d'arte que recommendará sempre a paciencia, a intelligencia, a actividade e a previdencia dos monges Carmelitas.

Depois de transformarmo-nos completamente pela mudança de vestuario, dirigimo-nos apressadamente e ao mesmo tempo com uma certa ansiedade, para o local onde se achava a entrada dessa obra desconhecida. Está ella situada á direita de quem entra na casa, no segundo andar d'ella, no extremo da varanda que rodeia essa morada pela parte do sul. Aberta uma porta de madeira, trabalho moderno, demos com a vista em um portal abobadado, de cimento; além d'elle descobria-se

a via subterranea, sem, porém, apresentar trabalho d'arte; a sua abobada era cavada simplesmente na terra vermelha e pedregosa da montanha.

Do lado esquerdo da entrada, correndo, ao parecer, ao longo da galeria um fio d'agua limpida e suavemente rumorosa, vinha alimentar um deposito collocado a pequena distancia: agua não potavel, disserão-nos os moradores da casa, e que vem de longe, acompanhando a galeria, por um estreito aqueducto feito de tijollos.

Quasi desanimamos; talvez não passasse de uma obra construida para o mesmo fim da dos Therezios, e sem a sua importancia.

Como a galeria dividia-se e subdividia-se mais adiante, e como ignoravamos a sua extensão e direcção, desenrolamos o novello de barbante, cuja extremidade amarramos á uma grade proxima á entrada: como não acudir ao nosso espirito a lenda mythologica do fio de Ariadne, que salvou Theseo, no labyrintho construido por Dedalo, na ilha de Creta?

Ao voltar-nos, no momento de entrar na zona sombria já do subterraneo, e escassamente allumiada pela lanterna que um famulo conduzia na nossa frente, deparamos com o Alferes Candido da Luz de faca em punho, uma faca historica, pois fizera a campanha de Canudos, disse-nos elle a rir, e como si se tratasse de alguma aventura perigosa. Teriamos caminhado seguramente uns oito ou nove metros quando notamos que a abobada, que até então nos permittira caminhar de pé, abaixava-se, fazendo uma differença de mais de cincoenta centimetros da altura que notamos na entrada, e que era de mais de um metro.

O solo do subterraneo era summamente humido,

e, collocados no extremo da galeria central, que mede 18 metros e meio, olhando para a entrada, por onde penetrava escassa luz, viamos uma nuvem de vapores aquosos, e de emanções geradas pela humidade e pelas infiltrações da parte superior da abobada, emanções essas fortemente pestilenciaes.

Em caminho, o Alferes Candido da Luz teve occasião de utilizar o seu punhal, pois tivemos de avançar com o maximo cuidado, encontrando o subterraneo povoado de enormes tarantulas, ou aranhas caranguejeiras, na phrase popular. Estes animaes summamente venenosos e que, no dizer dos viajantes, assumem tamanho verdadeiramente extraordinario principalmente na Africa e na Oceania, chegando a atacar os ninhos dos passaros para devorar-lhes os filhinhos, andão sempre aos pares, o que verificamos no acto, pois apenas o Alferes Candido tinha espetado no seu punhal um specimen soberbo do sexo masculino, encontramos, pouco adiante, a sua companheira, menor e mais timida e que teve a mesma sorte. Assim conseguimos quatro exemplares bellissimos, além de outros muitos que vimos e que desapareceram nas anfractuosidades das paredes lateraes.

Tinhamos percorrido mais de dezoito metros quando encontramos duas outras galerias que se dirigiam para a direita e para a esquerda. Como aquella continha agua, resolvemos explorar primeiramente a da esquerda e esta que tem em toda sua extensão oito e meio metros, dirigindo-se para o norte e depois para léste em terreno ascendente, dá origem á outras duas galerias menores; a primeira dellas, que toma o rumo noroeste tem tres metros de extensão; a segunda apenas dous. A bifurcação da direita, de cuja exploração foi

encarregado o famulo que nos acompanhava, por temermos penetrar na agua em decomposição que a inundava, tem nove metros e meio, e depois de correr francamente para o *sul*, muda de rumo e dirige-se para *léste*.

E' esta a descripção summaria do subterraneo do Taboão; nada de notavel contém, e apenas subsiste em nossos espiritos a grande interrogação para a qual não encontramos ainda uma resolução: Seriam essas galerias feitas unicamente para procurar o veio d'agua na rocha viva da montanha, ou teriam o fim mysterioso que em geral se empresta á essa especie de obras subterraneas ?

Os obreiros das galerias em questão começaram o trabalho e abriram caminho até onde lhes permitia a conformação geologica do terreno; aos dez-oito metros de extensão, aquella conformação muda subitamente, e elles vêem-se obrigados a desviar a galeria para o sul até que encontraram, na parede fronteira e rochosa, um ponto vulneravel, e por elle dirigem logo esse braço para léste; o mesmo succede na galeria da esquerda, o que denota a idéa insistente de levar sempre naquella direcção o subterraneo em construcção; e esse rumo deveria conduzir os jesuitas justamente ao Collegio, edificado no alto da montanha.

Mas, porque suspenderiam elles essa obra já tão adiantada? impossibilidade completa de levar além as galerias, pela natureza do terreno, ou teriam sido surprehendidos pelas cartas régias de 19 de Janeiro e de 3 de Setembro de 1759, que os bania de Portugal e de suas possessões? E' esta uma outra interrogação a que não nos é dado responder.

Terminada a nossa excursão voltamos rapidamente, anciosos para respirar ar puro e vivifican-

te, asphyxiados quasi como estavamos pela atmosphaera pestilencial das galerias.

Encontramos, por parte dos donos da casa, todas as atenções, ao par da maior e mais justa curiosidade; tomamos immediatamente o quinino que levaramos com excellente vinho do Porto que nos offereceram, e sahimos algum tanto desanimados.

Voltando no dia seguinte a Cathedral, para verificarmos o estado das excavações, vimos que os operarios tinham ido além do nivel do solo, sem encontrar vestigios do que procuravamos.

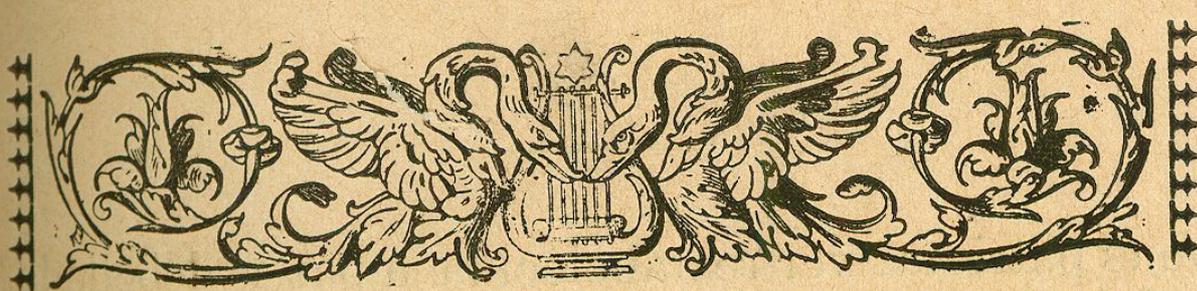
Deante disso suspendemos as obras, esperando fazer novas investigações dentro em pouco.

Eis, Sr. Presidente, o resultado da nossa segunda excursão pelos subterraneos da Bahia.

Bahia, Junho de 1898.

INNOCENCIO GÓES.

BRAZ DO AMARAL.



DOCUMENTOS HISTORICOS

SOBRE A

EMANCIPAÇÃO POLITICA DA BAHIA

CORRESPONDENCIA OFFICIAL DO CONSELHO
INTERINO DE GOVERNO NA CACHOEIRA (*)

(CONTINUAÇÃO)

Para José Bonifacio de Andrada e Silva, Ministro e
Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio

N. 18.—*Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.*
—O Conselho Interino de Governo da Provincia da Bahia, depois de haver por officio da data de hoje dado conta de seus trabalhos na administração de que se acha ainda encarregado, se apressa a pintar a V. Ex. o estado politico, em que ficam estes povos, e os acontecimentos mais notaveis.

Pelas contas, que este Conselho tem dado ao Ministerio, consta que dois homens desgraçadamente estão empenhados em succumbir a Provincia, em arrastar para ella os damnos e calamidades, lembradas e projectadas pelo inimigo commum; o general Madeira, outro o general Labatut.

Ao chegar aqui este ultimo cuidaram todos os

(*) Archivo Publico da Bahia.

bons patriotas ver restabelecida a paz, e debellado o inimigo, restaurada a Capital e para sempre consolidado o Pendão de nossa feliz emancipação e independencia debaixo dos auspicios do Augusto Defensor, que a Providencia nos deparou, Grande, Sabio, Magnanimo, Liberal, e para dizer tudo, pae vigilante de filhos desconfiados, e incertos do alvo que os deverá guiar á felicidade, á grandeza, e á verdadeira honra nacional.

Pouco tempo, porém, foi bastante para conhecerem todos quanto foram malogradas suas aliás fundadas esperanças.

Além dos crimes perpetrados pelo general Labatut, proprios de sua ignorancia dos costumes, usos e leis do Paiz, onde vinha militar; costumes, usos e leis tanto mais dignos de respeito, quanto a agitação de um povo em armas, e que havia por si mesmo reassumido, e entrado no exercicio de todos os direitos, que a san politica do illustrado seculo, em que vivemos, tem declarado ao Corpo dos Estados, exigia o maior melindre no tratar os cidadãos.

Além das faltas por elle General commettidas, filhas tão somente da volubilidade de suas operações e modo de ajuizar daquelles que com elle tratam e vivem, e finalmente da grosseria de suas maneiras, e falta de urbanidade, no que certamente muito injuria a polida Nação a que pertence e Patria, que se dá, Marseille; o que tudo exuberantemente foi demonstrado pelos officios dirigidos em Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tem o general Labatut faltas militares que podem, e tem já em parte muito sacrificado a augusta causa de nossa Independencia, e particular salvação desta mil vezes infeliz Provincia.

Cumpre, Excellentissimo Senhor, rasgar o negro véo que tanto nos ha enlutado.

O brigadeiro Pedro Labatut, ignorante inteiramente de seus deveres, como general, principia por não ter cuidado de disciplinar os corpos, arranjar o exercito, formar o plano de ataque e defeza, e acaba por intrigar com seus adutores toda a Provincia, desacoroçoal-a, e animar o inimigo.

Por um ridiculo orgulho até, se tem opposto á organização dos corpos que este Conselho, mais do que elle sacrificado na derrota de sua Patria por quem tendo já offerecido bens e propriedades, offerecera até a propria vida, ha por si organizado, como fez e o mostra a ordem do dia do 1.º de Fevereiro proximo passado com o batalhão «Honra imperial», proposto primeiro «Legião de Honra imperial». Docs. ns. 1, 2 e 3.

Exm. Senhor, este batalhão é aquelle que o Conselho participou em officio de 21 de Fevereiro passado havia reduzido a Legião, cujo plano offereceu o Conselho por officio dirigido a V. Ex. em 16 de Dezembro, e que agora vem respondido por Portaria de 22 de Janeiro, na qual diz V. Ex: «Sua Magestade Imperial tem muito prazer em declarar ao Conselho Interino que approva todas as mais providencias, que deu para se executar o Decreto de 1. de Agosto.»

Quando aconteceu, que em um paiz em armas se desorganisem corpos formados pelo patriotismo dos cidadãos, que voluntarios se offereceram á defeza de sua patria?

Quaes devem ser as consequencias de se ver um cidadão em um dia coronel, ou major, ou capitão, ou outro official subalterno, e no outro cousa *nenhuma; tendo já feito suas despesas para arranjo do mesmo corpo, fardado e promptificado pelos*

mesmos officiaes? Que se pode mais esperar de cidadãos, que correndo ás armas em defeza de sua Patria são desacoroçoados com a desorganisação do Corpo para onde correm? E quem assim obrapoder-se-ha chamar amigo da causa do Brazil? Que valem proclamações e bandos, que valem persuasões, se por factos, que directamente vão ferir o brio nacional, se demonstra que se não quer defeza?

O general faz mais, despreza os officiaes de primeira linha brazileiros, que amantes de sua Patria fugiram da cidade em soccorro da Provincia, e os manda embora para empregar portuguezes na maior parte dos quaes é raro existir amor ao Brazil, para empregar milicianos, seus aduladores, para empregar finalmente quem lhe faz reptil côrte.

O major da Legião de Caçadores de primeira linha José Gabriel da Silva Daltro, um dos complicados e presos no dia 3 de Novembro de 1821 e remettido para Lisboa, chega à Bahia, deixa-a e vem para o Reconcavo, apresenta-se ao General; é mandado depois de muito tempo inspeccionar no Hospital, e chamando que era official combatente e não do quartel da saude o mandou finalmente para sua casa.

O capitão de infantaria de linha, D. Rodrigo José Romão da Silveira, retira-se da cidade, com riscos apresenta-se-lhe, é mandado para sua casa, e outros.

Que é isto? São porventura suspeitos os bahianos na defeza de sua propria Patria, onde têm seus bens, onde viram ultrajada sua honra e a dignidade nacional?

Ou não são porventura homens, cujos braços tão valentes como outros, podem servir á defeza propria?

Assim se lhes quer roubar a gloria de defensores do seu Paiz, para talvez subvertel-o.

O clamor, Exm. Senhor, é já mui grande, o clamor reina já nas ultimas classes.

Os proprietarios, os officiaes milicianos, que em regra são pessoas abastadas, e de preponderancia, são maltratados por Labatut.

São poucos os cidadãos, que não vivam receiosos do seu atrabiliario furor.

Os officiaes mais patriotas do exercito, aquelles que mais serviços têm feito, são, ou tirados d'elle, ou desprezados: sirva de exemplo o Major José Antonio da Silva Castro, cujo patriotismo e coragem têm já sido patentes a V. Ex.; o Coronel Felisberto Gomes Caldeira, Commandante da Brigada da esquerda, e outros estão sempre em desgostos; o Major Argollo tirado do Exercito para ajudante d'ordens de um commandante de uma Villa central.

Ao tempo que tudo isto acontece vê a Provincia promoções parciaes, e elevados á postos quem não offerece outro titulo mais que lisonjarias, ainda intactos do calôr dos combates.

Não nos consta que no Exercito se tenha feito uma só escola de officiaes, em a qual se lhes demonstrasse a regularidade dos movimentos da força do seu commando, para assim se exercitarem no ataque e defeza, que convêm nos choques que intentarem, ou nos der o inimigo.

Sabe, ou deve saber muito bem o General, que a tropa d'esta Provincia, quer a que já existia, quer a que de novo se organiza, não tem practica de guerra; e que são, por consequencia, da maior necessidade as escolas nas differentes armas, e mormente dos officiaes a quem incumbe a direcção do soldado.

Mas como fará o General taes escolas se ainda não fez plano nenhum de ataque, se ainda não correo mesmo todos os pontos? E dizemos que o não tem feito porque o não tem participado ao Governo como devera, na forma das Instrucções dadas por Sua Magestade Imperial, ou então tem formalmente desobedecido a ellas.

O cuidado dos hospitaes, leito dos valorosos filhos de Marte, que em a defeza da Patria ganhárão os motivos, por que ali existem, é tambem do General do Exercito, e a elle, mais do que a ninguem, pertence aquelle cuidado.

O horror dos hospitaes do Exercito é tal que os paes e os irmãos fogem de ir ver os filhos, e os irmãos: a immundice, a miseria, e tudo que é desleixo capaz de produzir ali apparece no seu maior auge.

Os remedios, em vez de serem logo e logo remettidos para aquelles infelizes, são demorados no Quartel General, e d'elles se tirão (posto que poucos attento o bloqueio, em que existem os Portos da Provincia) profuzamente para se darem a certos officiaes, que merecem ser creaturas do General; e assim dissipados, mui pequena porção vai aos hospitaes; o que consta dos queixumes que são geraes; ao passo que o Conselho não cança de fazer frequentissimas remessas, havendo chegado boticas vindas de Pernambuco, e mesmo mandadas pelos patriotas brazileiros da Cidade da Bahia. Doc. n. 4.

O fardamento, do que ha a maior penuria pela falta de communicação com os estrangeiros, que d'elle provião o Paiz, constando ser dividido por aquella mesma forma, faz com que a tropa, que podera, não diz o Conselho, andar bem vestida,

mas ao menos não andar nua, tendo alguns soldados duas fardas e trez, e outros nenhuma.

E se apparecem queixumes cuida o General de desacreditar o Conselho, dizendo que é elle a causa de não terem remedios os hospitaes, nem fardamento a tropa, assim subvertendo o respeito devido ás auctoridades, e tão necessario sempre, quanto mais presentemente!

Porque deixaria o Conselho de curar e vestir os defensores da Patria, os que o salvão das garras do inimigo?

Os documentos ns. 5, 6, 7, 8 e 9 provão bem a falsidade da accusação.

E mais quando se pondera que os soldados sempre vão fardados para o Exercito

O seu desleixo é tal, sua ignorancia, como General, é de tal ordem e tão crassa, que não tinhamos linhas emquanto não chegou o Governador das armas de Pernambuco; a nossa tropa postada mui longe do inimigo não recebeu a disciplina que só se adquire á vista do fogo, dando logar a que fizesse o inimigo novas trincheiras, e o que é mais, deitasse abaixo no espaço de trezentas braças em roda d'ellas as fachinas com que a natureza nos defendia, e que de certo tornavam a nossa posição mil vezes mais vantajosa para o ataque da Cidade.

Tal nunca aconteceo no tempo em que um Miliciano, mas Brasileiro, o Coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque commandava a força das immediações de Pirajá e Torre; porquanto eram frequentissimas as correrias e guerrilhas, que chegaram a entrar até a Cidade: o que tudo parou com a presença do General Labatut, não tendo então aquelle Coronel a gente que tem hoje o General.

Presentemente é da maior difficuldade expulsar o inimigo recolhido em suas trincheiras, idéa que sendo pelo proprio General espalhada pela Provincia tem não pouco arrefecido o exaltado enthusiasmo que honrava o caracter da mocidade bahiana.

N'aquelle tempo o inimigo cria um milagre estar na Bahia; e assim o participou ao Congresso e Governo de Lisbôa, como nos constou pelo periodico ali impresso denominado *Trombeteiro* n. 10; agora porém nós julgamos uma das mais arriscadas emprezas tentar o ataque da Cidade: já por aquella razão ponderada, já porque os ~~nossos~~ doentes são muitos, subindo ao numero de mil e cem, como diz o General, e muitos os desertores, poucos os que se submettem aos despotismos de Labatut.

E' indisculpavel o erro de não ter adiantado as Linhas; se lhe não convinha atacar logo a Cidade cumpria entrincheirar a linha; o que jámais obstaría o ataque quando conviesse, e sendo nós os atacados, não seriamos os nossos obrigados á dura alternativa de ou baterem-se a peito descoberto ou fugirem: o General devera contar com o patriotismo dos soldados, mas não com experimentada disciplina; portanto mais se tornava de absoluta necessidade aquella apontada medida.

E finalmente o General para cavar mais a ruina de nossa Patria dispersou com os seus horrores a tropa de indios, os primeiros que ganharam louvor na nossa campanha e ensanguentaram n'aquelle posição suas volateis armas no atraído sangue do Coronel Luzitano.

Hoje não existe um só indio no Exercito.

Porventura não seriam elles susceptiveis de disciplina? ou não precisaremos nós de braços?

Não pára aqui: chegou a esta Provincia o General a 28 de Outubro do anno passado, e desde logo começou a reunir o Exercito: haviam decorrido quatro mezes de quartel no Engenho Novo e ainda não tinha visto um mappa da força do seu commando, de maneira que foi tambem o Governador das armas de Pernambuco, que tendo de dar o seu voto, sobre o ataque da Cidade, exigio se fizesse um mappa, que o Conselho ainda assim não sabe se se fez, ou não; porque pedindo para por elle dirigir-se na forma das ordens de Sua Magestade Imperial, não lh'o mandou.

E como poderia este General fazer um plano de ataque e defeza, se não sabia a força que tinha, e commandava? De certo que a um sargento de ordenanças não acontecia tal.

E' este, Exm. Sr., o homem que ha de exterminar o inimigo, e acabar a campanha? Permitta V. Ex. que o Conselho francamente diga, que nunca entraremos na Cidade, se este General fraco e covarde fôr o general da acção.

Para o provar é sobejo considerar o seu ultimo procedimento: chegou oito dias depois do bravo Batalhão do Imperador a expedição portugueza ha muito promettida, e foi, dizem, de mil trezentos e trinta homens; e elle sem mais consultar officiaes, sem mesmo saber ao certo que força era, sem ser atacado, retrograda as Linhas para o lugar onde existião antes de as formar, desamparando os melhores pontos, e á vista do inimigo, para ser-lhe facil augmentar ainda suas trincheiras, e difficultar mais e mais nossa posição; mal, porém, que, posto de grande consideração, não foi o maior.

Animar o inimigo, dar-lhe idéa de fraqueza e cobardia, e desacoroçoar o nosso exercito, mo-

vendo até a insubordinação da tropa, já cansada de ver tanta fraqueza e cobardia, são objectos da maior transcendencia; constando que houve officiaes, que lhe mandaram offerecer suas bandas, outros que as atiravam fóra, outros que se deram por doentes, envergonhados de ver assim manchado seu brio, e honra militar.

Soldados houve, que publicamente chamarão —traição—, e finalmente o maior descontentamento occupou os animos de todo o exercito, restando o pequeno numero dos vis adultores que cercam o General, e que engordam com a guerra, mas que não tem Patria.

Está o exercito no seu antigo quartel da paz, e o inimigo, senhor do campo, blazona de vencedor.

Não vencereis, Monstros!

Primeiro acabará o ultimo Bahiano...

Ainda que aquella medida fosse dictada pela prudencia, deixava de o ser não merecendo a approvação do exercito, que se devera mui circunspectamente consultar.

N'este estado de cousas, Exm. Sr., é facil ajuizar a sensação, que produziria a Portaria, que em vez de demissão, manda dar ao general Pedro Labatut o commando da força de 1.^a e 2.^a linha.

Ella foi tal, Exm. Senhor, que um só voluntario não appareceu mais, e ao contrario não cessam os pais de familias de fallar em baixas.

De balde tem o Conselho proclamado aos Povos, copia n. 11: o descontentamento mais formal apparece no rosto de cada um dos cidadãos.

São estas as crises, em que bem se conhece a fraqueza dos Estados, onde a opinião publica, rainha do universo, não sustenta as auctoridades.

Todos os recursos faltam e desaparecem, se a desconfiança de serem malogrados por algum motivo toma o lugar do credito, amôr e respeito para com os encarregados da administração publica.

Hoje, Exm. Senhor, ainda que o general Labatut não fosse tão criminoso, como documentalmente apparece, não mereceria jamais a confiança destes Povos, que guerreiam e soffrem as calamidades duma Campanha e reforçado bloqueio por verem livres de estranhas as redeas das differentes repartições politicas da Provincia.

Estas idéas, ainda que prejuisos, nem podem de repente ser desarraigadas dos espiritos, nem o cumpria fazel-o de presente.

E quando a necessidade urja empregar homens de fóra devem ser aquelles, cujos talentos notoriamente conhecidos lhes possam servir de titulo para com taes despachos, senão a publica expectação.

Permitta mais V. Ex. que o Conselho exponha o desgosto, que se patenteou ao ouvir o despacho do Governo das duas Comarcas, Ilhéos e Porto Seguro, dado a um estrangeiro.

Exm. Sr., é obrigação rigorosa do Conselho não omittir nada que possa pôr o Ministerio ao facto do que vai pela Provincia, nem diga nunca a posteridade, que por negligencia e omissão se deixaram de tomar medidas salutaes.

E V. Ex., igualmente apoio do remate do Augusto Edificio, por esta Provincia representará com sua eloquencia de fogo o que a este respeito convém deliberar a bem nosso, da nação e do imperador que amamos como Pai.

Tem o Conselho dado a V. Ex. conta da conducta militar do general Labatut; cumpre descrever sua conducta politica.

Que as classes de côr tem no Brazil o maior ciúme por não entrarem promiscuamente nos empregos publicos, é verdade já incontestavel e mais agora depois que o fratricidio Luzitano tem sobre isto fundado a sua primeira defeza: ora não sendo facil, nem de modo algum politico conceder já aquella igualdade para apparecerem homens de côr nos primeiros empregos, é evidente, que muito convém ter a maior politica com a situação destas classes desarmando-as delicada e prudentemente.

E tanto mais quanto sendo estas classes as que menos tem que perder, e menos laços tem sociaes, são as mais aptas para sustentarem emprezas arrojadas e tresloucadas, mais subversivas.

O general Labatut devendo estar firme destes principios, ao contrario formou um batalhão inteiro de libertos, dos escravos tirados do Engenho dos Teixeiras Barbózas.

O Conselho não pode approvar esta medida, não só por aquelles motivos, mas até porque devendo aquelles bens pertencerem um dia á Fazenda publica, muito interessava esta em que fossem conservados e bem administrados; o que não se poderia conseguir sem aquelles braços.

Mas emfim deixou passar, e cuidou logo de espreitar a opinião publica, e vendo que esta se declarava contra inteiramente, incumbio ao Brigadeiro José Egidio Gordilho de Barbuda houvesse de demonstrar ao general o impolitico que era approvar um batalhão só de pardos, chamados de artilheiros de Sua Magestade Imperial, que desde o começo de nossa regeneração queriam formar, com a clausula de serem somente pardos os officiaes subalternos e superiores; podendo o general dividir as praças, que delle fossem, por todo o Exercito.

E' quando o General manda um Capitão de Cavallaria José Gomes Moncorvo com plano para se fazer por toda a Provincia uma contribuição voluntaria de escravos pardos, cabras e crioulos e assim reforçar o Exercito: e não contente com este official aliás prudente e honrado, dá uma Portaria ao Capitão dos mesmos libertos, de que já fallamos para fazer uma derrama de escravos dos Europeos emigrados, afim de prehencher o mesmo Batalhão de libertos já formado.

Na Provincia da Bahia, Exm. Snr., existem mui perto de quinhentos engenhos, e um sem numero de pequenos proprietarios; indo por tanto avante o projecto, levantar-se-hia de repente na Provincia uma força de quatro mil libertos, sem que se tenham esgotado os meios de recrutamento forçado que tanto cumpre primeiro proceder.

Pondere pois V. Ex. o risco que se ia a correr armando assim aquelles que mesmo desarmados procuram quebrar os ferros do captiveiro para se igualarem ás outras classes sociaes. O Conselho vendo que o general Labatut não tinha feito secreta a proposição, como devera, para depois de bem averiguada ser decidida; e não podendo tomar sobre si a responsabilidade de negocio de tanta importancia, quando já pelas ruas em outra coisa não fallavam os pardos, cabras e crioulos; finalmente dizendo o mesmo general que se consultassem as Camaras, incumbio essa decizão ás cinco camaras principaes para que, convocando proprietarios, com elles decidisse o que conviesse, decidindo já a desta Villa que dariam a resposta do dia da sessão a trinta dias.

Exm. Senhor, si este general fosse prudente, não teria o publico de se ver assim ameaçado.

Quando aquella medida fosse de conceber-se

não era nunca para avental-a com publicidade; o General devera primeiro consultar em segredo o Conselho, e, com o parecer deste, decidir-se o que se devera fazer, nunca incumbindo tal negocio a um Capitão dos proprios libertos, que interessando na realização d'aquelle plano, não cessava de conversar com escravos, sendo até pelas ruas cercado por elles.

O Conselho finalmente é de parecer, que nunca se tome similhante medida; mas que no caso de assim decidirem as Camaras, é igualmente de voto, que nunca se formem Batalhões, nem mesmo companhias de libertos; mas sim que sejam derramados por todo o Exercito.

E sendo este negocio da maior importancia o Conselho o recommenda a V. Ex. para que o apresente mui especialmente a Sua Magestade Imperial Constitucional para tomar sobre isso uma providencia a mais prompta.

O General pouco tem cuidado de harmonizar-se com o Conselho; seus insultos são frequentes, ainda depois da Portaria do Exm. Ministro da Guerra, em que o adverte de o fazer, participando ao Conselho suas operações, e obrando com elle de accordo.

Ao conhecimento de V. Ex. levamos os documentos ns. 12, 13 e 14; por elles se conhece qual a conducta deste General.

Ella obrigou o Conselho a publicar no dia 6 de Março proximo passado a ordem do dia e Portarias por copias ns. 15, 16, 17 e 18; porquanto querendo este tyranno esmagar d'um golpe um cidadão honrado, e até sem respeito a estar elle empregado pelo Governo em seu serviço, o ajudante de ordens do Conselho o proprietario Tenente Coronel de Milicias Manuel Ignacio de Lima, man-

dando-o prender por mera intriga de reptis que o rodeam, como consta do que mandou imprimir o sobredito Tenente Coronel na folha intitulada o *Independente Constitucional*, se oppoz o Conselho com a Portaria n. 19; pois quando fosse culpado devera o General attender que era ajudante de ordens do Governo para com elle ter attenção, não sendo ainda explicitamente Commandante em chefe de toda a força da Provincia.

E para se evitarem similhantes procedimentos, o Conselho depois de aprofundar o mais possivel a materia, baixou as portarias e ordem do dia, por copias já citadas, com os fundamentos n'ellas mesmo exarados.

E assim estava mais tranquillo e seguro o cidadão tanto militar como paisano, quando chegou a portaria do Exm. Ministro de Guerra de 22 de Janeiro, a que obedecendo como devera religiosamente o Conselho, no dia seguinte mandou publicar pela imprensa a circular n. 20 consentindo em haver chefe de força armada, que logo o General mandou para aqui.

Hum caso igualmente extraordinario acontece agora com o ajudante d'ordens do Conselho o Coronel de Milicias Manoel da Silva Daltro, incumbido de ir organizar em Caetité o corpo que por Portaria de 22 de Novembro do anno proximo assado se mandou organizasse ali o Conselho em consequencia da representação d'aquelles Povos.

O Conselho devera desempenhar aquella ordem, mas o General, que não cuida de atacar o inimigo, e sim o Governo e a tranquillidade da Provincia, imagina ter sido aquelle official inimigo d'esta causa logo ao principio, manda tirar uma devassa, e prendel-o incontinentemente ao logar, onde elle se

achasse em caminho para Caetité; tudo por vingança e desfeita a este Conselho.

Que se importava o General com este Official, se quando chegou á Provincia já elle havia se justificado, em consequenciado que o Governo o tomou para seu ajudante d'ordens, visto ser já idoso, e sobremaneira adoentado de rheumatismo, e por consequencia habil para este serviço, mas não para os combates.

Esteve em segredo tanto tempo para o General a conducta criminosa d'este official Brasileiro, afa-zendado, casado, e carregado de filhos, e só agora apparece para ser devassado?

Não são necessarias muitas reflexões para conhecer a indignidade de tal procedimento.

Emfim, Exm. Senhor, presentemente é um crime ser affecto ao Governo, ou fallar em seu abono.

E aquelle infeliz vai ter a sorte mais desgraçada, tão sómente por ser ajudante d'ordens do Conselho.

Era necessario ter o Conselho o coração de bronze para se não magoar como cumpre á vista de tão revoltantes despotismos.

E' este um objecto que o Conselho põe na presença de Sua Magestade Imperial para que de prompto salve a innocencia dos tormentos, só proprios do crime.

Este General pretendia fazer aqui o mesmo que fez em outras Provincias desgraçadamente; e por outro lado vendo publicos seus crimes e desvarios pretende já arrastar com a sua queda a perda e ruina de toda a Provincia.

A de Sergipe d'ElRei ainda hoje se recente da conducta de Labatut; e talvez hoje esteja em commoções, como por officio tem sabido este Con-

selho e já a esta hora o saberá V. Ex.; tudo por causa d'este General.

O que posto, Exm. Senhor, e vendo o Conselho que está chegado o inverno, tempo em que é inteiramente impossivel sustentar abastadamente o Exercito se este occupar as immedições do Norte como occupa; e por outro lado vendo o Conselho a necessidade que temos de mil recursos, não lhe sendo talvez possivel enumerar todos, e desejando ter n'essa Côrte um Procurador, que por ora os agencie, nomeou segunda vez pela Acta por copia n. 21 o Secretario do mesmo Conselho Francisco Gê Acayaba Montezuma para, juntamente com o Coronel Francisco Maria Sodré, exporem à sua Magestade Imperial as precisões desta Provincia, o estado deploravel em que se acha, as funestas consequencias que de repente podem apparecer, e finalmente tudo quanto convém a bem da Causa, que corajosamente temos proclamado.

Sendo d'ellas as mais notaveis:—1.º Hum bloqueio tal que se possa oppor ao do inimigo já reforçado com seis fragatas;—2.º O Corso, ao menos parcial á esta Provincia;—3.º Polvora toda que puder ser remettida;—4.º Enxofre e salitre para se cá fazer a que puder ser;—5.º Fardamento que ainda não chegou nenhum;—6.º Remedios que já não existem na provincia, ferro, aço, latão e cobre em chapa, chumbo, papel, brim, lona e massames, baetas, folha de flandres, e petrexos navaes e de terra;—7.º finalmente tudo mais que o Deputado d'este Conselho Francisco Gê Acayaba Montezuma houver de lembrar a V. Ex.

Deos Guarde a V. Ex.—Salla das Sessões na Villa da Cachoeira aos 16 de Abril de 1823, 2.º da Independencia e do Imperio.

Illm. e Exm. Senhor José Bonifacio de Andrada

e Silva. (Assignados os Membros do Conselho Interino de Governo da Provincia).

N. 19. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.
O Conselho Interino de Governo da Provincia da Bahia leva ao conhecimento de V. Ex., para o fazer presente a sua Magestade o Imperador, o nobre effeito do patriotismo do Doutor Intendente Interino dos Diamantes Luiz José Fernandes de Oliveira, promovendo n'aquelle lugar uma subscrição pecuniaria, com a qual fez donativo a esta Provincia do que consta da lista por copia.

Assim, o fogo patriotico faz de todos os brazileiros uma só familia para, por uma só vontade e reunião das individuaes forças de cada hum, coadjuvarem a entronização da Augusta, e Liberal Causa da Salvação e Independencia Brazileira sob os Auspicios do Pai Magnanimo, que lhe fora dado pela Providencia.

Deos Guarde a V. Ex. Salla das Sessões na Villa da Cachoeira aos 16 de Abril de 1823, 2.ª da Independencia e do Imperio. Illm. e Exm. Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva. (Assignados os Membros do Conselho Interino de Governo da Provincia.)

N. 20.—Illustrissimo e Exm. Senhor.

Em continuação do officio de 16 do mez de Abril proximo passado, o Conselho Interino de Governo da Provincia da Bahia tem a honra de render a V. Ex., que se dignará de fazer subir á Augusta presença de Sua Magestade, o Imperador, a devida conta dos seus ultimos e derradeiros trabalhos.

Depois de haver o Conselho observado exacta e fielmente as Imperiaes ordens, determinando a immediata reunião dos collegios eleitoraes das Comarcas de Jacobina e Porto Seguro por portaria dirigida aos Presidentes Interinos dos mesmos collegios, como já constou a V. Ex., mandou chamar à esta Villa, interina Capital, o Ouvidor de Porto Seguro, e Juiz de S. Matheus, para que respondessem pela demora que tinha havido na remessa das listas dos seus respectivos districtos, pela Portaria n. 1.

E para que lhe não faltassem seguros dados para adoptar quaesquer outras medidas acerca dum negocio tão importante, dirigio á Camara desta Villa a Portaria n. 2.

Quatro dias depois recebeu o Conselho o officio n. 3 da Camara da Villa de S. Matheus; e quasi no mesmo instante, fundado nas razões evidentemente solidas da Portaria n. 4, ordenou que se procedesse ao acto da apuração final.

Affixando a Camara em consequencia d'esta Portaria os competentes Editaes, marcando um prazo longo, o Conselho julgou do seu dever advertir á mesma Camara, que restringisse por novos Editaes aquelle prazo e quanto antes verificasse a desejada apuração, como se vê da Portaria n. 5,

Não sendo compativel com as actuaes circumstancias, que a Junta da Fazenda, estabelecida n'esta Villa Capital, continuasse a operar com o titulo de—Commissão de Thezouro, pelas razões ponderadas na Portaria n. 6, expedida em consequencia de representação da mesma Commissão, o Conselho entendeu substituir aquelle Titulo pelo de Junta de Fazenda Publica.

Achando-se felizmente a Casa da Moeda aberta n'esta mesma Villa, em estado de começar o seo

importantissimo trabalho, não duvidou o Conselho determinar pela Portaria n. 7, que a sobredita Junta da Fazenda Publica dêsse exercicio na mesma Casa aos Officiaes d'ella, que havendo emigrado da Cidade, se achassem no Reconcavo.

E porque fosse de absoluta necessidade occorrer aos meios de fazer affluir á predicta casa a maior quantidade possivel de metaes preciosos, resolveo o Conselho pelo Edital n. 8 não só convidar os cidadãos a venda delles, senão isentar das penas do Quinto-Vintena todo o oiro em pó, que dentro do termo de cincoenta dias fosse dado a manifesto em a mesma Casa.

Apenas se verificou a nunca assás desejada e feliz chegada da esquadra nacional e imperial commandada pelo 1.º almirante Lord Cochrane, o Conselho, annunciando pela Proclamação n. 9 tão fausta noticia, cuidou desde logo no estabelecimento de depositos de viveres, ou de toda casta de vitualhas para a mesma esquadra, como pode constar da Circular n. 10, e na abertura de um emprestimo em acções de 100\$000, mandando pela Portaria n. 11 crear uma Caixa para o seu recebimento.

E sendo provavel que a esquadra, exposta á sorte dos combates, careça de reparos e antennas não esqueceo ao Conselho dirigir a Portaria n. 12 ao administrador dos córtes nacionaes em Valença, para que tomasse as convenientes medidas.

Sobre as incessantes providencias que ha dado o Conselho, instado pela urgencia publica, e de conformidade com a Imperial ordem, emittida pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda em data de 2 de Janeiro deste anno, para haver por meio de donativos e emprestimos, dinheiros e

generos, com que podesse fazer face ás extraordinarias despezas da guerra, julgou o mesmo Conselho que devia pelo Edital n. 13 intimar aos devedores socios ou procuradores dos Portuguezes residentes na cidade, e para ella emigrados deste Reconcavo, que entrassem para o thesouro publico com as quantias de seu debito, ou com outras, que, sendo propriedade dos ditos Portuguezes, se achassem por qualquer titulo em suas mãos.

Mas comquanto promettesse esta medida vantajosos resultados, não tem produzido ainda o seu esperado effeito.

Não restando ao Conselho esperança alguma de recolher aos cofres da Fazenda os fundos necessarios para tantas e crescentes despezas, tomou dante-mão, como exigia a prudencia, o arbitrio de dirigir o Officio n. 14 ao governo provisorio de Pernambuco, deprecando-lhe pelos motivos exarados no mesmo officio, a sua influencia e favor para se contrahir por conta da Fazenda Publica desta Provincia, um emprestimo de 80:000\$000, ou com o Thesouro Publico daquella, havendo saldo, ou com o Corpo do Commercio da mesma, hypothecando os rendimentos d'Alfandega da Bahia, e offerecendo o premio de meio por cento ao mez.

E para que se promovesse este negocio com a maior actividade, auctorisou o Conselho pela credencial n. 15 a Antonio Salustiano Ferreira dos Santos, escrivão da Vedoria para realisar em Pernambuco o mencionado emprestimo.

O Conselho interino affirma a V. Ex. que tem dado, como releva a Felicidade Publica, a mais prompta e religiosa execução a todas as Imperiaes ordens que lhe hão sido dirigidas por V. Ex.

Igualmente penetrado da mais viva satisfação annuncia o Conselho a V. Ex., que se acha eleito

o governo provisorio, que em virtude da Carta Imperial de 5 de Dezembro do anno passado, devia substituir-lhe, como consta do officio n. 16 da Camara desta Villa.

Cumpra agora ao Conselho interino participar a V. Ex., que o Exercito Pacificador acaba de prender à ordem do Imperador ao General Labatut, pelas razões ponderadas nos termos que, em Conselho militar, fizeram as differentes brigadas do mesmo exercito, os quaes devem de subir ao alto conhecimento de Sua Magestade Imperial pela respectiva Secretaria d'Estado; por onde tão bem conhecerá V. Ex. qual fora em tão melindrosa crise a conducta deste Conselho, a cujo alcance não esteve nem o prevenio por sua officiosa mediação aquelle acontecimento, operado em breves instantes a trinta legoas de distancia da séde do mesmo Conselho, nem tão pouco o restituir o preso General ao seu posto.

E porquanto não deva omittir-se meio algum tendente ao conhecimento exacto da verdade dos factos que produziram aquelle acontecimento no Exercito, e o mais que occorrera por occasião delle, afim de que Sua Magestade Imperial seja plenamente informado; mandou o Conselho pela Portaria n. 17 proceder a uma Devassa, assim como mandou pela Portaria n. 18, executar a outra que, em Janeiro passado, expedira para se devassar sobre a invenção do Thesouro dos Teixeiras Barbosas.

Finalmente aguardando o Conselho Interino com fervorosa anciedade o desejado momento de arredar de suas mãos fracas e debeis o leme publico desta Provincia, para o entregar a quem com mais acerto, prudencia e sabedoria o possa mover, não duvida significar por fim a V. Ex., appellando para

o testemunho de sua consciencia pura e tranquilla, que jãmais errou senão pela debilidade do seu entendimento, e que não deu um só passo na espinhosa carreira do seu governo, ha perto de nove mezes começado, que se oppuzesse ao glorioso fim de sua installação, ou que não fosse mais ou menos directa e efficaçmente conducente a promover e sustentar a Regencia, e o Imperio de Sua Magestade Imperial o Senhor Dom Pedro Primeiro, e a Independencia Politica do Brazil.

Deos guarde a V. Ex.—Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 28 de Maio de 1823, 2º da Independencia e do Imperio.

Illm. e Exm. Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva.—(Assignados os membros do Conselho interino do governo da Provincia).

N. 21.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Fica este Conselho Interino de Governo na intelligencia de cumprir pela parte que lhe toca o Imperial Decreto de 14 de Janeiro proximo passado, que lhe foi transmittido por essa Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio com Portaria de 24 do dito mez sobre as condições com que podem ser admittidos os subditos de Portugal que chegarem a qualquer dos Portos do Brazil.

Deos Guarde a V. Ex.—Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 30 de Maio de 1823.

Illustrissimo e Excellentissimo Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva.—(Assignados os Membros do Conselho Interino de Governo da Provincia).

N. 22.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

A fausta noticia communicada a este Conselho Interino de Governo, pela Imperial Carta datada de 17 de Fevereiro proximo passado, de ser Deos Nosso Senhor servido abençoar este Imperio com uma Infanta, que nascera n'aquelle mesmo dia, de Sua Magestade a Imperatriz, foi applaudida em toda esta Provincia com aquellas demonstrações de jubilo e contentamento, que são do costume em occasiões similhantes.

Deos Guarde a V. Ex.—Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 30 de Abril de 1823.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva. (Assignados os Membros de Governo da Provincia).

— —

N. 23.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

Foi presente a este Conselho Interino de Governo a Portaria de 15 de Abril proximo passado, expedida por essa Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio, pela qual manda Sua Magestade Imperial que o Secretario do mesmo Conselho Francisco Gomes Brandão Montezuma vá a essa Côrte não só para provar a accusação, que fez subir a Sua Augusta Prezença contra o General Labatut, mas para se defender de outras que se lhe fazem.

A similhante respeito tem o Conselho de significar a V. Ex., que antes de receber a precitada Portaria já havia partido para essa Côrte por via de terra o dito Secretario que ahi se apresentará a V. Ex.

Deos Guarde a V. Ex. Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 30 de Maio de 1823.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva.

(Assignados os Membros do Conselho Interino de Governo da Provincia).

N. 24.—Foi presente a este Conselho Interino de Governo a Portaria de 5 de Janeiro proximo passado expedida por essa Secretaria d'Estado pela qual Manda Sua Magestade o Imperador que o Governo Provisorio d'esta Provincia faça constar aos Deputados, por ella eleitos para a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brazil, a necessidade de partirem com a possivel brevidade para essa Côrte, por ser da mais alta importancia a sua reunião n'ella com as das differentes Provincias que devem formar a referida Assembléa, afim de que elles comecem quanto antes as sublimes funcções, como é necessario.

Sendo simultanea a nomeação dos sobreditos Deputados com a do Governo Provisorio da Provincia, que vai entrar no exercicio de suas funcções, a este e não ao actual Conselho Interino parece que cumpre dar execução á predita Portaria, facilitando áquelles Deputados os meios precisos ao seo transporte em observancia da Imperial Determinação.

Deos Guarde a V. Ex. Sala das Sessões na Villa da Cachoeira aos 31 de Maio de 1823.

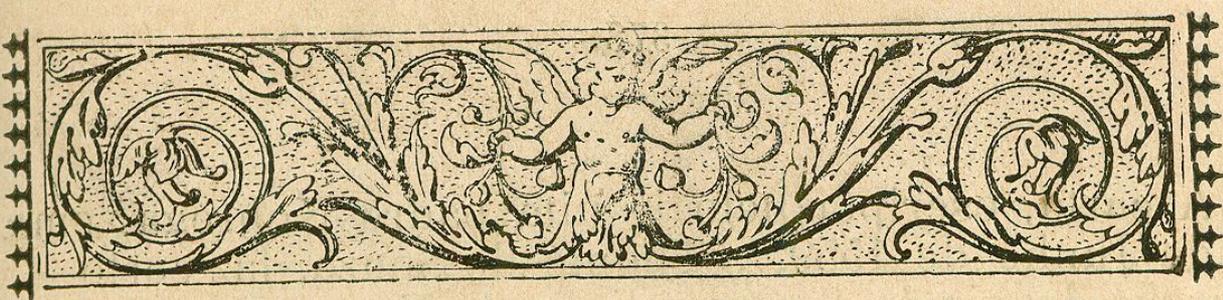
Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José Bonifacio de Andrada e Silva.—(Assignados os Membros do Conselho Interino de Governo da Provincia).

N. 25.—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. O Conselho Interino de Governo d'esta Provincia leva á prezença de V. Ex. para seu conhecimento desde os ns. 1 até 13 as folhas do «Independente Constitucional» redigidas e publicadas n'esta Villa por meio da Imprensa Nacional.

Deos Guarde a V. Ex.—Sala das Sessões na
Villa da Cachoeira aos 31 de Maio de 1823.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor José
Bonifacio de Andrada e Silva—(Assignados os
Membros do Conselho Interino de Governo da
Provincia).

(Continúa).



EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

MARÇO

1.º de Março

—Em 1553, foi expedida a patente, nomeando D. Duarte da Costa para governador do Brazil, o qual chegou á Bahia em 13 de Julho, trazendo em sua companhia 16 jesuitas, entre os quaes o celebre padre José de Anchieta.

A D. Duarte, principalmente, se deve a conquista de todo o *reconcavo*, pois os aborigenes que povoavam este fugiram quasi todos para as mattas do sertão, tenazmente perseguidos por tropas, que o governador em pessoa commandava, e foram coadjuvadas por alguns colonos, e até pelos muitos degradados, então existentes no paiz.

Nessa luta, ferida entre a civilisação e a barbaria, salientou-se D. Alvaro da Costa, filho do dito governador; o qual tem seu nome vinculado á historia desta cidade, visto como a capitania do Paraguassú foi-lhe dada em 1756, conforme em outro lugar menciono.

Mas, D. Alvaro não fundou povoação alguma, e limitou-se a retalhar algumas porções de terreno, doando-as a particulares.

A carta, escripta pelo jesuita padre Nobrega, em 5 de Junho de 1559, a Thomé de Souza, faz certo—que só depois da 3.^a expedição de Vasco Rodrigues de Caldas, mandada pelo 3.^o governador Mendo de Sá Barretto contra os indios do Paraguassú, foi que se poudo abrandal-os, a elles que andavam por todo o reconcavo assassinando homens e talando campos.

Como quer que fosse, a verdade é—que ainda em 1611 e 1621 varios pontos do reconcavo viram-se invadidos e simultaneamente infestados pelo gentio, não tendo podido contel-os os esforços empregados pelo governador Antonio Telles da Silva, e por seu successor o conde de Villa-Pouca.

E mesmo quando o conde de Castello-melhor assumiu a governança os habitantes do reconcavo de nenhuma tranquillidade gozavam.

A situação, porém, melhorou consideravelmente desde quando Gaspar Rodrigues Adorno foi nomeado capitão-mór; pois que este, apoiando-se nos moradores da zona perturbada, conseguiu repellir afinal os selvícolas, que o capitão-mór Domingos Barbosa Calheiros concentrou na serra da Jacobina.

Não obstante, novas investidas os selvagens fizeram, e tão sérias, e tão frequentes, que a guerra movida contra elles ainda durou 50 annos.

Sobram razões para acreditar-se—que as terras, conhecidas por *Cachoeira*, foram doadas ao capitão Gaspar Adorno, pae do capitão João Rodrigues Adorno, como recompensa dos serviços valiosos por *elle prestados nessa mortifera campanha*.

—Em 1700, o rei dirigiu de Lisboa uma carta ao governador e capitão-general do Estado do Brazil, estranhando o procedimento que em geral se tinha para com os escravos; visto como, observava sua magestade, *punham os senhores taxa certa aos ditos escravos do que lhes haviam de dar cada semana do lucro de seu trabalho corporal, podessem ou não com elle; e as senhoras o faziam ainda peor para com as escravas costureiras, dando-lhes pouco de comer*

e nada para vestir, do que succediam graves offensas a Deus contra a castidade.

No mesmo documento, nomea-se um certo Francisco Pereira de Araujo *que, segundo era corrente, cortara as orelhas a um, e pingara com lacre a outro escravo.*

Desgraçadamente, não só *pingar com lacre*, mas também *marcar com ferro ardente nos peitos e no rosto; executando a mutilação de membros*, era cousa muito trivial, no dizer daquella carta.

E pensar-se, entretanto, que só 188 annos depois foi possível pôr um termo a crueldades tamanhas, e ainda assim com a certeza antecipada de incorrer nas iras de muita gente, que aliás reputa-se distincta e christan; faz realmente descrer do prestigio da civilisação e das luzes deste seculo. . .

—Em 1823, o thesoureiro geral das tropas José Bento Pires de Figueiredo Camargo apresentou ao Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, um balanço donde consta que, no mez anterior, subira a 17:228\$204 a receita da thesouraria geral do exercito pacificador, tendo importado, no mesmo periodo, a despesa em 6:282\$393.

—Em 1836, foi concedido a João Diogo Sturzs o primeiro privilegio para a navegação por vapor entre esta e a cidade da Bahia (*lei provincial n. 22*).

O privilegio passou depois a uma companhia, representada por Amando H. Wood, cujo contracto foi mandado rescindir pela lei, provincial também, sob n. 248; celebrando-se então outro com Diogo Astley & C.

A 31 de Maio de 1847, o presidente da provincia foi authorizado pela respectiva assembléa a contractar ainda o mesmo serviço com a companhia *Bomfim*, que felizmente o realizou.

Durante o governo colonial, se tinha cogitado do mesmo assumpto, como opportunamente recordarei.

—Em 1893, falleceu no seu engenho, sito na freguezia do Iguape, do termo e comarca desta cidade,

o coronel Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão, com a idade de 62 annos.

—Em 1894, finou-se nesta cidade, o octogenario Jacomini Vaccarezza, natural da Italia, e um dos mais antigos industriaes estabelecidos no Estado.

2 de Março

—Em 1828, o vigario foraneo desta cidade, então villa, padre Francisco Borges de Figueiredo, benzeu, de ordem do arcebispo metropolitano, o primeiro cemiterio da Santa Casa de Misericordia, construido nos proprios fundos do respectivo hospital.

—Em 1857, o vereador Dr. Joaquim Moreira Sampaio, que era medico tambem, denunciou á Camara Municipal a verificação de alguns casos de febre amarella nesta cidade, os quaes foram, felizmente, sporadicos.

Em Novembro de 1853, outros casos tinham já sido observados.

Mas, em Janeiro e Fevereiro de 1850 foi que a terrivel epidemia fez aqui maior numero de victimas (Vide «Ephemeride» de 5 de Janeiro); si bem que, ainda assim, não tantas, quantas immolou ella na Feira de Sant'Anna.

—Em 1886, falleceu—depois de alguns dias de rebelde enfermidade—o capitão Francisco de Barros Amorim, 1.º juiz de paz de S. Felix, então districto pertencente ao termo e comarca desta cidade.

Negociante activo, e cidadão de prestigio real entre os seus comparochianos, ninguem o excedeu jámais no aferro ás idéas politicas do seu credo, nem na lealdade com que servia aos amigos, a custa mesmo de sacrificios de toda ordem.

—Em 1894, finou-se na freguezia de Santo Estevão de Jacuipe, do termo e comarca desta cidade, o coronel Vicente de Britto Leal, com idade superior a 70 annos.

Era ali fazendeiro, e durante algum tempo dispoz

de grande influencia eleitoral. Distinguiu-se sobretudo por sua indole pacifica, e seus sentimentos.

—Em 1897, os conservadores da linha, bem como os bombeiros da estrada de ferro *Central da Bahia* declararam-se em *grève*, que só terminou quando, ao cabo de quatro dias, o Ministro da Industria e Viação mandou elevar a 2\$000 a diaria que percebiam.

3 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, estabelecido nesta cidade, então villa, nomeou para seu ajudante de ordens o tenente-coronel Manuel Ignacio de Lima.

—No mesmo anno, a Camara Municipal de S. Mathheus fez sentir ao referido Conselho a impossibilidade, em que se achava, de cumprir a portaria expedida por este sobre a eleição de deputados á Constituinte, e membros do governo provisorio da Bahia, porquanto desde 22 de Janeiro aquelle municipio tinha sido annexado á Provincia do Espirito-Santo.

4 de Março

—Em 1669, reunindo-se a Meza Grande da Relação, segundo determinara o governador Alexandre de Souza Freire, tratou das repetidas invasões do gentio, que assolava parte importante do territorio bahiano.

Os selvagens tinham começado suas hostilidades, em 1611, por esta—naquelle tempo—capitania do Paraguassú, aonde foram assaltados o engenho e districto de Capanema (hoje do termo, e comarca de Maragogipe), assassinados os moradores do Aporá (actualmente do termo e comarca de S. Felix), e commettidas muitas outras atrocidades.

Depois, desceram elles pelo rio Paraguassú, e foram afinal surgir nas margens do Jequiriçá.

Tão graves tornaram-se os insultos e danos praticados pelo gentio, que o governador Antonio Telles

da Silva se viu coagido a declarar-lhe guerra de exterminio.

A esta guerra a Meza Grande da Relação qualificou de *justa*, e por isto resolveu que ella proseguisse sem tréguas, devendo ser convertidos em escravos todos os inimigos, que escapassem por acaso á morte.

—Em 1810, S. M. o Rei de Portugal mandou remetter ao Conde dos Arcos, capitão-general e governador da Bahia, sementes de fumo da Virginia, com as instrucções necessarias para o respectivo plantio, afim de serem distribuidas umas e outras a lavradores; *principalmente*, disse o ministro Conde de Aguiar, *aos do solo da Cachoeira, por ser mais proprio á semelhante cultura.*

—Em 1849, a Santa Casa de Misericordia desta cidade deliberou edificar o seu novo hospital, que foi levantado no mesmo logar onde o antigo existira.

—Em 1862, succumbiu em S. Gonçalo dos Campos, hoje villa, do termo e comarca desta cidade o padre Severo Cuim Atué que, como chefe de um partido politico em Jacobina sustentara lutas, que lhe deram certa celebridade.

—Em 1890, pavoroso incendio manifestou-se em casas da ladeira do Taboão, da Capital deste Estado.

Doze predios reduzidos a ruinas, e sete immensamente estragados, além de 50 pessoas mortas e outras tantas feridas, eis as consequencias do sinistro, causado por uma explosão de dynamite, verificada ás 8 1/2 horas da manhã na loja de Eduardo Avila.

Subiram a 250:000\$000 os prejuizos então soffridos.

Entre os feridos na tremenda catastrophe, contou-se o cidadão José Maria Covas, que residira por muito tempo entre nós.

5 de Março

—Em 1712, o Senado da Camara desta cidade, então villa do Porto da Cachoeira, mandou entregar as chaves da casa de Antonio de Carvalho

6 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, expediu portaria ordenando—que fosse Pedro Labatut reconhecido como general do exercito, reunido para expulsar as tropas lusitanas, que oppunham-se á independencia da Provincia; mas com jurisdicção somente sobre os militares e as pessoas empregadas no exercito.

Assim, pois, ficavam della excluidos todos que não pertencessem a qualquer das duas classes indicadas, embora empregados pelo mesmo Conselho *a bem da santa e justa causa da nação e do imperador*; cumprindo ao general deprecar ás autoridades civis a execução das medidas, porventura reclamadas pelo serviço publico, sempre que não tratasse do pessoal do exercito, propriamente dito.

Na mesma occasião, o Conselho fez publicar uma *ordem do dia*, declarando—não reconhecer por commandante da força armada ao coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas (depois Barão de Maragogipe), que havia sido nomeado pelo supradicto general Labatut.

Questão de predomínio essa, que foi posteriormente aggravada com risco de momentosos interesses da patria, e que—por mal nosso—renova-se de tempo em tempos...

—Em 1868, chegou a esta cidade a noticia da passagem de Humaytá, fortaleza em que os paraguayos confiavam cegamente, reputando-a inexpugnável.

O povo cachoeirano entregou-se então ás mais vivas demonstrações de regosijo, comprehendendo que esse feito contribuíra poderosamente para a gloriosa terminação da luta, em que os brios e a liberdade de nossa patria achavam-se empenhados.

7 de Março

—Em 1859, lançou-se a primeira pedra para construcção de um theatro, no alto da Conceição do Monte, desta cidade.

Afim de levar a effeito o louvavel emprehendimento organizou-se uma sociedade, que calculou mal os recursos com que poderia contar.

Derivou-se dahi—que a obra, planejada com desmedida largueza, só nos alicerces absorveu a somma, destinada a toda ella.

E nos alicerces ficou.

Muitos annos depois, foram elles aproveitados para um predio particular, que naquelle local se edificou.

—Em 1892, foi aberta ao transito publico a nova ponte, mandada construir pela Intendencia Municipal para ligar a praça *Maciel* á da *Regeneração*, nesta cidade.

—Em 1894, falleceu na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o capitão José Antonio Fernandes Serra, negociante e fazendeiro assás conhecido.

Era sexagenario.

8 de Março

—Em 1701, Pedro Fernandes Aranha offereceu-se para construir e armar a sua custa dous *castellos*; um na Cachoeira, e outro em S. Francisco: sob condição de se lhe fazer mercê da alcaidaria-mór de uma dessas villas.

O rei mandou que o Governador informasse, mas a resposta deste jamais veio á luz.

A julgar por ahi, de duas uma: ou a cobiçada alcaidaria-mór era um cargo de importancia excepcional ou Pedro Fernandes não valia um caracol.

—Em 1750, o vice-rei do Brazil, D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes Athayde, 10º Conde de Atouguia, solicitou do governo de Lisboa a criação do logar de juiz de fóra nesta cidade, que era

6 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, expediu portaria ordenando—que fosse Pedro Labatut reconhecido como general do exercito, reunido para expulsar as tropas lusitanas, que oppunham-se á independencia da Provincia; mas com jurisdicção somente sobre os militares e as pessoas empregadas no exercito.

Assim, pois, ficavam della excluidos todos que não pertencessem a qualquer das duas classes indicadas, embora empregados pelo mesmo Conselho *a bem da santa e justa causa da nação e do imperador*; cumprindo ao general deprecar ás autoridades civis a execução das medidas, porventura reclamadas pelo serviço publico, sempre que não tratasse do pessoal do exercito, propriamente dito.

Na mesma occasião, o Conselho fez publicar uma *ordem do dia*, declarando—não reconhecer por commandante da força armada ao coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas (depois Barão de Maragogipe), que havia sido nomeado pelo supradicto general Labatut.

Questão de predomínio essa, que foi posteriormente aggravada com risco de momentosos interesses da patria, e que—por mal nosso—renova-se de tempo em tempos...

—Em 1868, chegou a esta cidade a noticia da passagem de Humaytá, fortaleza em que os paraguayos confiavam cegamente, reputando-a inexpugnavel.

O povo cachoeirano entregou-se então ás mais vivas demonstrações de regosijo, comprehendendo que esse feito contribuiria poderosamente para a gloriosa terminação da luta, em que os brios e a liberdade de nossa patria achavam-se empenhados.

7 de Março

—Em 1859, lançou-se a primeira pedra para construção de um theatro, no alto da Conceição do Monte, desta cidade.

Afim de levar a effeito o louvavel empreendimento organizou-se uma sociedade, que calculou mal os recursos com que poderia contar.

Derivou-se dahi—que a obra, planejada com desmedida largueza, só nos alicerces absorveu a somma, destinada a toda ella.

E nos alicerces ficou.

Muitos annos depois, foram elles aproveitados para um predio particular, que naquelle local se edificou.

—Em 1892, foi aberta ao transito publico a nova ponte, mandada construir pela Intendencia Municipal para ligar a praça *Maciel* à da *Regeneração*, nesta cidade.

—Em 1894, falleceu na freguezia da Conceição da Feira, do termo e comarca desta cidade, o capitão José Antonio Fernandes Serra, negociante e fazendeiro assás conhecido.

Era sexagenario.

8 de Março

—Em 1701, Pedro Fernandes Aranha offereceu-se para construir e armar a sua custa dous *castellos*; um na Cachoeira, e outro em S. Francisco: sob condição de se lhe fazer mercê da alcaidaria-mór de uma dessas villas.

O rei mandou que o Governador informasse, mas a resposta deste jamais veio á luz.

A julgar por ahi, de duas uma: ou a cobiçada alcaidaria-mór era um cargo de importancia excepcional ou Pedro Fernandes não valia um caracol.

—Em 1750, o vice-rei do Brazil, D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes Athayde, 10º Conde de Atouguia, solicitou do governo de Lisboa a criação do logar de juiz de fóra nesta cidade, que era

ainda villa, mas ia já num desenvolvimento sempre crescente.

—Em 1891, falleceu—com 67 annos de idade—o pharmaceutico Aristides Ferraz Moreira, muito bem reputado na sua arte.

Em certo tempo tomara parte activa nas lutas partidarias, travadas quer aqui, quer nas Lavras Diamantinas; mas, voltando a residir nesta cidade, em 1879, abandonara de todo a politica.

9 de Março

—Em 1754, o procurador do Conselho desta cidade, então villa, propôz a construcção de uma ponte, que ligasse a mesma villa á fronteira povoação de S. Felix.

Para resolver sobre tão importante assumpto, e principalmente para cada qual declarar a quantia, com que contribuiria para se levar a effeito aquelle projecto, foi convocado o povo á praça publica.

De accordo com os estilos da época, as pessoas residentes dentro da villa receberam convite, expedido pelo escrivão da illustre edilidade; e a *mais plebe* (palavras textuaes da acta respectiva) foi chamada por simples portaria.

A reunião foi grandemente concorrida. Nella tratou-se da questão com o maior enthusiasmo, e para fecundar a idéa choveram promessas em profusão.

Tudo, porém, fahou de modo desconsolador!

Decorrido muito mais de um seculo, foi que a companhia da estrada de ferro *Central da Bahia* conseguiu realisar o sonho, em que aquella geração havia se embalado.

Em todo o caso, antes tarde do que nunca

E a proposito lembrarei—que quando em 1826 D. Pedro I visitou a Cachoeira, então villa, o povo requereu á sua magestade—que a elevasse á cathegoria de cidade, com a denominação de Petropolis.

Em resposta, o imperador declarou—que só con-

cederia a mercê solicitada, quando ficasse concluída a ponte de alvenaria, já começada para S. Felix.

Quer essa, quer as outras condições que D. Pedro I impoz aos requerentes, estão consignadas no aviso de 20 de Abril de 1826.

—Em 1840, foi publicada sob n. 112 a lei provincial, mandando levantar o recenseamento da população de toda a Bahia; e dentro de alguns mezes foi remetida para aqui, afim de ser opportunamente executada.

10 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, tendo em consideração a conveniencia de estreitar o assedio da capital, decretou—que ninguem negociasse em viveres dentro da provincia, sem primeiro obter licença e passaporte.

—Em 1832, foi installada no salão do convento de S. Francisco do Paraguassú, da freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade, então villa, a sociedade de *Agricultura, commercio, e industria da Bahia*.

A' reunião, promovida pelo Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, que morreu marquez de Abrantes, estiveram presentes 44 proprietarios.

Infelizmente, frustou-se tão patriotica e bella tentativa.

—Em 1865, chegou a esta cidade a noticia da capitulação de Montevidéo, diante das forças brazileiras victoriosas.

A camara municipal fez percorrer as ruas *um bando*, afim de annunciar ao povo o jucundo acontecimento.

E o povo andou delirante, n'uma passeiata civica, por tres noutes consecutivas, durante as quaes algumas casas pozeram luminarias, espocou muito foguete, e o hymno nacional foi por toda parte entoado.

—Quando a população entregava-se, assim, a en-

thusiastico e justo regosijo, cerrava os olhos à luz da vida João da Matta Francfort, excellente professor de linguas, nesta cidade.

A cincoenta e dous dias apenas havia se casado, contando 28 annos de idade.

A variola victimou-o.

—Em 1893, foi aqui publicada a noticia de haver fallecido, no Estado de S. Paulo, o Dr. Aureliano Pereira Pinto de Souza, formado em medicina, e natural desta cidade.

Tinha idade superior a 40 annos.

11 de Março

—Em 1782, o juiz de fóra desta cidade, então villa, Dr. Marcelino da Silva Pereira dirigiu-se ao Marquez de Valença, participando-lhe o descobrimento de grandes minas de cobre, no lugar conhecido por *Momocabo*, da freguezia do Iguape.

Momocabo demora cerca de 12 kilômetros a sueste desta cidade.

O Dr. Silva Pereira fora informado pelo alferes de *Henrique Dias* (quer dizer—homem preto) de nome Antonio Machado Trindade, que adiantou—já ter o capitão Antonio Gonçalves de Aguiar e Souza, proprietario da fazenda *Guahyba*, transportado para sua casa uma grande pedra do estimado metal.

O juiz, acolhendo a noticia, que lhe fora dada aliás a titulo de denuncia, fez expedir no dia 20 do mesmo mez, mandado de sequestro contra o referido capitão que, por effeito da diligencia judiciaria, converteu-se em depositario da pedra em cuja posse estava já desde muito.

Por ordem do governo, trabalhou-se algum tempo nas minas alludidas, tendo sido—logo em começo—encontrado *um lhetão de cobre, pesando mais de uma arroba*; e pouco depois diversos grãos de ouro, do toque de 233/8 quilates, conforme verificou—no exame, feito pelo ensaiador da casa da moeda—

Clemente Alves de Aguiar, em presença do governador da Bahia.

No museu de Lisboa, deve existir um pedaço de cobre fino maciço, ou antes ouro muito baixo, com o peso de 840 kilogrammas approximadamente, extrahido das minas do *Momocabo*.

O sargento-mór de artilheria, addido ao estado maior do exercito, Guilherme Christiano Feldner escreveu preciosa *Memoria*, propondo ao governo que estabelecesse aqui na Cachoeira, ou no arraial de Belém, uma fundição para aproveitar o ferro que, segundo elle, existe em abundancia no Iguape. Mas, até hoje o minerio lá continúa em repouso...

Uma nota interessante. O *furo* do Acupe, formado pelas aguas do Iguape, através do paredão, que forma a *conca* da bahia, constitue um phenomeno geologico, digno de estudo.

12 de Março

—Em 1834, a camara municipal requisitou da presidencia da provincia a remessa de certa porção de farinha de mandioca, afim de ser aqui retalhada ao povo pelo mesmo preço que custasse na capital.

A providencia alludida foi aconselhada pela circumstancia de haver esse genero de primeira necessidade attingido a um preço assás elevado; pois estava então sendo comprado por 1\$920 e 2\$240 cada quarta, que corresponde a 20 litros mais ou menos.

A farinha veio effectivamente, e foi vendida nas condições expostas; correndo por conta da camara as despesas de transporte e outras eguaes, que se tornaram necessarias.

Em 1889, a camara viu-se forçada a lançar mão daquelle mesmo alvitre, por ter chegado a farinha ao preço de 180 rs. o litro.

Mas, entre as duas épocas houve uma differença notavel: as contas relativas á primeira foram presta-

das regularmente, entretanto porém não succedeu com as da segunda.

Uma nota. Quando, em 1868, a farinha alcançou 50 rs. por litro, o clamor foi estrondoso e geral; sendo accusados do facto os *crueis atravessadores*.

A verdade é que já em 1825, o coronel J. Arnizáu chamava n'uma *Memoria*, contra o odioso vexame de *dinheirosos, mas não humanos, monopolistas e atravessadores regateões de generos de primeira necessidade*.

E para concluir: em 1823, a farinha foi vendida por 2\$500 cada quarta, a carne verde por 1\$000 a libra, uma gallinha por 9\$600, e por 960 reis cada duzia de ovos.

13 de Março

—Em 1817, foi expedida uma *carta regia* ao conde de Arcos, governador e capitão-general da Bahia, em que s. m. o rei de Portugal declarava fazer mercê a Joaquim do Livramento, esmoler da Casa dos meninos orphãos da cidade do Salvador, do edificio denominado *Seminario de Belém*, que pertencera aos jesuitas, e achava-se bastante arruinado, para que ahi se estabelecesse uma casa pia de educação destinada aos menores orphãos e desamparados, existentes nesta cidade, então villa, e seu districto.

Desconheço o motivo por que não foi levada a effeito a idéa do monarcha.

Joaquim do Livramento, é certo, fundou na capital o *Collegio dos orphãos de S. Joaquim*, aproveitando o edificio conhecido por *Noviciado*.

Mas, incontestavelmente uma casa de educação ficaria melhor collocada em Belém, cuja salubridade é paradisiaca; e sobretudo impediria que o *Seminario* viesse a baixo, como afinal aconteceu.

—Em 1837, a lei provincial n. 47 elevou á categoria de cidade, com o titulo de heroica, a villa da Cachoeira.

E ao mesmo tempo decretou—que o dia 25 de Junho fosse feriado na respectiva comarca.

De modo que a Cachoeira, freguezia desde 1696, e villa a contar de 7 de Janeiro de 1698, esperou 139 annos para subir de predicamento.

Confessemos—que hoje a *electricidade* facilita semelhantes ascensões . . .

—Em 1860, a camara municipal desta cidade resolveu—que se desse principio ao novo calçamento da povoação de S. Felix, que é hoje cidade tambem.

Para o referido fim foram contratados calceteiros na capital da provincia, hoje Estado.

E, na mesma data, a dicta camara concedeu a licença pedida por 34 cidadãos, que propuzeram-se a edificar, á margem esquerda do rio Pitanga, uma casa de banhos para servidão publica.

—Em 1880, aportou a esta cidade o eminente estadista barão de Cotegipe, a quem o partido conservador de que era chefe querido festejou com entusiasmo e orgulho, fazendo-se significativa e solemne recepção.

O preclarissimo bahiano, que foi uma gloria da patria brasileira, e cujo nome é agora invocado como o de propheta, que vaticinara todas as occorrenças testemunhadas pelo paiz de 1888 a esta parte, aqui deparou com um novo ensejo de avaliar a confiança e o respeito de que sua pessoa tornara-se o objecto extremecido.

O barão de Cotegipe, aproveitando a oportunidade, visitou então S. Felix, Moritiba, e Feira de Sant'Anna.

Em sua mocidade, elle havia passado dias felizes em todos esses logares; e é bem natural que, os revendo tantos annos depois, n'alma se lhe avivassem recordações e saudades.

Entre parenthesis. Quando o illustre estadista era apenas o Dr. João Mauricio Wanderley, iniciara-se elle n'uma loja maçonica, existente nesta cidade. Tenho em meu poder o recibo, que do pagamento

de sua joia de entrada passou-lhe o respectivo thesoureiro — Manuel da Costa e Souza.

Certo é que estiveram brilhantes a recepção, o banquete, o baile, e todas as outras festas, que realizaram-se aqui por ocasião da visita do chefe conservador.

Terminadas ellas, o saldo que ficara dos donativos recebidos foi remettido para a Santa Casa de Misericordia, depois de se haver tambem a custa d'elle obtido um gracioso mimo, destinado á capella de Nossa Senhora d'Ajuda.

—Em 1894, á tarde, recebeu-se n'esta cidade um telegramma, noticiando ter a esquadra revoltosa abandonado o porto do Rio de Janeiro, onde ancorava victoriosa a esquadra legal, ao mando do contra-almirante Jeronymo Francisco Gonçalves, bahiano, como bahiano tambem era o contra-almirante Custodio José de Mello, chefe do movimento que o governo combateu, e afinal esmagou.

14 de Março

—Em 1688, começou a fundação do convento do Carmo, comprehendida n'esta cidade pelo religioso fr. Manuel da Piedade, a quem o cap. João Rodrigues Adorno, e sua mulher D. Ursula de Azevedo haviam doado o terreno, necessario para o edificio.

O convento possui 9 cellas, 2 salões, refeitório, e cozinha.

Em 1692, já contava elle 6 religiosos, como attesta o governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coitinho, em carta dirigida ao rei, no dia 11 de Julho do dicto anno.

Em 1734, ficou terminada a capella do Sacramento, construida a expensas do coronel Lourenço Corrêa Lisboa, que dentro d'ella está sepultado.

Data de 1778 o bello frontespicio da egreja do Carmo, e, hoje, bastante arruinado.

A ordem do Carmo foi introduzida no Brazil, em

1580, sendo governador Lourenço da Veiga. Levantou ella o seu primeiro convento em Santos, do actual Estado de S. Paulo.

O segundo convento foi erigido no Rio de Janeiro; o terceiro, na cidade da Bahia; o quarto, na de Olinda (Pernambuco).

—Em 1837, as forças legaes, que combatiam, na Feira de Sant'Anna, os adeptos da *Sabinada*, soffreram grande revez; e viram-se obrigados a uma retirada, com muitas perdas.

O contingente de tropas, que desta cidade partira para ali, sob commando do tenente Antonio Joaquim de Castro, portou-se galhardamente, não obstante achar-se muito mal armado.

15 de Março

—Em cheiro de santidade, falleceu no anno de 1724 Fr. Alexandre de Gusmão, instituidor do Seminario de Belém, a 6 kilometros mais ou menos desta cidade, e para cuja edificação muito contribuiu, como auxiliar dedicado, o governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coitinho.

A sepultura do illustre religioso, existente na igreja do arraial daquelle nome, é muito reverenciada ainda hoje; principalmente pelas mulheres estereis, que acreditam perder o defeito desde quando se deitem sobre a lousa, que cobre os restos mortaes do virtuoso frade. . .

Infelizmente, não posso affirmar—que Fr. Alexandre fosse aparentado com o celebre Fr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, cognominado o *Voador*, por ter sido o inventor da navegação aerea; e que, tendo partido de S. Paulo onde nascera em 1685, chegou á Lisboa para fazer—perante a côrte—uma experiencia do seu maravilhoso invento.

Como se sabe, o balão subiu até á altura da *sala das embaixadas*, em 19 de Abril de 1709. E posto que a novidade não desse logo tudo quanto della se es-

perara, nada entretanto justifica o esquecimento a que votaram a idéa do engenhoso paulista.

Ainda hoje se discute sobre a direcção dos balões e, ao lado dos capitães francezes Reynaud e Krebs, podemos collocar os brazileiros A. Severo e Julio Cezar, que tambem suppozeram ter afinal resolvido o problema.

O convento de Belém foi fundado em 1686, tendo-se-lhe pouco depois construido á ilharga varias casas para pousada de peregrinos.

Em 26 de Julho de 1693, o capitão-general Camara Coitinho, a quem acima já me referi, mandou entregar a Fr. Alexandre 100\$000, com que Sua Magestade o rei dignara-se contribuir em favor do convento, onde ensinavam-se primeiras lettras e latim, *para serviço da Egreja e utilidade dos reaes vassallos.*

O retabolo da capella do convento era todo feito de fina tartaruga, de que hoje aliás não encontra-se fragmento sequer.

O seminario, destinado a meninos que precisassem ser instruidos na doutrina christan, dentro em pouco regorgitava de alumnos, que pertenciam na sua totalidade ás mais notaveis familias do Brazil.

Ao famoso estabelecimento encheu de beneficios o coronel de cavallaria Antonio de Aragão Menezes, que na velha egreja tem o tumulo poeirento.

—Em 1832, tendo se divulgado nesta cidade, então villa, a noticia de que na capital da Provincia fôra assassinado certo brazileiro, o povo, attribuindo a um portuguez a auctoria do crime, se levantou, fazendo embarcar para a Europa todos os naturaes do velho reino.

Só foi permittido que ficassem aquelles que tinham familia aqui. Prolongou-se até ao dia 16 a desordem.

Para restabelecer o imperio da lei a Camara Municipal mandou aquartellar 100 praças de milicias, contrahindo um emprestimo, afim de lhes pagar o soldo.

—Em 1865, falleceu nesta cidade o antigo negociante—Florentino Alves de Araujo.

—Em 1868, chegou a esta cidade a noticia de ter sido occupada pelas forças alliadas a capital do Paraguay.

Durante tres noites successivas, o povo cachoeirano entregou-se a ruidosas manifestações de jubilo, a que vieram associar-se um *batalhão patriótico* da Moritiba e outro de S. Felix.

16 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou organizar em Caetité, que fazia parte da comarca de Jacobina, um regimento de milicias, incumbindo dessa tarefa—o coronel Manoel da Silva Daltro, que no dia 23 seguiu para assumir o seu novo posto.

Além do alludido regimento de milicias, e por actos de outras datas, o Conselho providenciou para que fossem creados: em Ilhéus um batalhão sob o commando do major Joaquim José Velloso, e em Jacobina um regimento de cavallaria, sob o commando do coronel José Baptista Carneiro; e bem assim approvou a formação de um regimento de caçadores, em Inhambupe, de que era commandante—o coronel Simão Gomes Ferreira Velloso.

—Em 1834, verificou-se a existencia de numero superior a 100 presos, na cadeia desta cidade, então villa, a todos os quaes a Sancta Casa de Misericordia fornecia—por caridade—alimentação e medicamentos, uma vez por semana.

A cadeia, no entanto, só comporta 40 presos; e sabe-se—que nos outros seis dias da semana aquelles pobres homens esmolavam das grades da prisão mesma, vexando os transeuntes.

Dispenso-me de commentar esses factos.

—Em 1893, chegou a esta cidade o engenheiro Fausto Gallo que, como inspector do 3.º districto dos portos maritimos, veio com seus auxiliares fazer observações no rio Paragassú, durante as marés de Março, que são dentre todas do anno as maiores.

Assim pretendia aquelle engenheiro continuar os estudos, relativos á desobstrucção do mesmo rio; mas a verdade é que não se conhece até agora o resultado de seu trabalho.

17 de Março

—Em 1751, o senado da camara desta cidade, então villa, mandou intimar os almotacés para que *não andassem mais armados de cipos vermelhos*.

Tão alta regalia, segundo a veneranda corporação fez sentir, pertencia sómente aos srs. juizes ordinarios.

Eram, pois, estes funcionarios os unicos a quem cabia o direito de.... vergastar impunemente os subditos de s. magestade.

—Em 1823, o Conselho interino do governo provisorio da Bahia, que tinha sua séde aqui, mandou que —o coronel D. Braz Balthazar da Silveira passasse a outro official o commando do seu regimento, e fosse examinar os postos e destacamentos avançados do districto desta cidade, então villa.

O serviço deveria começar pela barra de *Caixaprego*, e terminar no *Cambral*; aquella na ilha de Itaparica, e este na villa de Santo Amaro.

—Ainda em 1823, seguiu desta cidade, então villa, com destino ás Alagoas, fazendo escala por Itapicurú, o preso politico Antonio Peixoto Guimarães.

—Em 1877, falleceu—com 77 annos de idade—Manuel Esmeraldino do Pratocinio, veterano da independencia, procurador da camara municipal, e proprietario de uma casa de armador, nesta cidade.

Era de côr, mas estimado geralmente; e, apezar de assegurarem que elle não primava pelo talento a verdade é—que ouvi-o tocar, na qualidade de musico da orchestra de Nossa Senhora d'Ajuda, primeiramente trompa, depois timbales, e por ultimo cantar de baixo profundo.

Entretanto, sempre que copiavam num papel novo

a sua *parte*, já velha, elle a desconhecia, ao ponto de cuidar que lhe estavam distribuindo outra musical!

O cidadão Patrocínio tinha rara habilidade de fazer.... folhinhas de cór, e com antecipação pasmosa.

Si por exemplo, lhe perguntassem o dia em que deverá cair carnaval no anno de 2000, responderia elle sem hesitar, e com a maior exactidão.

A mim, quando cheguei de Pernambuco formado em direito, inquiriu-me o bom velho—si eu conhecia bem a Ordenaçãc do livro 6.º

Fiquei verdadeiramente intrigado, e com ares de pedagogo—disse-lhe que havia manifesto engano de sua parte, pois as Ordenações não passavam do livro 5.º

O cidadão Patrocínio, sorrindo, retorquiou-me: ora, meu Dr. ainda lhe resta muito por aprender; mas por agora fique sabendo—que a Ordenação do livro 6.º é a vontade do juiz.

Tableau!

—Foi em 1880, que o barão de Cotegipe, acompanhado por selecta e numerosa comitiva, partiu desta cidade para collocar a primeira pedra de um viaducto da estrada de ferro *Central da Bahia*, construido no sitio denominado *Buraco do inferno* pouco distante de S. Felix.

Poz-se ao viaducto o nome de *Principe do Grão Pará*, que ainda conserva.

E' occasião de recordar—que o barão de Cotegipe, tendo nascido a 23 de Outubro de 1815 na villa da Barra do Rio Grande, hoje cidade, d'este Estado então provincia, fora baptisado a 1.º de Novembro seguinte pelo padre Antonio Affonso Oliveira, segundo delegação do respectivo vigario Manuel Francisco de Paula Negrão. No dia 13 de Fevereiro de 1889, o preclaro estadista falleceu repentinamente na cidade do Rio de Janeiro.

18 de Março

—Em 1713, percorreu esta cidade, então villa,

um *bando* apparatuso annunciando a rufos de tambor o tratado de suspensão de hostilidades, ajustado entre França, Castella, e Portugal, e cuja copia fôra para esse fim remettida ao senado da camara pelo governador Pedro de Vasconcellos.

—Em 1823, o Conselho interino do governo provisório da provincia da Bahia, cuja séde era aqui, mandou—que o major Joaquim José Velloso prendesse o pardo Joaquim de tal, afim de que este declarasse o paradeiro do cofre de seu ex-senhor Silvestre de Almeida Campos, onde constava existir a quantia de 20,000 cruzados.

Como o Silvestre era portuguez, parece que o seu dinheiro estava sujeito á lei.... da guerra.

—Na mesma data, o Conselho ordenou—que o ouvidor interino da camara de Jacobina pozesse em liberdade o cap. Joaquim Simões da Silva, que estava mettido em ferros, por não ter querido pagar 6\$400 a cada um soldado de diligencia.

Demasiado rigor!

O cap. Simões da Silva, septuagenario, havia contribuido com 200\$000, e depois emprestado 5.000\$000 para as despesas da guerra da independencia; além de ter offerecido algum gado, e prestado muitos serviços pessoaes.

—Em 1888, chegou aqui, donde só retirou-se no dia 20, o engenheiro Antonio Placido Peixoto de Amarante, que fora nomeado pelo cons. Manuel do Nascimento Machado Portella, então presidente da provincia, para examinar—entre outros—o rio Paraguassú, e levantar a planta do porto d'esta cidade.

Do relatorio que o dito engenheiro apresentou transcrevo os topicos a seguir:

« *Rio Paraguassú.* E' o maior e o mais importante dos rios, que desembocam na bahia de Todos os Santos.

Banha a cidade da Cachoeira, que demora a 40 kilometros de sua foz, na margem esquerda, e fronteira a ella a freguezia (*hoje cidade*) de S. Felix, na margem direita.»

« Dali para baixo o rio Paraguassú descrevendo larga curva , segue o rumo geral de S. E , e correndo em leito quasi sempre empedrado, apertado entre altas montanhas, com a largura de 300 a 2.000 metros forma o lago (outros chamam mais propriamente bacia) do Iguape, a 20 kilometros de sua foz e continúa até lançar-se no mar. As marés se manifestam neste rio até muito acima da Cachoeira, attingindo sua altura a 2 m. 3, observada na escala, que fincámos no porto.

Profundo, e offerecendo navegação franca e segura desde sua embocadura até ás proximidades das povoações de Nagé, e Coqueiros, na margem direita, sómente dahi até o porto da cidade apresenta largos bancos ou corôas de areia, que em muitos pontos difficultam a navegação na baixa-mar, tornando o canal sinuoso e estreito, principalmente no lugar denominado *Pedreiras*, onde as embarcações só encontram acesso em curva apertada, junto ás pedras da margem direita.

Effectuámos neste trecho do rio 300 sondagens que indicaram canal com a largura de 30 a 100 metros; e profundidades de 1 a 3 metros, sendo tambem encontrados alguns pontos com profundidade maior de 5 metros.

O porto da cidade acha-se muito obstruido por bancos de lama, areia e cascalho, e seu canal aproxima-se mais da margem esquerda do que da direita, tendo apenas na baixa—mar a largura de 30 a 60 metros, com profundidades que variam de 1 a 2 m. 3.

O melhoramento para uma navegação franca e segura exige dragagem em alguns bancos de areia e talvez a remoção de alguns cabeços de pedra para aprofundar o leito, alargar e rectificar o canal, e o balisamento d'este, desde Nagé até á cidade.

No porto, será necessario estender a dragagem em quasi toda a largura do rio (300 metros), afim de augmentar a sua profundidade, e facilitar o movimento de embarcações, principalmente junto á ponte de embarque e desembarque.»

19 de Março

—Em 1823, chegaram a Ilhéus, a bordo do navio *Anna Luiza*, vindo de Rotterdam, 161 immigrants estrangeiros; conforme foi communicado ao Conselho interino do governo provisório da provincia da Bahia, instalado nesta cidade, então villa.

—Em 1856, falleceu o cap. José Raymundo de Figueiredo Branco, distribuidor e contador no fôro desta cidade onde em tempo exercera egualmente o cargo de procurador da camara municipal.

Fôra tambem collecter das rendas provinciaes, em S. Felix.

Como regente de uma orchestra que se tornara rival da de *Nossa Senhora d'Ajuda*, o cap. José Branco achou-se envolvido em muitas questões, que d'esse facto nasceram.

Notadamente, em uma festividade de S. Benedicto para que ambas essas musicas tinham sido convidadas, um gravissimo conflicto chegou a começar; e si não fôra abafado a esforços de algumas auctoridades, e outras pessoas prudentes, teria produzido com certeza consequencias fataes.

—Em 1856, cahiram nesta cidade copiosos aguaceiros, que innundaram prestemente a maior parte das ruas.

Escapou de morrer afogado o padre Manuel Teixeira, que residia numa pequena casa terrea, junto ao muro da igreja da Ordem Terceira do Carmo, e só conseguiu salvar-se, agarrando-se fortemente aos punhos da rêde em que dormia.

—Em 1883, finou-se o tenente-coronel Marcelino José da Cunha, que dispunha de influencia real e prestigio incontestavel na freguezia da Moritiba, então do termo e comarca desta cidade.

Tanto por nomeação do governo, como por eleição do povo, tinha elle occupado as posições mais distinctas, que nas terras do interior podem caber aos cidadãos de merecimento: cargos na policia, na ca-

mara municipal, na judicatura de paz e na guarda nacional.

O espirito conciliador de que era dotado foi sempre uma garantia de ordem, na parochia de sua residencia.

Por isto, no dia de seu enterramento a população inteira compareceu, dominada de uma só idéa: a do reconhecimento e saudade.

O tenente-coronel Marcelino da Cunha attingira aos 76 annos de idade, e era condecorado pelo governo imperial.

20 de Março

—Em 1688, foi expedida de Lisbôa uma carta régia, condemnando as crueldades exercidas contra os escravos por seus senhores, no Brazil.

Trabalho inteiramente perdido!

Tanto assim que, a 1.º de Março de 1700 foi expedida outra carta no mesmo sentido, conforme já referi, e a 27 de Abril de 1719 ainda uma terceira.

Nesta ultima, s. magestade occupava-se do tratamento, instrucção, e mais interesses daquella classe infeliz; mas, não obstante seu poderio, nada o rei poudo conseguir.

Era cedo, por nosso mal. .

—Em 1814, rompeu uma extensa insurreição de escravos, nos engenhos de assucar da freguezia de Sant-Iago de Iguape, termo e comarca desta cidade.

As autoridades locaes, lançando mão de medidas acertadas, poderam suffocar com presteza o movimento.

—Em 1875, foi concedida ao cidadão Tiberio Lopes Regadas a necessaria licença para collocar kiosques, nas praças desta cidade.

A idéa, porém, não teve execução.

21 de Março

—Em 1755, foi assignado o termo, pelo qual os

religiosos de S. João de Deus obrigaram-se a fazer com que assistissem no hospital desta cidade, então villa, tres padres, escolhidos dentre a respectiva comunidade. Nesse numero não entrava o fundador do mencionado hospital, admittido por fim na Ordem e cujo nome os cachoeiranos devem recordar sempre com respeito e gratidão.

Aquelle documento foi assignado pelos sacerdotes que se seguem: conego João Evangelista, fr. Bartholomeu da Coneição, fr. Thomaz de Aquino Xavier, fr. João de Deus, e fr. Felippe de Figueiredo, que estavam todos em Lisbôa.

—Em 1823, o Conselho interino do governo provisório da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, mandou prender e conduzir á sua presença Antonio Cardoso das Virgens, que se tinha constituido *cabeça de motim* na villa de Santarém.

—Aqui aportou, em 1837, uma força de caçadores, enviada pelo presidente da provincia, sob o commando do tenente-coronel José Joaquim Coelho (que morreu barão da Victoria), com duas boccas de fogo.

Tanto bastou para dissipar, temporariamente embora, os receios de uma invasão, que se dizia premeditada na Feira de Sant'Anna, para onde marchou aquella força, accrescida com os batalhões 3 *de caçadores, e Voluntarios cachoeiranos.*

—Em 1866, as aguas do Paraguassú, transbordando, innundaram diversas ruas desta cidade, e de S. Felix.

22 de Março

—Em 1705, o governo—attendendo á queixa, formulada pela camara desta cidade, então villa, reiterou suas ordens para que o contratador do sal não vendesse por mais de 480 réis o alqueire (80 litros) desta mercadoria, ao que se havia obrigado.

O contractante magoou-se com a especie de reprehensão, que assim levara, e para vingarse dei-

xou ficar todo o sal na Bahia, onde teve de ir compral-o quem quer que delle precisou, gastando aliás na viagem mais do que a differença do preço censurada, sem falar mesmo nos dias de trabalho, que por causa della perdia.

—Em 1775, o rei de Portugal de quem eramos vassallos, houve por bem confirmar a obrigação, assumida pelos religiosos de S. João de Deus, relativamente á assistencia de quatro de seus frades no hospital desta cidade, então villa, que foi depois elevado á cathegoria de Santa Casa de Misericordia.

—Em 1760, o senado da camara da Bahia, justamente enciumado, supplicou de s. magestade o rei a graça de ser, a exemplo do senado desta cidade, então villa, mantido na regalia de nomear avaliadores, partidores, escrivães das execuções, porteiros, alcaide pequeno e seu escrivão, desde que a alcaidaria-mór estivesse vaga.

—Em 1823, o Conselho interino do governo provisorio da provincia da Bahia, que funcionava nesta cidade, então villa, nomeou Joaquim Antonio Moitinho, que tinha aqui nascido, João da Silva e Oliveira, João José da Silva, e Antonio Tavares Itapagipe, afim de servirem na alfandega, por elle mandada estabelecer no Morro de S. Paulo.

E destituiu o coronel Salvador Pereira da Costa do commando militar de Jaguaripe e Nazareth, nomeando o tenente-coronel Manuel Pereira de Mello para substituil-o.

Por outra portaria, de 4 de Abril do mesmo anno, o coronel Pereira da Costa foi dispensado do commando das ordenanças de Jaguaripe.

O dicto Conselho, a 22 de Março, ainda mandou crear um batalhão de caçadores, com o nome de *Batalhão sagrado dos independentes*, de conformidade com o decreto de 1 de Agosto do anno anterior, e nomeou pera commandal-o—Ignacio de Araujo Aragão Bulcão.

E, finalmente, o Conselho recebeu um officio, em que o general Labatut concluia dizendo—*que reme-*

medios, polvora, fardamento, dinheiro para o commissariado, menos orgulho, mais obras do que palavras era do que se carecia para cumprirem elle—e o governo—com os seus deveres, lançar fora os lusitanos, e viver na pacifica posse da união e tranquillidade fraternal que devia reinar entre todos os verdadeiros brazileiros, amantes da independencia, e do seu immortal imperador.

—Em 1827, a população desta cidade, então villa, foi alarmada com a noticia de que os escravos do engenho *Victoria*, situado na distancia de 7 kilometros approximadamente, tinham se insurgido, e marchavam para atacal-a.

Immediatamente, toda a força da 2.^a linha tomou as armas, e as providencias possiveis foram dadas para se preparar a defeza.

Apuradas as cousas, verificou-se—que dera causa ao boato o assassinato do feitor daquelle engenho, então pertencente ao commendador Pedro Rodrigues Bandeira. E mais nada houve.

—Em 1870, já por noite, chegou a esta cidade a noticia do memoravel feito de Aquidaban, succedido no primeiro dia do mez, e que serviu de brilhante epilogo a longa, mas gloriosa guerra do Paraguay.

Foi indescrivel o contentamento, em que o povo cachoeirano se expandiu. A morte do dictador Lopez vinha pôr termo a luta, que já durava um lustro.

A cidade inteira illuminou-se, como por encanto; foguetes em profusão foram queimados em todas as ruas, que uma luzida *marche aux flambeaux* percorreu, precedida da musica do batalhão 12 da guarda nacional. Por toda parte, discursos e poesias allusivas á esplendida victoria; *vivas* e congratulações eram trocados, em meio de febril enthusiasmo.

Dias depois foi cantado um *Te-Deum*, em acção de graças, na Matriz da cidade; e procedeu-se á nomeação de commissões especiaes para levarem ao governo as felicitações do municipio da Ca-

choeira, que assim partilhava do jubilo nacional; tão estrepitoso quanto sincero.

—Em 1883, falleceu o tenente José Juvencio da Silva Caldas, com 65 annos de idade.

Era artista conceituado e excellente cidadão.

Além de haver auxiliado efficazmente a sociedade dramatica particular, cujo theatro funcionava á rua da Matriz, no edificio que antes fôra açougue, e serve agora de mercado publico, o tenente Juvencio muito interessou-se pela construcção do cemiterio da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, ao Monte Formoso.

23 de Março

—Em 1676, foi expedida uma portaria ao coronel Guilherme Barbalho Bezerra para que este mandasse vir, e fizesse apresentar ao governador da Bahia, os moradores dos campos de Cachoeira, e Aporá, de quem era necessario averiguar umas tantas cousas, que tinham causado certo escandalo.

E' força convir — que era bem facil, naquelles tempos, mover-se uma população inteira, a simples vontade do governador, ou então que não passavam de meia duzia os habitantes de Cachoeira, e Aporá, campos inclusive.

—Em 1794, nasceu na cidade da Bahia Francisco Gomes Brandão, que mudou depois o nome para Francisco Gê Acayaba de Montezuma, e morreu visconde de Jequitinhonha.

Foi homem notavel por seus talentos, deputado e senador do imperio, sempre eleito por seus com-provincianos.

Servira como secretario do Conselho interino do governo, installado nesta cidade, então villa; e, commissionedo pelo dito Conselho, teve de ir ao Rio de Janeiro comprimentar o imperador D. Pedro I, e lhe expôr a situação da provincia.

Para desempenho dessa honrosa incumbencia, o Dr. Montezuma seguiu por terra até á villa de Ilhéus,

onde tomou a lancha que o conduziu para a côrte, tendo ahi chegado no dia 14 de Novembro de 1822.

O visconde de Jequitinhonha, orador fluente, foi tambem jornalista de nota. Entre outros periodicos, redigiu com muito brilho o *Independente Constitucional*, que se publicava na mesma cidade da Bahia.

Membro da assembléa constituinte, entretanto, foi preso—ao sahir da camara—por ordem de D. Pedro I, que desta diligencia encarregara o general Moraes.

Com Antonio Carlos, Martim Francisco, Belchior Fernandes Pinheiro e José Joaquim da Rocha Montezuma foi levado para o largo do Paço, hoje praça *15 de novembro*, e mettido num escaler guarnecido por tropas, afim de seguir para o arsenal de marinha, onde ficou detido.

Quando, por força dos acontecimentos, o distincto bahiano tornou a patria, recebeu della as maiores provas de consideração, vendo seu nome sahir triumphante das urnas eleitoraes.

Em 1870, o visconde de Jequitinhonha pagou, na cidade do Rio de Janeiro, o duro tributo devido á morte.

—Em 1811, recebeu o habito de leigo, no convento de S. Francisco do Paraguassú, situado no termo desta cidade, o benemerito fr. Francisco das Chagas, natural de Galiza, e que deixou de si memoria veneranda.

Convencido apostolo da caridade, foi principalmente com as creanças que despeñdeu elle os thesouros inexgotaveis de seu coração.

Tornou-se popular, na Bahia, o nome de fr. Chagas; e para fazel-o conhecido á geração, que não teve a fortuna de conhecê-lo, basta a poesia que á sua memoria dedicou Antonio Augusto de Mendonça, num arroubo feliz de inspiração e de lyrismo.

—Em 1823, sahiram de Valença para esta cidade, então villa, por ordem do general em chefe do exercito pacificador, 130 praças, a saber—60 alista-

das em Valença mesma, e 70 pertencentes ao Morro de S. Paulo.

—Em 1865, partiram desta cidade com destino á capital, 230 *voluntarios da patria*, que o coronel Antonio Gomes Calmon havia reunido, nas Lavras Diamantinas, para a guerra do Paraguay.

—Em 1869, um violento incendio destruiu 16 casas cobertas de palha, e uma de telha, existentes na ladeira do Caquende, desta cidade.

Não houve, felizmente, desgraças pessoas a lamentar-se.

—Em 1890, falleceu na freguezia do Iguape, do termo e comarca desta cidade, o conhecido agricultor tenente-coronel José de Araujo Aragão Bulcão.

24 de Março

—Em 1712, houve em Maragogipe, que era da jurisdicção desta cidade, então villa, um grave motim, causado por questões particulares, que tiveram no entanto a força de apaixonar quasi toda a população.

Só no dia 29 conseguiu-se restabelecer a ordem. Foram punidos os cabeças do movimento, com todo o rigor da lei.

—Em 1751, consummou-se... um grande escandalo. O senado da camara desta cidade, então villa, fixou em 13\$000 annuaes o ordenado do seu porteiro.

Os protestos irromperam de todos os lados. E a verdade é que, além do mais, aquelle funcionario tinha obrigação de obedecer aos juizes ordinarios, escrivão, e vereadores do dicto senado; tocar o sino da camara, toda vez que lhe fosse determinado; dar os signaes do costume para as audiencias dos differentes juizes e, finalmente, bater o toque de silencio da cadeia.

Por tamanha trabalheira, o pobre empregado não ganhava dous vintens por dia!

—Em 1823, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que tinha a séde nesta cidade,

então villa, explicou e ampliou por outra as portarias de 12 e 14 de Março, regulando a exportação dos generos alimenticios, a respeito do que tambem providenciou por uma quarta portaria, datada de 22 de Abril seguinte.

E o general P. Labatut, que andava questionando com o referido Conselho, recebeu a portaria de 23 de Janeiro do mesmo anno, pela qual o ministro da guerra collocava sob suas ordens todos os officiaes militares, quer da 1^a quer da 2^a linha, e o responsabilizava immediatamente pela defeza da provincia.

Por virtude das attribuições, que lhe haviam sido assim conferidas, o general officiou sem demora ao coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, que foi depois Barão de Maragogipe, ratificando a nomeação, que lhe havia expedido, de commandante militar da Cachoeira, e contra a qual insurgira-se o Conselho.

—Em 1891, falleceu na freguezia da Conceição da Feira, do termo desta cidade, o fazendeiro Manuel Lourenço Bittencourt, com idade superior a 100 annos.

25 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, que funcionava aqui, mandou seguir para a Villa Nova da Rainha, da comarca de Jacobina, o juiz de fóra das villas de Santo Amaro e S. Francisco, *afim de abrir devassa sobre a conducta politica do vigario Severo Gomes da Silva.*

E, ao mesmo tempo, ordenou—que o alludido magistrado se transportasse para a indicada villa de Jacobina, logo depois, e ahi devassasse *sobre a conducta politica e civil do capitão-mor Manuel Soares da Rocha, e dos padres Francisco Manuel Dantas Coelho e Francisco Alves Pacheco.*

Todos esses individuos tinham se tornado suspeitos á causa da independencia nacional.

Ao juiz foi marcada, a titulo de ajuda de custo, uma gratificação de 20\$000 por mez.

E o mesmo Conselho, satisfazendo á requisição do coronel Manuel Diogo de Sá Barretto Aragão, que lhe communicara estar o general portuguez Ignacio Luiz Madeira de Mello se promptificando para atacar as dictas villas de Santo Amaro e S. Francisco, enviou-lhes todos os soccorros que eram da sua competencia, e simultaneamente insinuou que sollicitassem os outros ao general Labatut.

Finalmente, o Conselho fez partir, em commissão, para Caitité, o coronel ajudante de ordens—Manuel da Silva Daltro, acompanhado pelo capitão das ordenanças—Francisco Rodrigues da Costa.

26 de Março

—Em 1825, um certo Côrte Imperial, administrador da typographia *Nacional*, obstinando-se em não declarar quem era o autor de um opusculo, que elle imprimira sob o titulo *Reflexões sobre a caixa militar*, foi preso por ordem do governador das armas, e remettido—sem nota de culpa—ao commandante do forte do mar (S. Marcello) para ahi conserval-o.

O facto causou verdadeiro pasmo nesta cidade, então villa, onde se acreditava—que num regimen constitucional taes arbitrariedades não se podiam dar.

27 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo, cuja séde era aqui, resolveu—que o ajudante de ordens Domingos da Silva Guimarães fosse ao Morro de S. Paulo, afim de comprar ao commandante de uma escuna americana, que aportara ali, *todos os generos por ella conduzidos, proprios para fardamento da tropa, e abastança do paiz.*

Ha quem affirme—que a viagem d'esse navio fôra

propositalmente deliberada, como meio de auxiliar o povo, que então batia-se pela liberdade.

28 de Março

—Em 1781, o senado da camara desta cidade, a esse tempo villa, deliberou fazer construir um aqueducto fechado (a que hoje denominam *levada do chafariz*) para trazer por elle as aguas do rio Pitanga, desde o *sitio do tenente Felippe* até ao centro da povoação, a cujos habitantes deveriam ellas abastecer, como ainda agora abastecem.

Foi contractada a obra com Estevam Manuel da Cruz.

A 14 de Setembro seguinte, lançou-se a primeira pedra para ella, sendo este acontecimento festejado com a maior solemnidade.

Para acudir ás despezas com a obra, o senado tomou por emprestimo ao cofre chamado da *voluntaria contribuição* toda a quantia necessaria.

Em 1895, o intendente municipal tenente-coronel Manuel Martins Gomes mandou collocar tubos de ferro, em grande extensão da *levada*, para impedir que ella fosse arrombada, como frequentemente acontecia.

—Em 1823, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, fez intimar ao guardião do convento de S. Francisco do Paraguassú para que pozesse em liberdade fr. Francisco de Paula Lobo, em homenagem ao mysterio que a Egreja nesse dia commemorava.

Como se está vendo, o Conselho immiscuia-se até na disciplina dos frades!

—Em 1840, a camara d'esta cidade recebeu comunicação da assembléa provincial, em que esta declarava—não lhe competir autorizar o pagamento de 16:000\$000, que a fazenda real—em tempo—tomara por emprestimo á citada camara.

Ella recorreu, em 10 de Maio de 1841, para o governo imperial: mas sem resultado algum.

—Em 1842, com o fim de implorar a cessação da secca, que então assolava esta cidade e seus arredores, realizou-se uma imponente e numerosa *procissão de penitencia*; sendo removido para a capella da Conceição do Monte a Imagem do Senhor dos Passos, que se venera na igreja da Ordem Terceira do Carmo.

—Em 1857, a camara desta cidade, animada do desejo de auxiliar os creadores, dirigiu-se ao presidente da provincia, pedindo-lhe—que mandasse vir, por conta do cofre municipal, dous casaes de gado vaccum da raça *Dhuram*, dous carneiros de *Costevold*, e dous porcos inglezes.

O pedido jámais teve solução.

Foi pena !

No entanto, em 10 de Dezembro de 1889, chegou ao Rio de Janeiro um casal de bois d'aquella raça, que tinha sido premiado na exposição biologica de Paris, effectuada pouco tempo antes. Os dous animaes ficaram no Rio por 2:500\$000.

29 de Março

—Em 1823, o Conselho interino do governo, já citado muitas vezes, mandou—que o juiz ordinario de Geremoabo procedesse a *um summario* de sete testemunhas para conhecer o procedimento politico do vigario de Bom Conselho—padre Manuel de Barros.

E, ao mesmo tempo, ordenou—que fosse aberta no Morro de S. Paulo a casa de alfandega da Bahia, até que a capital se libertasse do poder dos portuguezes.

Para provedor daquella repartição o mesmo Conselho nomeou logo o Dr. Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas.

—Em 1837, foi aberto o testamento com que fallecera o capitão Antonio Francisco Pereira, mais conhecido por *Chéchéu*, que tomara parte em todos os acontecimentos de importancia, occorridos nesta cidade, em seu tempo.

—Em 1843, desabou sobre esta cidade uma forte trovoadá, aterrando a população inteira.

Uma faisca electrica, tendo penetrado por uma das torres da egreja Matriz, causou-lhe serios estragos.

30 de Março

—Em 1865, embarcou para a capital, com destino ao sul do paiz, o 1º batalhão de *voluntarios cachoeiranos*, que aqui fora organizado para tomar parte na guerra contra o Paraguay.

Na vespera, o dicto batalhão havia percorrido, em ordem de marcha, as ruas principaes da cidade, e fazendo alto afinal em frente ao paço da municipalidade, a camara incorporada veio á rua, onde recebeu as continencias do estilo, e foram levantados *vivas* apropriados, e freneticamente correspondidos.

Houve, por essa occasião, muitas manifestações de patriotismo, e num corêto, adrede levantado, foi pela primeira vez cantado o *Hymno*, que para a festa compozera o maestrino José de Souza Aragão, nosso conterraneo, e cuja poesia era da lavra do academico A. Milton.

O embarque do corpo de *voluntarios* foi solemne e tocante.

Do acontecimento mandou a camara lavrar uma acta especial, pelo respectivo secretario major Tito Augusto Milton, e nella assignaram os vereadores tenente-coronel José Ruy Dias de Affonseca, presidente, advogado Manuel Galdino de Assis, tenente-coronel Themistocles da Rocha Passos, tenente-coronel João Baptista Pamponet, padre Guilherme Pinto da Silveira Salles e Dr. Joaquim Moreira Sampaio.

—Em 1896, foi aqui publicado, e lido com o mais vivo interesse o telegramma seguinte:

«Confirma-se a noticia de haver o Dr. Fridtjof Nansen descoberto o pólo do norte.

O intemerato explorador, um sabio de 35 annos de idade e empregado no museu de Bergen, na Noruega, partiu de Christiania a 24 de Junho de 1893 no vapor *Fram*, construido expressamente para a expedição, com uma valente tripulação de marinheiros afeitos a tão perigosas viagens, e acompanhado por homens de sciencia e officiaes da marinha nacional; e, depois de tremenda lucta para vencer as barreiras de gelo, conseguiu chegar ao continente ou archipelago montanhoso situado no pólo.

O mundo scientifico espera com anciosa curiosidade o relatorio dessa viagem assombrosa, que vem realizar uma das mais ardentes aspirações do seculo.»

O Dr. Nansen teve os seguintes predecessores em heroicas tentativas para a conquista do pólo:

Em 1827 o capitão Parry chegou á latitude de 82,45; no mesmo anno o capitão Rosse, com o navio *Victoria*, perdido no gelo, attingiu á latitude 81,27; em 1845, Sir John Franklin, no *Erebus* e *Terror*, perdeu-se tambem no gelo; em 1858, o Dr. Kane, no *Advance*, attingiu á latitude 80,35; em 1871, o capitão Peterman, no *Hansa*, a 81,05; no mesmo anno, o capitão Hal, no *Polaris*, a 82,16; em 1876, o capitão Nares, no *Alert* e *Discovery*, a 83,10; em 1879, o tenente De Long, no *Jeannette*, enviado pelo *New York Herald*, perdeu-se na latitude 72,15; em 1881, o tenente Greely, no *Protens*, chegou a 83,20; em 1891, o tenente Peary, no *Rites*, a 83,24; em 1892, Bjorling e Kalshmins, no *Ripple*, perderam-se aos 76,49; e, em 1893, o tenente Peary, no *Lalcon*, chegou a 82,34 grãos de latitude.

Uma vez satisfeita a sciencia com o partido que os sabios tirarem dessa expedição, perde todo o encanto essa aventureosa empreza, que tanto tem custado á humanidade.

31 de Março

—Em 1875, foi inaugurada a estação do telegrapho nacional, nesta cidade.

Houve a troca de telegrammas congratulatorios, como é de estilo; e o melhoramento assim conquistado ahi continúa a funcionar, attestando a força do progresso, nos serviços impagaveis que presta ao publico.

O primeiro apparelho electro-magnetico para produzir sons, diz o Sr. F. L. Pope no *Electrical World*, perceptíveis á distancia, foi inventado, construido e empregado por Joseph Henry, em Albany (New-York), no anno de 1831. O primeiro telegrapho electrico magnetico para produzir á vontade signaes impressos á distancia, deve-se a Morse, que o inventou, mais ou menos, em 1832, e pôl-o em pratica posteriormente a 2 de Setembro de 1837.

O codigo de signaes convencicnaes para utilização dos signaes impressos ou sonoros, produzidos pelo envolucro de um electro-iman, foi estabelecido pelo mencionado Morse, em 1832 tambem. De 1837 a 1838, Alfred Vail inventou o codigo alphabetico. As ligações, e os circuitos combinados devem-se ainda a Morse. A chave com alavanca, em sua moderna fórmula, é invenção de Vall, e appareceu no anno de 1844. Finalmente, o isolador de porcellana para os fios de linho data de 1844 a 1845, e attribue-se ao engenho de Ezra Cornell.

—Em 1882, a mulher de Francisco Alves Casaes, residente no engenho *Victoria*, a 7 kilometros approximadamente desta cidade, deu á luz tres creanças do sexo masculino.

Annos antes, a parda Izabel, que era então empregada em casa do cabelleireiro A. Carvalho, á rua de Baixo, hoje *13 de Maio*, teve tambem de um só parto tres creanças, das quaes apenas a do sexo feminino sobreviveu.

E annos depois, em 1897, certa senhora, moradora ao Caquende, casada com um artista, por sua parte contribuiu de uma só vez—com tres creanças para augmento da população cachoeirana.

E' de crer que não se tenha esgotado a fonte d'esses phenomenos, providenciaes para um paiz, cujo maior mal é a falta de habitantes . . .

Cidade da Cachoeira, (Bahia) 1898.

A. MILTON.

(Continua).



A SABINADA

Historia da Revolta da Cidade da Bahia em 1837

V

(*Continuação*)

Submettido a interrogatorio o denunciado Luiz Antonio Babosa de Almeida, morador ao Cruzeiro de S. Francisco, advogado, respondeu, que esteve nesta cidade até o dia 15 de Novembro, quando passou-se para o Reconcavo. Que na noite de 6 para 7 de Novembro esteve em sua casa até as 10 horas deste ultimo dia, e alli teve noticia dos movimentos politicos da cidade; que se tinha proclamado uma revolução, e que a cidade já estava desamparada das primeiras autoridades.

Neste mesmo tempo principiaram a apparecer portadores que vinham chamal-o para a camara, por assim determinar a gente armada que se achava na Praça.

Sahiu em uma cadeira fechada para a casa de um amigo, d'onde, ouvindo depois o tiroteio, a conselho d'esse amigo, voltou para sua casa, e logo foi novamente procurado para comparecer na camara; e receiando de sua vida, cercado como se via de baionetas, foi para a casa da camara muito depois de duas horas da tarde e alli achou alguma gente, que

logo se foi consideravelmente augmentando, e pedindo se escrevesse a acta, a cuja imposição não poudes resistir.

Escreveu-se, pois, a acta que gente da revolução trouxe do forte de S. Pedro, e acabada ella retirou-se para sua casa, e no dia seguinte vio que todos iam desamparando a cidade.

No dia 10 recebeu um officio do presidente da camara, para que elle respondente, como maior votado, fizesse suas vezes até que melhorasse seu estado de saude. Em consequencia disto apresentou-se no dia seguinte depois de 11 horas na camara. Pouco depois alli entrou um portador de palacio, que lhe entregou uma portaria do governo revolucionario acompanhada de uma representação da força publica da Bahia, ordenando-se na dita portaria que houvesse a camara, logo e logo, de reunir-se para tratar da acta declaratoria, exigida pela força, sendo certo que se falava em mandar gente armada para a Praça.

Logo depois apresentou-se o governo e secretario da revolução na camara, para assistirem á sessão, que teve logar, mandando elle respondente inserir n'ella a dita portaria e representação assignada por toda a força da Bahia.

Disse, que em particular não concordou de maneira alguma com a revolução, tanto que apenas appareceu a primeira proclamação do governo legitimo, marcando um ponto de reunião, tratou immediatamente de embarcar para esse ponto. Que antes mesmo da revolução havia dado conselhos aos juizes de paz em favor da ordem do governo; que no mesmo dia da primeira acta, encontrando-se com o Dr. Luiz Maria Alvares Branco, expendeu sentimentos oppositos á revolução, apresentando documentos comprobatorios d'essas suas affirmações.

O Dr. Antonio Gomes Villaça, morador á ladeira de S. Miguel, advogado, disse que até 20 de Novembro, em que emigrou para Itaparica, esteve na cidade; que estando na cidade no dia 7, ás 11 horas para o meio dia, alli appareceu o inspector de quar

teirão, Joaquim Gonçalves Chaves, e communicou-lhe, todo assustado, que a tropa rebelde já se achava na Praça de Palacio fazendo tocar o sino da municipalidade para convocação dos vereadores.

Pouco depois já batia em sua escada um cabo do corpo de artilharia, que lhe disse que a força armada se achava na Praça, e que seus superiores ordenavam que o interrogado logo e logo se fosse reunir aos outros vereadores, pois que ha muito se estava a tocar o sino.

A' vista d'esta ordem, resolveu sahir, e dirigiu-se á casa da camara. A' sua chegada deu-se o tiroteio, indo uma bala cahir no tecto da sala das sessões, talvez de proposito para aterrar os vereadores e coagil-os, ao que depois puzeram em pratica; porquanto reunidos seis vereadores, cercados de um grande numero de pessoas da revolução, foi apresentada uma acta, que diziam ter sido feita de ante-mão no forte de S. Pedro, a qual foi copiada no livro respectivo, ficando o original no poder do presidente da camara.

Disse que a camara estava em tanta coacção que foi retirada na occasião da copia da acta, dizendo-se que era necessaria toda a cautella, porque as camaras costumavam riscar actas, e como houvesse alguns apoiados, o vereador Barbosa de Almeida retorquiu, dizendo que tal cousa a camara nunca praticara, que aquelles que faziam as suas actas, tinham sido os mesmos que depois as riscavam.

Concluida esta cerimonia, voltou o interrogado para sua casa, onde ficou doente até emigrar no dia 20 para Itaparica.

Comtudo, no dia 11 apresentou-se na sessão da camara, onde nada mais se fez do que copiar, *ipsis verbis*, não só a portaria do governo rebelde, como uma representação militar.

Que no dia 12 teve noticia de uma proclamação do ex-presidente Paraiso, em que ordenava que os empregados publicos e militares se retirassem para o

reconçavo no prazo de 15 dias, o que moveo-o a ir para o logar chamado Mar-Grande.

Accrescentarei a estes depoimentos os interrogatorios feitos aos mesmos vereadores no conselho de jurados, a 7 de Julho de 1838.

O Dr. Chaves respondeu á pergunta sobre se tinha noticia do proximo apparecimento da revolução antes do dia 6 de Novembro, e se para ella havia sido alguma vez convidado, «que antes do dia 7 apenas ouvia falar vagamente na probabilidade do rompimento d'essa revolução, mas que nunca de seus fundamentos tivera a menor noção, nem para ella jamais fôra convidado.»

Lucio Pereira de Azevedo tambem a este respeito disse que tinha uma noticia vaga e o mesmo disse Luiz de Souza Gomes.

Mas este accrescentou que no fim de Outubro, illudido por um convite de João Carneiro da Silva Rego, que lhe havia proposto reunir-se em certo logar designado para negocio de seu interesse, se dirigira com effeito para uma casa no largo da Piedade, onde informado do motivo para que era exigida sua presença, oppoz-se fortemente aos designios dos conjurados, e d'ahi se retirara com o proposito, que cumpriu, de nunca mais voltar.

Sobre este ultimo ponto, disse Antonio Gomes Villaça que teve somente informações muito vagas e que nunca tinha sido convidado para semelhante revolução.

Empossado por essa forma o novo governo, apressou-se logo no dia seguinte o vice-presidente do estado, João Carneiro da Silva Rego, a mandar publicar os seguintes bandos:

1.º — João Carneiro da Silva Rego, vice-presidente do estado da Bahia. Faz saber que havendo os leaes e briosos habitantes do mesmo estado espontaneamente proclamado a sua independencia, para justa demonstração do jubilo que deve caracterisar tão fausto acontecimento, hei concedido perdão a todos os militares que por quaesquer motivos tenham dei-

xado seus corpos logo que a estes espontaneamente se apresentem; os que nesta capital se acharem, no praso de 15 dias, os que estiverem nas cidades e villas proximas em um mez, e os de mais remotas em tres. E, para que chegue a noticia a todos, o presente se publicará nos logares do costume. Palacio do governo da Bahia, 8 de Novembro de 1837.—
João Carneiro da Silva Rego.

2.º—João Carneiro da Silva Rego, vice-presidente do estado da Bahia. Faz saber que, convindo para a segurança do estado e do systema proclamado no dia 7 de Novembro, que tanto os corpos de 1.ª linha, como os da guarda policial, quer de infantaria, quer de cavallaria, sejam elevados a sua força completa; o governo convida a todo o cidadão que se quizer alistar nos referidos corpos para que o possam fazer, ficando obrigados a servir pelo espaço de dois annos, findos os quaes terão baixa, salvo se voluntariamente quizerem continuar por outros dois annos, sendo o soldado de 1.ª linha igual ao da policia, conforme ficou estabelecido pela acta hontem lavrada, e para satisfação destas condições, receberão, ao sentar praça, as guias competentes, titulo bastante e unico para terem d'isto as suas baixas.

E, para que chegue a noticia a todos, o presente se publicará e afixará nos logares do costume. Palacio do governo da Bahia, 8 de Novembro de 1837—
João Carneiro da Silva Rego.

Um dia antes da segunda acta fez a seguinte proclamação aos habitantes do reconcavo:

«Habitantes do reconcavo da Bahia!—Confiado no vosso amor pela prosperidade de nosso paiz tão esmagado pelo machiavelismo e politica tortuosa dos pachás do Rio de Janeiro, de mãos dadas com os que para aqui mandam para executar seus planos inferiores, vossos compatriotas da capital se viram na necessidade rigorosa de proclamarem a separação desta provincia durante a menoridade do Sr. D. Pedro 2.º até que complete a idade marcada na Constituição.

Os felizes resultados que d'ahi podemos colher, principalmente a lavoura e o commercio em tanta decadencia pela ambição da côrte, estão a todas as luzes.

Habitantes do reconcavo!

— Não confieis nas seducções dos que se aproveitam das nossas misérias para se encherem de dinheiro e honra mal adquirida. Reflecti um pouco, habitantes do reconcavo, não são os lusitanos de 1822. Vós sabeis quanto esta cidade tem estado em paz e tranquillidade; um só insulto, uma só infracção do direito de propriedade se não tem perpetrado; o commercio está inteiramente em gyro, e só algum susto reina pela emigração de algumas familias atteradas pelas mentiras dos amigos do despotismo.

Reflecti na vida politica dos que vos querem metter as armas nas mãos contra vossos patricios na capital, uns foram patriotas emquanto não subiram ás eleições e empregos rendosos, e outros até foram nossos inimigos e a favor dos lusitanos.

Habitantes de reconcavo!—Desenganae a esses pachás, segui o exemplo de nossos irmãos d'armas que foram contra o campo de S. Pedro, guiados pelos verdadeiros aventureiros que se lançaram em nossos braços.

Fazei o mesmo, que não somos lusitanos, somos vossos patricios

Viva a religião catholica apostolica romana!

Viva a independencia da Bahia durante a menoridade do Sr. D. Pedro 2.º!

Vivão os bahianos do reconcavo!

Vivaa união dos brasileiros!

Palacio do governo da Bahia, 12 de Novembro de 1837—*João Carneiro da Silva Rego.*»

VI

Emquanto o governo revolucionario, depois de instalado, começava sua administração, vejamos o

que faziam as primeiras autoridades provinciaes, que tinham abandonado a capital no dia 7 de Novembro.

Da denuncia vio-se que á noticia do que se passava no Forte de S. Pedro na manhã de 7 de Novembro trazida pelo commandante das armas a palacio, abandonou-o o presidente Paraiso e recolheu-se ao brigue *Tres de Maio*, que trocou com o *Vinte e Nove de Agosto*, e deste ultimo fez a seguinte proclamação a 9:

«Bahianos! Tendes testemunhado que a mais vergonhosa revolta permitio que triumphasse na capital o nefando plano de separar-se esta bella provincia da união do Imperio, projectado por pessoas só conhecidas por desfavoraveis circumstancias.

E será possível, bahianos, que resfriado o vosso patriotismo, e o amor à sagrada pessoa do nosso jovem Imperador, por muitos dias taes individuos despidos de todos os prestigios e incapazes de fazerem a felicidade de alguém, se julguem victoriosos?!

Aonde a vossa nobreza? Aonde o vosso brio? Não, bahianos, não é possível, que sejamos mudos e inertes e espectadores dos destinos que espera a nossa capital!

E' tempo, corramos ás armas; a Villa de S. Francisco é o ponto de reunião, o tenente coronel Argollo é o vosso chefe; a cidade da Cachoeira é destinada para séde da Relação.

O bahiano, que não procurar nos pontos marcados o governo legal, quer silenciosamente commetter um crime imperdoavel; o empregado publico que geralmente não comparecer não pode ser contemplado como empregado do governo imperial; o militar que, dentro de 15 dias, se não apresentar será rigorosamente punido.

Escolhei, bahianos, ou supportar o jugo de um partido, que só nos pode offertar a anarchia, ou vingar a maior das affrontas, que foi feita ao Imperador, à lei e aos seus fieis subditos.

Viva a Religião!

Viva o Imperador!

Vivão os bahianos defensores da legalidade.

Bordo do brigue-barca *Vinte e Nove de Agosto* surto na Bahia, aos 9 de Novembro de 1837.—*Francisco de Sousa Paraiso*.

Impresso a bordo do brigue-barca *Vinte e nove de Agosto*,»

Do brigue *Tres de Maio* já havia o presidente officiado no proprio dia 7 ao tenente coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, depois barão de Cahiba, chamando-o.

A 10, porém, escrevia-lhe este de seu engenho Cahiba, onde já se achava o chefe de policia Francisco Gonsalves Martins, o seguinte officio de grande importancia:

«Illm. Exm. Sr. Os abaixo assignados, empenhados como se acham em restituir á Bahia a paz e a Constituição, e tudo isto ao throno de nosso augusto Imperador, dirigem-se a V. Ex. para supplicar-lhe que, pondo de parte todas quaesquer outras considerações, que não podem ser senão eventuaes, confie sua pessoa á nossa lealdade, e venha tomar assento no reconcavo, podendo dirigir-se ao engenho Cahiba, onde se concertará o verdadeiro ponto de resistencia.

O que podem desde já os abaixo assignados asseverar a V. Ex. é que ha dinheiro para fazer face ás despesas da guerra, que todo o reconcavo está disposto a sacrificios, e que nada mais se pode esperar aqui. Planos os mais bem combinados levam talvez os abaixo assignados a pensar que a guerra será concluida nestes 20 ou 30 dias.

Marchando V. Ex. para aqui, deve dar as ordens mais terminantes para que um dos brigues aperte o bloqueio da barra, não permittindo que os generos de primeira necessidade desembarquem na Bahia e sim venham para o reconcavo. O segundo brigue deve avançar até defronte da fortaleza de Itaparica, e, apoiado pela companhia dos imperiaes marinhei-

ros, segurar o ponto da mesma Itaparica e formar o bloqueio por esse lado.

Não receie V. Ex. que o brigue não possa approximar-se da ilha; porque na guerra passada teve isto logar no ataque da fortaleza.

Na occasião de retirar-se deve V. Ex. proclamar á cidade, dizendo-lhe, que, apoiado pelos habitantes do reconcavo, em breve iria livral-os da anarchia, e então na mesma proclamação ordenará V. Ex. a todos os militares, quer officiaes, quer soldados, que, no praso de 8 dias, se apresentem ao Sr. Argollo com pena de deserção. Egual intimação será feita a todos os empregados publicos, geraes e provinciaes comp ena de perda de seu emprego.

Uma semelhante intimação, posto que não comminativa, deve ser feita directamente ao Exmo. Arcebispo da Bahia e á Relação para se recolherem a Cachoeira ou a Santo Amaro.

Depois de chegar aqui, convocará V. Ex. a assembléa provincial, e saberá dos planos salutaes postos já em execução.

Seja energica a proclamação e immediata, e a vinda de V. Ex. não seja demorada 24 horas.

Podemos repetir-lhe que nada tema. O portador pode confiar a V. Ex. alguma cousa mais.

O ponto de Itaparica é muito importante occupar-se, ainda que seja necessario um pequeno choque.

A cidade está em uma posição muito vantajosa e os rebeldes abatidos com a nenhuma demonstração de regosijo e a extraordinaria emigração.

Todo o armamento disponivel, bem como munições, devem ficar a bordo do brigue que tenha de occupar Itaparica, d'onde os faremos conduzir.

Coragem ! Exm. Sr., e salvemos a provincia confiada a seus desvelos.

V. Ex. deixará ordem ao brigue do bloqueio da barra para dar parte da chegada da charrúa, afim de que providenciemos o desembarque das pessoas que devem chegar a seu bordo.

Devemos accrescentar a tudo quanto fica ex-

posto, que V. Ex. deve deixar no lugar onde actualmente se acha um delegado ou agente seu encarregado de fazer suas vezes, principalmente para agenciar quanto possa a compra de algum armamento pago ou por letras sacadas sobre o Rio, ou pela provincia, para o que torno a dizer que ha dinheiro.

O intendente da marinha, como influe para com os empregados do arsenal, deve providenciar a que os seus operarios e empregados se retirem, e isto fará elle da maneira que lhe parecer mais efficaz. Este mesmo senhor pode encarregar-se de agenciar a compra de munição, para o que existe dinheiro.

Independente disto nós procuraremos haver taes objectos por outros lados e meios.

Sobretudo V. Ex. não deixe de vir, precisamos de um centro proximo e sufficientemente autorisado. Não tenha considerações aos meios mais ou menos legaes, porque ahi primeiro é salvar o throno, a nação, as vidas e propriedades dos subditos. Consideramos agora qual será melhor que a apresentação dos militares e empregados, de que falamos acima, seja feita, não á pessoa do Sr. Argollo, porém, sim na Villa de S. Francisco á autoridade mais graduada, que ahi se achar, e que pode ser bem V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. Engenho Cahahiba, 10 de Novembro de 1837.—Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia Francisco de Sousa Paraiso.—*Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.*—*Francisco Gonsalves Martins.*

A consequencia immediata desta carta convite foi ir o presidente Paraiso para o engenho Cahahiba, d'onde a 13 fez nova proclamação aos bahianos (de Santo Amaro); officiou ao coronel Ignacio Bulcão, encarregado da organização de uma esquadra de cavallaria na Villa de S. Francisco; ao coronel Rodrigo Brandão, nomeando-o para commandar as forças que se reunissem na Cachoeira; ao coronel

Lima em Itaparica, nomeando-o commandante d'aquella ilha, e ao juiz de direito de Santo Amaro.

Ao juiz de direito Antonio Simões da Silva officiou nesta mesma data, mas já em Santo Amaro, avisando-lhe, que iria ter em Pirajá o tenente coronel Argollo para reunir as forças em uma brigada a seu commando; ao commandante das armas; ao coronel Argollo etc., e continuou d'aquella cidade a administrar a provincia até o dia 14 (o seguinte), em que officiou a Honorato José de Barros Paim, dizendo que, aggravando-se seus males, já tinham feito pedir ao governo imperial sua demissão, passava a administração da provincia a Luiz Paulo de Araujo Bastos, mas que estando tambem doente, passara para Paim, o qual acceitou-a, como se vê de seu officio desse mesmo dia 14.

A proclamação, porém, de Paraiso era do theor seguinte:

«Habitantes de reconcavo! As circumstancias occorridas na capital da provincia, que ora nos consternam, exigiram que eu d'ella me retirasse e me ache hoje entre vós. O patriotismo e amor á constituição da monarchia e á sagrada pessoa do Imperador, o Senhor D. Pedro 2.º, que nos caracterizam, exigem que não percaes tempo em correr ás armas contra esse bando de despreziveis aventureiros, que ousadamente abusou da boa fé da tropa para calcar aos pés o mais sagrado de nossos direitos e levar a effeito seus desmandos e ambiciosos intentos, como se fossemos capazes de passar pela baixeza de sujeitarmo-nos a seu criminoso bando.

Todas as medidas estão tomadas para marcharmos sobre a mesma capital em manutenção da integridade do imperio e legalidade do governo.

A mesma tropa, que por aquelles perversos foi illudida para insurgir-se, conto que estará arrependida de ter manchado com tão negra nodoa uma classe tão distincta e tão honrosa, que reflectindo sobre o criminoso passo que dera, não mais que-

rerá cooperar para fartar-se á ambição de seus seductores.

Da cidade de Santo Amaro, d'onde vos falo, sigo hoje para a Cachoeira.

Nesta, portanto, continuarei nas mais energicas providencias para victoria da causa da lei. Ajuda-me, e a capital da provincia será salva.

Viva a Religião !

Viva Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro 2.^o

Viva a Constituição !

Vivam os habitantes da provincia, defensores da legalidade !

Cidade de S. Amaro, 13 de Novembro de 1837.—
Francisco de Sousa Paraiso.

VII

Foi de muita curta duração a administração de Paim, pois que assumindo-a, como deixei dito, a 14 de Novembro, já a 19 entregou-a ao presidente nomeado, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

Comtudo n'esses poucos dias desenvolveu grande actividade.

Logo no dia seguinte, 15, estava em Cachoeira, d'onde fez a seguinte proclamação aos habitantes da capital.

«Habitantes da capital da Bahia !—O vice-presidente da provincia legalmente empossado no governo da mesma vos recorda o dever de prestardes vossa cooperação para o restabelecimento da ordem desgraçadamente alterada entre vós por uma facção de rebeldes que, atraçoando o vosso reconhecido patriotismo, conseguiram surprehender vosso assentimento para um acto attentatorio da união brasileira e dos direitos do throno do nosso Imperador, o Sr. D. Pedro 2.^o

E' tempo, portanto, de reunir-vos a vossos irmãos do reconcavo, que á uma voz tem proclamado a destruição dos tyrannos que vos opprimem.

Soldados da guarnição! Accaso estareis ainda preocupados da fatal illusão á qual vos levaram a malvadeza e desmedida ambição de infames, que vos seduziram! perversos! que assim abusaram de vossa credulidade e subordinação para comprometterem a vossa honra militar, menospreso da constituição do estado.

Não é possível que, passado o momento da illusão, tenhaes reconhecido o erro de profanardes a vossa nobre profissão, servindo de degráo para a elevação do crime e da immoralidade.

Attendei para aquelles que se acham á testa do governo rebelde, e de certo que tereis vergonha da nodoa, que acabaes de lançar na divisa de lealdade com que se distingue esta briosa provincia.

Soldados! um momento de irreflexão vos attrahiu a dar um passo falso, chegando a apparecerdes aos olhos dos vossos concidadãos como instrumento de seus crimes e desvarios; elles comtudo fazem justiça aos sentimentos de fidelidade que deveis ao nosso jovem monarcha e a vossa adhesão a causa da patria.

Correi, portanto, a salvá-la dos males que lhe preparam esses enfurecidos inimigos a tranquillidade publica.

Vingae a vossa honra offendida e gritae com-nosco:

Viva o Imperador o Sr. D. Pedro 2.º!

Viva a integridade do Imperio do Brazil!

Viva a Constituição que felizmente nós rege!

Vivam os bravos defensores da legalidade!

Cidade da Cachoeira, 15 de Novembro de 1837.—

Honorato José de Barros Paim.

Os outros dias de sua curta administração empregou o vice-presidente em tomar todas as providencias que as circumstancias exigiam, officinando ás principaes autoridades das comarcas de fóra.

No mesmo dia, porém, em que escrevia da Cachoeira a proclamação acima, chegava á barra da Bahia o presidente recentemente nomeado pelo

governo do Rio para substituir a Paraiso, que anteriormente á revolução tinha já solicitado sua exoneração:

Chegando, pois, Antonio Pereira Barretto Pedroso recebeu ainda fóra da barra por mão de um official de marinha do brigue *Tres de Maio* que, conforme o plano já communicado, fazia a vigia, os officios do presidente, e foi então que veio a saber da revolta que se tinha dado na Capital.

Fez entrar a charrúa, em que vinha do Rio, e dar fundo fóra do alcance das fortalezas, incumbindo logo ao commandante do dito brigue, por ser o de patente mais graduada, de empregar as forças de mar estacionadas para impedir quanto possível a entrada de barcos com viveres para a cidade.

No dia seguinte partio para Santo Amaro, onde constou-lhe existir o governo provincial, e, como o não encontrasse, seguiu para a Cachoeira, onde chegou no dia 18, tomando posse no dia seguinte.

Na debellação da rebeldia a que logo se entregou com afan, além de outras medidas, ordenou que se armassem barcos, aproveitando para isso os rodizios que poudo fornecer a corveta *Sete de Abril* que inesperadamente chegara.

Mandou mais que se estreitasse o bloqueio da Capital, onde começava a fazer-se sensível a falta de farinha e alguns outros comestiveis.

Fez marchar para Pirajá, ponto da reunião das forças em operações contra a cidade, as praças que podia apromptar, medidas tôdas que achou principiadas por Paim.

A falta, porém, de armas tornava-se sensível, e antolhava-se ao presidente como a causa de se retardar a restauração da Capital.

Essa grande autoridade deu poderoso movimento e impulso a emigração, que desde os primeiros dias foi espantosa, e particularmente para Itaparica.

Deu-se alli o mesmo que na Capital.

Revoltada esta, foram mandados para aquella ilha diversos emissarios, dentre os quaes distinguia-se

Manuel Joaquim Tupinambá, natural da dita ilha, morador á fazenda de S. João, onde nasceu, lavrador e juiz de paz, o qual, influenciando aos outros, com estes no dia 11 foi áquella ilha, onde proclamou a nova ordem de coisas, lavrando-se uma acta na Camara, como se fez na Bahia, como provam os documentos annexos ao processo, que contra elle instaurou a promotoria publica, a 10 de Agosto de 1838.

«Itaparicanos! Quinze annos ha que nestas plagas vosso valor reconhecido debellou a tyrannia, e quando direito tinhamos de esperar uma administração brasileira, que fizesse a felicidade da provincia e do Brazil, succedeu muito pelo contrario; porque, desde então até hoje, só a ambição e o patronato da côrte e da provincia tem occupado o tempo e o coração dos governantes, e tão tenaz e horrorosamente essas hydras se succedem, que nem seus deveres, nem alguns movimentos politicos de então para cá os tem feito acordar um instante para se occuparem da felicidade publica.

Nesta collisão, desesperado o genio bahiano, que não é e nem será do vil escravo, reassumindo seus direitos, acaba de proclamar na Capital da provincia a independencia da Côrte durante a menoridade do Imperador, e isto com o fim de centralisar na provincia nossos direitos, e dar ao nosso estado livre e independente uma fórmula tão regular e segura, que nos ponha ao abrigo do arbitrio de alguém.

Eia, pois, Itaparicanos, abracemos e juremos manter o nosso systema como o unico capaz de fazer a nossa felicidade. Seja a nossa gloria a paz, respeito eterno á propriedade, perenne segurança pessoal e geral, obediencia e confiança ás autoridades constituídas.

Viva o nosso estado livre e independente durante a menoridade constitucional do Senhor D. Pedro 2.º!

Viva a Santa Religião!

Viva o Senhor D. Pedro 2.º!

Viva a liberdade e independencia do Estado da Bahia!

Viva o actual presidente!

Viva o povo e tropa de Itaparica e todos os brasileiros livres!

Viva Itaparica!

Em 11 de Novembro de 1837.»

Esta installação do novo systema na denodada villa, communica Tupinambá ao vice-presidente João Carneiro no seguinte officio:

«Illm. e Exm. Sr.—Em observancia ao officio de V. Ex., de 10 do corrente (Novembro), tenho a satisfação de communicar que, no dia 11, teve logar nesta a acclamação da tropa e povo, elevando nossa patria á cathegoria de estado livre e independenté durante a menoridade do Sr. D. Pedro 2.º

E' esta, porém, a epocha, Exm. Sr., em que é urgentissimo apartar-nos das influencias do prazer, e applicar-nos a uma séria defeza desta villa, que sendo um ponto circulado de mar, pode ser invadido por muitas partes achando-se, como está, desarmada absolutamente.

Bem que não seja da competencia de um juiz tratar dos empenhos e circumstancias de uma defeza bellica, todavia sempre lembrarei, que toda e qualquer defeza que se applique, deve ser prompta e forte, afim de que todos se convençam da disposição do governo de V. Ex., o que, formando confiança, produz immediatamente força moral a favor do governo.

Eu tenho sob minha responsabilidade 20 armas ruins e desconcertadas, e julgando excessivos os affazeres do trem, tomei o expediente de as mandar concertar aqui, presupposto o devido pagamento pelo governo, e isto V. Ex. resolverá.

Consta-me que na feira de Maragogipe se não quiz commerciar em farinhas com lanchas desta villa, a pretexto de estar este municipio unido a Capital.

Termino este asseverando a V. Ex. que um appa-

rato aqui de força e duas canhoneiras, muito influirá nos animos e resolveria vontades indecisas.

Emfim V. Ex. resolverá.

Deus guarde a V. Ex.—Villa de Itaparica, 15 de Novembro de 1837.—Illm. e Exm. Sr. Vice-presidente do estado independente da Bahia.—*Manuel Joaquim Tupinambá*, juiz de paz.»

De ephemera duração, porém, foi a obra executada por Tupinambá, porque a grande emigração da Capital, naquelles seguintes dias para Itaparica, trouxe uma contra-revolução, em que tomou parte a Camara, fazendo no dia 15 a seguinte proclamação a a seus municipes:

«Itaparicanos! A camara municipal desta villa se congratula comvosco. Acaba de ir por terra o governo fraticida da Capital. O brio, que bem como a vós, anima a todos os amigos da lei, tem regenerado a ordem que havia sido perturbada, e vae restituindo a paz ás familias.

A aversão desta Camara á acta do tal dia 11 deste mez vos foi bem manifesta e evidente; nem uma só voz de adhesão partio desta Camara, nem uma publicação se fez no Municipio daquella fatal acta, nem de papel algum, em que esta mesma Camara mostrasse a menor sympathia com a desordem da Capital.

Eia! uni-vos, abraçae e sêde fieis á Constituição, só d'ella pode emanar a felicidade dos brasileiros.

Viva a Religião!

Viva a Constituição!

Viva o Sr. D. Pedro II e o governo legal estacionado na cidade de Santo Amaro!

Paço da Camara Municipal, 15 de Novembro de 1837.—*Agostinho da Costa Lima*, presidente.—*Cae-tano Alvares de Souza*, vereador e secretario.—*Luiz Gonzaga da Luz*.—*José Narciso de Carvalho*.—*Elias José Barbosa*.—*José Carneiro Ribeiro*.—*Marcellino Antonio Rodrigues*.

Da sessão que teve logar lavrou-se a seguinte acta:

R.

ACTA DA INSTALLAÇÃO DO GOVERNO CONSTITUCIONAL DO SR.
D. PEDRO II E INTEGRIDADE DO IMPERIO E DE DEROGAÇÃO DA
ACTA DE 11 DE NOVEMBRO FEITA EM LIVRO APARTADO A RE-
QUERIMENTO DA TROPA E POVO DO MUNICIPIO

Sendo presidente da sessão o Sr. Agostinho José da Costa Lima, e vereadores os Srs. Caetano Alves de Souza Junior, Elias José Pedrosa, Luiz Gonzaga da Luz, José Carneiro Ribeiro, Marcellino Antonio Rodrigues e José Narciso de Carvalho, compareceram nos paços da municipalidade muitos e diversos cidadãos de differentes ordens, e em frente dos mesmos paços se reuniu uma força armada commandada pelo tenente-coronel Francisco Xavier de Barros Galvão, immediatamente a tropa e o povo anniquilando a acta celebrada no dia 11 do corrente, passou a dar vivas e a proclamar o governo constitucional do Sr. D. Pedro II e a integridade do Imperio, á religião e ao governo estabelecido na leal cidade de Santo Amaro. O presidente da Camara propoz a discussão a materia, a qual foi unanimemente approvada, deliberando-se que neste sentido se proclamasse á todas as autoridades locaes, enviando-se-lhes proclamas. Passou a Camara immediatamente a proclamar ao povo e tropa, e os vivas foram repetidos cordial e patrioticamente.

E, para constar, se mandou lavrar a presente acta, e eu, Caetano Alves de Souza Junior, servindo de secretario, a escrevi.—Agostinho José da Costa Lima.—Caetano Alves de Souza Junior.—José Carneiro Ribeiro.—Marcellino Antonio Rodrigues.—José Narciso de Carvalho.—Luiz Gonzaga da Luz.—Elias José Pedrosa.—Francisco Xavier de Barros Galvão, tenente-coronel.—Manuel da Silva Daltro, coronel do estado maior.—José Ricardo da Silva Horta, coronel.—O sargento-mór, José Vicente de Amorim Bezerra.—José Pedro de Alcantara, capitão do 2.º batalhão da guarda nacional.—José Placido dos Santos, juiz municipal.—Manuel Rodrigues Gomes de Souza, sargento-mór.—Rodrigo Pereira de Menezes da

Silva Daltro, ajudante de ordens do commandante superior da Bahia.—José Pedro de Menezes, tenente commandante da fortaleza.—Pedro José Cardoso, tenente.—Alexandre Xavier de Barros Galvão, tenente.—José Caetano da Costa, juiz de orphãos.—Libencio Manuel de Castro, guarda nacional do 2.º batalhão.—João Claudio dos Santos.—Feliciano Pereira.—Dr. Elias José Pedrosa, cirurgião-mór da guarda policial.—José Cardoso Marques.—Bernardino Affonso Martagão, professor publico de primeiras lettras.—Innocencio José da Silva, guarda nacional do 3.º batalhão.—Francisco José de Oliveira Guimarães Junior.—José Luiz Soares.—Jacintho Muniz Barretto, official da secretaria da Camara da Bahia.—José Antonio da Cunha, administrador da meza do consulado da Bahia.—Francisco Fausto de Menezes Daltro.—José de Sant'Anna Motta.—Joaquim Marcellino de Britto, desembargador da Relação desta provincia.—José Antonio de Araujo, negociante.—José Soares, feitor e conferente da Alfandega.—Antonio Pedroso de Albuquerque.—Jayme Soares.—Mauuel José Pereira Caldas Junior, escrivão de appellações.—João Correia de Britto.—Antonio João da Silva.—João Antonio de Souza Portugal, tenente-coronel.—Salustiano José da Silva.—Wenceslau Miguel de Almeida.—José Thomaz de Aquino, escrivão da entrada da alfandega.—Horacio Soares.—Clemente Ignacio de Vasconcellos.—José Venancio Ribeiro Tupinambá, capitão.—Padre João Nepomuceno da Rocha.—Antonio da Costa Chastinet, capitão do 1.º batalhão da guarda nacional.—Joaquim Alves da Fé.

Bahia, Maio de 1890.

FRANCISCO VICENTE VIANNA.

(*Continúa.*)



As Riquezas naturaes do Estado da Bahia

O nosso distincto conterraneo capitão-tenente Collatino Marques de Sousa escreveu, sob esta epigraphé, varios artigos para o *Jornal do Commercio*; e tão importantes são as informações ministradas, que julgamos de interesse publico a sua transcripção nas paginas da nossa *Revista*.

—

«Podemos affirmar, sem medo de errar, não haver na União Brasileira um só Estado que possa competir com o da Bahia em riquezas naturaes, quer no reino mineral, quer no reino vegetal, e a nossa convicção chega mesmo a nos permittir sustentar que não existe paiz algum do mundo, que esteja no caso de igual comparação.

Algumas dessas riquezas que a Bahia encerra em seu abençoado solo já estão, é certo, exploradas e continuarão a sel-o, porque são inesgotaveis, e constituem importantissimos ramos de seu commercio com as nações estrangeiras e os outros Estados da União, formando 19 artigos de exportação, cada qual mais valioso, que, por si só, poderiam fazer a felicidade de uma nação, taes são os seguintes generos: Cacão, fumo, charutos, assucar, aguardente, café, algodão, tapioca, araruta, piassava, coquinhos, jacarandá, cedros e muitas outras madeiras de lei, borracha, fructas, diamantes, ouro, cal, azeite de peixe, etc.

Além desses importantísimos generos de commercio, muitos outros poderia a Bahia ainda exportar quer no reino mineral, quer no reino vegetal.

Considerando agora o Estado da Bahia sob o ponto de vista topographico em relação á União Brasileira e mesmo á America do Sul e á vastidão do seu territorio, que é maior do que a França, visto possuir esta, segundo Balbi, 543:051 kilometros quadrados, ao passo que a Bahia, segundo o mesmo auctor possui 609:840 kilometros quadrados, e a ser banhada tambem pelo Oceano Atlantico, onde possui grande numero de portos accessiveis aos maiores navios, e ser cortada ainda pelo grandioso rio S. Francisco no trecho completamente desimpedido e franco, na estiagem, a navios do calado de 2 metros, vê-se que este Estado afortunado foi destinado pela Providencia para ser o grande intermediario dos outros Estados do Brazil e da America do Sul com a Europa, a Africa, a Oceania e a Asia Oriental *pe-lo caminho mais curto.*

Já provamos por este mesmo jornal que, em pouco mais de *seis* dias de viagem, podia um vapor de marcha media de 20 milhas ir da Bahia a Cadix, e deixar alli ou tomar os passageiros e cargas quer do norte da Europa, quer do vasto Mediterraneo fazendo navegação muito mais segura e commoda do que hoje realisam os esplendidos e sumptuosos paquetes das diversas linhas, que navegam de Nova-York para a Inglaterra e vice-versa.

E como o caminho mais curto para as Indias seria de certo, como outr'ora, pelo *Cabo da Boa Esperança*, porque os paquetes seriam sempre protegidos pelos ventos e correntes oceanicas, regressando pelo Cabo d'Horn, sempre favorecidos pelas mesmas correntes e ventos, é claro que o porto da Bahia, que não encontra rival em segurança, profundidades e dimensões, pois que tem *trinta* leguas de circuito e é quasi por toda a parte accessivel aos maiores navios, está destinado, dizemos, a ser na America do

Sul um *entrepoto* como Liverpool o é na Europa, ou Nova-York na America do Norte.

Quando quasi todos, senão a maior parte dos Estados da grande União Brasileira, importam *do estrangeiro* os cereaes e carnes com que se alimentam, comprehendendo mesmo o de Minas Geraes, que está importando milho e toucinho, *incredibile dicit*, para sua alimentação, o da Bahia só importa as carnes seccas do Rio Grande do Sul, o trigo da America do Norte, o arroz da India ingleza e algum bacalháo da Noruega ou do Banco da Terra Nova, artigos estes que pode facilmente produzir, como demonstraremos, para seu uso e *mesmo para exportar*, quando o seu alto sertão for convenientemente cultivado; pois que existem alli, *com as altitudes do solo*, extremamente montanhoso, todos os climas do sul da Europa, e o rio S. Francisco, quer no seu leito, quer em suas margens salitrosas, *nimiamente adaptaveis à industria pastoril*, póde fornecer peixes abundantissimos em suas aguas miraculosas para abastecer muitos mercados, e carnes saborossissimas de suas boiadas para a alimentação publica de todo o Brazil, e quiçá para exportação estrangeira, sem que haja o receio sequer de perigar esta industria, vendo o gado *perecer afogado com as enchente do rio*, como acontece em Matto Grosso, que perde annualmente *dezenas de milhões* de cabeças de gado bovino por esse motivo, ainda porque nas saluberrimas margens daquelle magestoso rio bahiano não se conhecem nem beriberi, nem tão pouco o *mal das cadeiras*, de Matto Grosso e da ilha de Marajó, no Pará, que afflige o gado cavallar de modo mais cruel possivel, a não permittir absolutamente sua existencia n'aquella vasta zona banhada pelas enchentes do rio Paraguay.

Foi a Bahia a unica provincia do antigo imperio que, por occasião da abolição violenta da escravatura, não vio o seu trabalho agricola profundamente desorganizado, como todos os outros.

Se houve, como era natural, um periodo de transição

entre o trabalho livre e o trabalho escravo foi este periodo de mui curta duração alli; felicidade esta que as outras provincias não tiveram, salvo as que estavam de ante-mão preparadas para esta transformação radical dos trabalhos ruraes pela ampla introduccão de colonos europeus.

Não obstante, porém, este abalo por que passou o Brazil, a Bahia progredio sempre, desenvolvendo cada vez mais suas numerosas fabricas de tecidos de algodão nacional, quer augmentando suas diversas culturas; e para este fim contava ella com a sua numerosa população, que se avalia, no minimo, em dous milhões de habitantes, com o amor dos seus filhos aos trabalhos do campo, e, principalmente, com a instrucção agricola diffundida pelos mestres instruidos no *Instituto Agricola* da Villa de S. Francisco, que tão assignalados serviços lhe tem prestado.

E' por isso que a Bahia exporta para o estrangeiro *dezenove artigos de commercio*, cada qual mais valioso.

E o fumo, que até bem poucos annos alli vendia-se a 5\$000 a arroba ou 15 kilos, vende-se actualmente a 35\$000!

Pode dizer-se mesmo que a Bahia faz o monopolio desta exportação, porque nenhum Estado do Brazil produz nem a millesima parte do fumo que ella exporta para a Allemanha.

A exportação do cacáo das comarcas do sul da Bahia, Ilhéos e Cannavieiras, banhadas pelos rios Cachoeira, Pardo e Jequitinhonha, já é pouco inferior á do Pará, mas, tendo sido tão cultivado o cacoeiro alli, em breves annos sobrepujará de certo aquella outra.

Pena é, porém, que o cacáo bahiano, como o paraense, seja de qualidade inferior e sirva tão somente *para ser misturado* com o de Caracas, na razão de *partes iguaes*, no fabrico dos famosos chocolates de Menier. Ao passo que este ultimo cacáo de Venezuela se vende, para exportação, de 2\$500 a 3\$560 o kilo-

gramma, o cacáo brasileiro vale quasi a *quarta parte* daquelle outro!

Todo o defeito está, porem, não no cultivo, porque os terrenos são excellentes, mas *nos processos de fermentação e de empacotamento ou embalagem*, fazendo-se aquelle em *silos* (monticulos) *subterraneos*, cobertos de palha e ao abrigo do ar externo, quando no Brazil se faz *a céu aberto*, desapparecendo por isso todos os ethers desenvolvidos durante aquelle processo chimico da semente nova e verde, que tanto bonificará o genero, sendo absorvidos, igualmente a *embalagem* entre nós é brutal pois que vem *a granel* o cacáo nos barcos de transporte e raras vezes é *embarcado*, sendo o envolucro *forrado inteiramente de papel*, como as barricas que transportão a cevada germinada destinada ás fabricas de cerveja do Brazil e outros paizes.

Para darmos uma ligeira idéa do valor das terras das comarcas do sul da Bahia, transcrevemos o que ha poucos dias foi publicado neste jornal, extrahido dos da Bahia, em que publicaram a representação feita por 200 negociantes daquelle cidade á respectiva Associação Commercial, pedindo navegação regular para o porto de Una, na comarca de Ilhéos.

«Acerca de 100 milhas de distancia desta capital existe o porto de Una, na comarca de Ilhéos, no sul deste Estado, cujo termo ou municipio é dos mais ferteis terrenos, proprios para todas as culturas agricolas e abundantissimos em madeiras de todas as qualidades, em logares proximos a embarques, tendo ainda mais o páo de óleo de copahyba, piassabeiras florestas riquissimas, bem como um avultado numero de fazendas de cacáo, que, embora sejam em grande parte novas, suas plantações já produzem alguns milhares de arrobas, devendo dentro de tres annos quadruplicar.»

Quando a Bahia conseguir uma rêde de estradas de ferro, como a França possui, e de modo a poder ligar entre si as suas 40 comarcas com a capital e o norte do Estado de Minas Geraes e Goyaz, então

a cultura de seus uberrimos terrenos do alto sertão poderá produzir abundantemente, não só o trigo, como o arroz e todos os productos da lavoura dos climas frios, pois que, a partir da capital, onde a altitude é de 64 metros, o solo do sertão bahiano conta altitudes desde 137 metros, em Alagoinhas, até 1,200 metros no Morro do Chapéo. O Brejo Grande está a 530 metros; Monte Alto a 580; Chique-Chique a 750; Caetité a 850; Rio de Contas, a 1.080; Santa Izabel de Paraguassú e Maracás, a 1.000; Canna Brava 1.100, Joazeiro (na margem do S. Francisco e ponto terminal da via ferrea) a 372, e Carihanha, (na margem opposta e no limite com o Estado de Minas Geraes) a 466.

Quando o illustre ex-ministro da agricultura, o Sr. Dr. Antonio Olyntho, foi inaugurar a Estrada de Ferro da Bahia ao S. Francisco, teve S. Ex. occasião de ver e admirar os bellissimos vinhedos daquelle cidade, e ainda mais de provar assa borosissimas uvas moscateis pretas e brancas, alli produzidas, e que são muito mais doces e delicadas do que as melhores da mesma qualidade, colhidas na Europa e lá mesmo consumidas.

Na Europa, porém, as vinhas dão uma unica colheita por anno, ao passo que no Joazeiro ellas dão ordinariamente, sem esforço algum, *duas colheitas annuaes*, e para mostrar a grande fertilidade daquelle solo arenoso e aparentemente ingrato, basta dizer que um illustre sacerdote, residente em Joazeiro, quiz fazer *terceira colheita annual*, e o conseguiu perfeitamente pelos meios artificiaes, mas teve o desgosto de perder todas as suas vinhas que tinha posto em prova.

O que se dá na cidade do Joazeiro, acontece em toda a margem direita daquelle rio, no trecho bahiano, cujo solo, essencialmente salitroso é sem duvida assás appropriado á cultura da vinha, porque

de outro modo não se pode explicar tão prodigiosa produção de uvas naquella margem do grande rio.

Os vinhedos do rio S. Francisco têm ainda a grande vantagem de não estarem expostos ás geadas, como acontece nos paizes da Europa e da America do Norte, e como acaba de dar-se em alguns departamentos da França, assolados por este meteoro, que lhes produziu perdas avaliadas em vinte milhões de francos.

Consequentemente é a cultura da vinha nimiamente remuneradora a todo aquelle que fôr alli estabelecer os seus penates, não só para enriquecer e ser feliz, como para poder assegurar o futuro da sua familia em um clima saudavel e ameno.

Além da uva, cuja produção é prodigiosa nas margens do S. Francisco, crescem alli tambem os cardos em profusão assombrosa e com elles alimentam-se os coxonillos, que, como sabe-se, têm inestimavel valor commercial.

Vê-se, pois, que existe alli um outro ramo importantissimo de commercio, que a especulação ainda não aproveitou naquelles terrenos baldios.

Quanto aos arrozaes é facil de ver a sua grande produção nas margens dos pequenos affluentes do S. Francisco e mesmo nas margens deste, logo após as enchentes, represando-se facilmente as aguas para irrigal-os convenientemente, ou mesmo colhel-o sem irrigação alguma, encostando ás canoas aos mesmos arrozaes.

Disse-nos, entretanto, um amigo, e distincto magistrado já fallecido, que em certas comarcas do sertão da Bahia plantava-se o *arroz de montanha*, o qual produzia espantosamente dando primeiro, segundo e terceiro corte, sendo no quarto corte entregue á pastagem dos animaes!

A uberdade, porém, do solo do sertão bahiano é tão prodigiosa que, nas *Lavras Diamantinas*, vê-se a vegetação desenvolver-se de um modo quasi miraculoso no meio daquelles detricos de rochas e de terras esboroadas para a procura dos diamantes, ex-

trahidos das entranhas das terras, que são inesgotáveis desta preciosa gemma

Com as enchentes já tem o rio S. Francisco subido algumas vezes a 41 palmos (nove metros), ficando suas margens alagadas até grande distancia; mas como o solo é em extremo montanhoso e as serras estendem-se por toda a parte, encontra o gado bovino, que alli se cria, e que é o mais corpulento de todo o Brazil, abrigo prompto nos altos, nunca sendo por isso sorprendido pelas aguas e, como; o clima é alli quente nessa época, crescem promptamente as nutrientes pastagens cujo poder nutritivo é muito superior ao das forragens seccas dos outros paizes.

E não é sómente alli que as margens do rio se adubam e enriquecem com os depositos fertilisantes trazidos em suspensão pelas aguas, mas tambem em qualquer comarca daquelle solo abençoado encontram-se, nos valles das immensas e multiplicadas serras, pois que a Bahia possui para cima de duzentas pequenas serras, magnificas forragens para os gados, bovino e cavallar.

Quando na melhor zona do littoral das comarcas do sul da Bahia, Camamú, Ilhéos, Porto Seguro e Caravellas, uma planta de mandioca só pode conservar os respectivos tuberculos soterrados dous annos, no alto sertão bahiano a mesma planta pode conservar os seus tuberculos debaixo da terra *durante seis e dez annos*. Com cinco annos de idade, produz alli uma planta de mandioca mais de 120 kilos de tuberculos, podendo um só pé carregar com elles um cavallo.

Nas matas do Orobô estão plantando já grandes cafezaes, e é tal o seu desenvolvimento vegetativo que estes arbustos parecem arvores.

Entre as riquezas a assignalar do Estado da Bahia está a fabricação do sal marinho ou chlorureto

de sodium; de tantas applicações domesticas e industriaes.

Joazeiro, situado na margem direita do rio S. Francisco e Pilão Arcado, na margem opposta, são as localidades onde já se faz um importante commercio deste valioso artigo, não só para todas as cidades e numerosas povoações do Estado de Minas Geraes, ribeirinhas daquelle rio ou situadas nos seus principaes affluentes navegaveis, como seião Rio das Velhas, o Paracatú, de navegação franca quasi até suas vertentes em Goyaz, o Urucuya e outros da margem opposta, como o Rio Verde Grande, que limita Minas com a Bahia, como tambem para as povoações bahianas, semelhantemente situadas no grande rio e seus principaes affluentes, entre os quaes é o Grande o mais notavel, porque dá navegação franca na maior estiagem, até a Villa de Barreiras.

Este commercio, pois, pôde desenvolver-se muito, porque o rio S. Francisco, com os seus affluentes navegaveis, offerece, nas estiagens, navegação franca para 7.000 kilometros entre Pirapóra e o Joazeiro, segundo o engenheiro Amarante.

Parece que o grande valle do rio S. Francisco foi outr'ora um *lago salgado*, cujas aguas evaporarão-se, como estão evaporando-se as dos lagos do Oriente da Europa, que são as vertentes de muitos rios daquellas regiões do Caucaso, talvez porque as terras vão gradativamente abaixando-se, como se acredita, do que resulta a rapida evaporação das aguas, ficando no solo os saes soluveis.

Como prova do que avançamos, apresentamos o que escreveu o Sr. Frederico Moreau em suas *Notas de Viagem aos Estados Unidos*, publicadas em Paris, em um volume, em 1888, quando descreve a Capital dos Mormons chamada *Sall Lake City* e o respectivo Lago Salgado, que lhe fica, entretanto, muito distante.

«As aguas do lago são muito densas (1.07). Sua salgadura é de 14 por 100, isto é, quatro vezes mais

forte do que a do Oceano, e um terço mais fraca que a do Mar Morto. O peor nadador pôde nellas immergir-se sem temor: basta, para fluctuar como uma rolha, cruzar as mãos nos joelhos. E' preciso, porém, evitar molhar os olhos, porque lhe resultará um grande ardor por causa do forte teor em sal.

O nivel do lago Salgado não tem sido sempre o mesmo que é actualmente. Nas encostas das montanhas circumvisinhas, vê-se claramente, a trezentos metros acima da superficie actual das aguas, muitos vestigios successivos e horizontaes, que são indícios incontestaveis de suas antigas margens.

Suppõe-se que até então as aguas do lago, precipitando-se pela garganta ou desfiladeiro de *Red-Kock*, para as vertentes do Malad River, achavam uma sahida para a bacia da Colombia; e cada uma das marcas de praias ou margens corresponderia a um abaixamento do solo!»

Foi sem duvida phenomeno identico o que se deu na America do Sul naquella localidade, do que resultou ficarem os saes depositados e misturados com as terras do valle do nosso grandioso S. Francisco. A não ser assim, foi então o mar que alli penetrou naquellas éras primitivas através da Cachoeira de Paulo Affonso, que tem aliás 80 metros de altura.

Esta hypothese, porém, não parece verosimil, porque a conformação *ingreme* das serras do Oeste do Estado da Bahia, aliás verdadeiros chapadões de immensas extensões, indica claramente que foram as suas encostas algum dia *esboroadas* tambem pelas aguas em periodo assás remoto por que passou o mundo e a prova de que o sal marinho, ou chlorureto de sodium, *veio dalli*, é que o Sr. James Wells declara na pagina 122 do 2º volume da sua obra, publicada em Londres, em 1886—Tres Mil Milhas através do Brasil, ou Viagem do Rio de Janeiro ao Maranhão, passando pelos rios São Francisco e Tocantins, o seguinte:

«Depois de varias tentativas para subirmos a en-

costa da montanha (achava-se elle nas margens do *Rio Sapão*, que é affluente do *Rio Preto*, igualmente affluente do *Rio Grande*, que é o principal affluente do S. Francisco), descobrimos finalmente uma subida facil para os taboleiros e proseguimos na nossa viagem em um territorio que nos parecia ser um *outro novo mundo* (o gripho é nosso), os Ge-raes de Goyaz.

«Tanto quanto podia a vista alcançar, as terras se estendiam planas como uma meza, não se notando sequer a mais leve ondulação: o solo arenoso e macio está coberto de touceiras de verdura, etc.» (sem duvida diremos nós era o *capim-assü* do alto sertão da Bahia, que cresce em touceiras de 1 metro de altura e de um poder nutritivo, como não se encontra igual em outras paragens).

«Na subida eu vi uma ou duas *selt-licks* (barrancas de sal) e numerosos vestigios de varios animaes. Estas minas poderiam ser utilizadas para a producção do sal, visto ser este artigo muitissimo valioso por ser este genero de consumo do interior do Brasil o mais caro, visto ser transportado do littoral com muito trabalho e despezas.»

E para se saber agora o que é o clima do Rio Preto, que vae unir-se, sem solução de continuidade, com o Rio do Somno, affluente do Tocantins, por intermedio de seu affluente o Rio Sapão, já referido, transcrevemos tambem para aqui o que se lê na citada obra, á pagina 99 do 2.º volume:

«Que paraizo poderia tornar-se esta localidade nas mãos de um povo activo, de um povo que quizesse viver feliz de seu trabalho razoavel.»

A' pag. 121 do mesmo volume, diz ainda elle:

«A feição mais caracteristica do valle do rio Sapão é a das avenidas de *Buritys* (*Mauritia vinifera*), que crescem a 80 pés de altura, quasi invariavelmente em linha, em distancias variaveis, como se fossem plantados pela mão do homem.»

Estas palmeiras, diz o mesmo viajante, encerram no seu tronco um licor tão doce como a agua do

côco verde, e com a qual os indios fabricam um vinho saboroso e muito capitoso.

Ellas ainda produzem biliões de fructos que produzem o *marfim vegetal*. Naquelle zona os buritys crescem aos milhões e ninguem aproveita-lhes os fructos nem o licor.

Ha ainda alli em profusão uma arvore, cujo fructo, do tamanho de uma maçã, dá excellente sabão, e que é donominada *Sapiúdas*; outra arvore produz um fructo que encerra um oleo semelhante ao de ricino (*Mamoninha*).

A' pag. 361, diz (fallando da Chapada da Mangabeira, nos limites da Bahia com Goyaz) o seguinte.

«Esta vasta planicie, onde o viajante pôde caminhar 100 milhas sem encontrar agua ou *contornal-a* em canôa desde a barra do Rio Grande, no Rio S. Francisco até á *foz do rio Somno*, no rio Tocantins, este elevado *platô*, conhecido pelo nome de *Chapada da Mangabeira*, que se estende desde a latitude 10 graos com a fôrma de uma ferradura, constitue a origem dos rios do Nordeste do Brazil.»

O nome de *Mangabeira* é derivado das florestas de mangabeiras que alli crescem e têm sido aproveitadas para a producção da gomma elastica, que é reputada superior á da *symphonia elastica* do Pará, a qual cresce nos paúes ou terrenos alagadiços, quando a outra cresce sómente nos terrenos seccos e climas saudaveis.

Quanto ás riquezas mineraes, podemos affirmar superabundarem ellas em marmores de côres variadas, nos barrancos do Rio Pardo, em Cannavieiras, bem como em muitos lugares das margens do Rio S. Francisco; em turfa abundantissima em Maranhú e na villa do Prado, para o fabrico de velas de parafina, oleos lubricantes, kerosene, alcool, vinagre e outros productos, bem como para fins medicinaes e hygienicos, por terem as aguas dos turfeiros maravilhoso poder antiseptico, e a propria turfa grandes propriedades conservadoras de artigos sujeitos á putrefacção; nas areias preciosas que dizem

conter ouro da referida villa do Prado; nos immensos recifes calcareos do parcel dos Abrolhos e dos que guarnece todo o littoral maritimo daquelle Estado; nas montanhas do valle do S. Francisco e outras localidades etc., etc., etc.

E para não irmos longe, nem fallarmos na grande industria das pescas maritimas dos Abrolhos e costa maritima do Estado, bem como do Rio S. Francisco onde abundão os preciosos surubins de 2 e 3 metros de comprimento e milhões de piranhas, que não se extinguem nunca, havendo naquelle rio 37 especies de peixes entre os quaes prima o suruby, que poderia ser exportado secco, para substituir o bacalhão, mostraremos o que sobre as riquezas mineraes do Estado da Bahia escreveu, ha longos annos, o coronel Ignacio Accioli, em sua informação ao Governo.

«Possue o rio S. Francisco, ao longo de suas adjacencias, os mineraes que se reconhecem, e, além destes, outros de immensa importancia:

Os diamantes, a platina, o ouro, a prata, o cobre, o manganez, o chumbo, o ferro, o alumeou a pedra hume, as vastas pedreiras de fino e variegado marmore, muitas minas de salitre, muitas pedreiras sélicas, a pedra calcarea e a de amollar, diversidade de argilas (entre ellas o kaolin) finissimas e por fim abandonadas.

E James Wells, á pag. 336 do 1 vol. de sua já citada obra diz, em 1886, o seguinte:

«Se a presença da formação de diamantes é indício de um thesouro inestimavel, existe este aqui neste pouco conhecido lugar (achava-se elle em Formosa, na margem do Rio Preto); porque por toda a parte em terra como nas corôas e nas *panellas* das rochas encontra-se esta formação, que se estende por todo o caminho que tenho percorrido desde Pirapóra; incontestavelmente que chegará o dia em que este valle será explorado por uma raça mais energica e emprehendedora, e serão aproveitadas todas as suas fontes de riquezas.»

Assim concluindo esta serie de artigos sobre as

riquezas do solo bahiano, não podemos deixar de agradecer cordialmente a gentileza com que foram os nossos pobres escriptos recebidos pela illustrada e patriótica redacção deste Jornal, incontestavelmente uma estrella de primeira grandeza na Imprensa Brazileira, e que já tem prestado muitos serviços á patria, franqueando suas columnas á todos aquelles que á ella dedicão uma parte dos seus labores »

Rio, Junho de 1897.

COLLATINO MARQUES DE SOUSA.



Actas das Sessões

55ª SESSÃO EM 31 DE JULHO DE 1898.

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 31 dias do mez de Julho de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, á 1 hora da tarde, no salão do Instituto, presentes os socios Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, João Torres e Filinto Bastos, Drs. Ernesto Carneiro Ribeiro, Góes Calmon e Wenceslau Guimarães, professor Austrichiano Coelho, Pharmaceutico commendador Joaquim Manoel de Sant'Anna, Eloy Guimarães, Henrique Prager, Commendador Salvador Pires, Cap. Ferreira Braga, Gonçalves Neves e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Officiis: do Secretario da commissão central do centenario da India, nesta cidade, solicitando permissão para inserir no livro commemorativo da sessão litteraria, que teve logar a 20 de Maio, o dis-

curso pronunciado pelo orador do Instituto, (mandou-se responder autorisando a publicação); do Dr. Intendente do Municipio communicando que expedio as ordens necessarias no sentido de serem removidos para o Museu do Instituto os 2 tóros de madeira petrificados, recolhidos ao deposito municipal e encontrados no lugar donde foi removido o meteorito Bedengó.

Cartas:— Do Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão offerecendo o 1.^o volume do seu Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco; do Secretario Geral da Academia Real de Sciencias de Lisboa accusando o recebimento da «Homenagem ao Padre Antonio Vieira» no bi-centenario de sua morte; do coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior offerecendo ao Instituto o retrato do notavel bahiano Visconde de São Loureço, que tão relevantes serviços prestou ao extincto imperio; do consocio Dr. José Pedro Xavier da Veiga, director do Archivo Publico Mineiro, remettendo um exemplar das suas *Ephemerides Mineiras*, em 4 volumes, e mais 2 opusculos sobre a *Imprensa em Minas Geraes* e a *Revolução de Villa Rica*; do consocio José Biedma, sub director do Archivo Geral de Buenos Ayres, apresentando ao Instituto suas sentidas condolencias pela dolorosa catastrophe occorrida no Laboratorio do Campinho, no Rio de Janeiro; do nosso conterraneo João Moreira da Costa, gerente da casa Pekin, (Pará), offerecendo ao Instituto uma collecção das explorações do engenheiro Coudreau, como recordação da terra que lhe servio de berço; da Exma. Consocia D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, agradecendo a sua eleição de socio correspondente: do Dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama, Consul do Brazil no Porto, declarando em resposta ao officio de 20 de Junho que, comquanto o seu nome figurasse entre os dos nossos dois compatriotas que representaram este Instituto por occasião das festas do centenario da India, foi-lhe impossivel, pelos deveres de seu cargo, comparecer em Lisboa; e do

consocio João Vieira da Silva, consul geral do Brazil em Lisboa, remettendo uma cópia do officio que recebeu da Sociedade de Geographia de Lisboa, acerca da representação deste Instituto por ocasião dos festejos do 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo das Indias, e que logo que recebesse as publicações e medalhas commemorativas de que trata o referido officio as faria seguir sem perda de tempo.

O Cons. Dr. 1.º Secretario declarou que já se achavão na casa os autographos enviados pelo Dr. Guilherme Studart, referentes a Alves Branco, dos quaes foi portador o consocio J. Arthur Montenegro.

Foram lidas quatro propostas para admissão de socios, a saber: para socios effectivos o Dr. Manoel Carlos Devoto, professor do Gymnasio; Major Polydoro Bittencourt, industrial e capitalista; Dr. Affonso de Castro Rebello, substituto do Dr. Procurador Geral do Estado; Dr. Guilherme da Conceição Fœppel, advogado, e Damasceno Vieira, litterato e poeta; e uma outra de socios correspondentes, a saber: Dr. Theodoro Sampaio, engenheiro, residente em S. Paulo; Dr. Felisbello Freire, medico e publicista, residente na capital Federal; Dr. Theophilo Rodrigues, advogado e escriptor, residente em Caracas (Venesuela); Visconde de Taunay, engenheiro e litterato, residente na Capital Federal, e Dr. Alfredo de Carvalho, engenheiro e litterato, residente no Recife. Essas propostas foram remettidas á respectiva commissão para dar parecer.

Em seguida pedio a palavra o Dr. Góes Calmon e leu uma communicação assignada pelos socios Drs. Braz do Amaral e Innocencio Goes e professor Borges dos Reis, em que dando noticia do estado de ruina e abandono da Capella de Pirajá, onde se acha o monumento que encerra os restos do General Labatut, assim como o estado do cemiterio da localidade, factos estes que observaram na ultima romaria que alli se fez e que é de costume fazer-se todos os annos, concluem propondo que a Meza se

dirija á mitra e á municipalidade pedindo providencias sobre a conservação da capella e o saneamento d'aquelle arraial.

Pelo Sr. Ccns. Presidente foi dito que opportunamente seria tomada em consideração a proposta.

Foi dito ainda pelo Sr. Cons. Presidente que, antes de passar-se á votação dos pareceres da commissão de admissão de socios, propunha que se inserisse na acta da presente sessão votos de pesar pelo fallecimento do socio effectivo, fundador, major Manoel Luiz Barretto Falcão, a 24 de Junho, e do socio correspondente Dr. José Machado Pedreira, Juiz de Direito da Cachoeira, a 6 de Julho, o que foi approvedo.

Lidos os pareceres da commissão de admissão de socios, e postos em votação, por escrutinio secreto, foram approvedos e proclamados socios effectivos: Cons. Dr. Joaquim Antonio de Souza Spinola, magistrado; Dr. Rodrigo Antonio Falcão Brandão, medico e secretario da Fazenda e Thesouro do Estado; Dr. Joaquim Macedo de Castro Rebello, medico e professor da Faculdade de Medicina; Dr. João Baptista de Castro Rebello, poeta e jornalista; Dr. Fernando de Castro Rebello Kock, advogado, e capitão João Joaquim dos Santos Sá, professor do Gymnasio: socios correspondentes, Dr. João Antonio Rodrigues Martins, consul brasileiro em Genova; Dr. Jacob Larrain, advogado em Buenos Ayres; Dr. Pedro M. Riviere, jornalista, em Montevideo; Professor Arrigo de Zettirý, litterato e redactor da Revista «*Italia e Brasile*»; Cons. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal; Dr. José Boiteaux, advogado em Santa Catharina; Carlos Alberto Muller, litterato, residente em Porto Alegre; João Lucio de Azevedo, litterato, residente em Belém (Pará); Dr. A. Orville Derby, chefe da commissão Geographica e Geologica de S. Paulo; Dr. Olympio Manoel dos Santos Vital, magistrado em Natal (Rio Grande do Norte); Dr. Jayme Gomes de Argollo Ferrão, jor-

nalista em Paris e redactor do «*Le Bresil*»; Dr. Carlos Ferreira de Mello, jornalista e redactor do «*Diario de Santos*» (S. Paulo); e Dr. José Feliciano da Rocha, engenheiro, residente em Amargosa, neste Estado.

Pelo Sr. Cons. Presidente foi declarado que a sessão seguinte será de assembléa geral, convocada especialmente para a eleição da commissão que terá de encarregar-se dos festejos do 4.º centenario da descoberta do Brazil, de accordo com a proposta apresentada pelo Cons. Dr. Pedro Mariani em sessão anterior.

Nada mais havendo a tratar levantou-se a sessão ás 3 1/2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta que assigno — Isaias de Carvalho Santos.—Approvada em sessão de 28 de Agosto de 1898. *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

OFFERTAS

(MEZ DE JULHO)

—Pelo socio Dr. *Silva Lima*: O «Commercio do Porto» no centenario da India—numero especial com illustrações commemorativas do mesmo centenario.

—Pelo Dr. *Domingos Jaguaripe*: O Município e a Republica, em 3 vols., pelo offertante.

—Pelo cidadão *Eugenio Padilha*: Uma cedula antiga de 1\$000.

—Pelo cidadão *João Moreira da Costa*: As Regiões Amazonicas, pelo Barão de Marajó; Voyage au Tocantins—Araguaya; Voyage au Tapajós; Voyage au Xingú; L'Etat de Pará, obras illustradas, por Henri Coudreau; Relatorio da Commissão da Praça do Commercio do Pará, do anno de 1897.

—Pela Secretaria do Thesouro e Fazenda do Es-

tado: Relatório apresentado ao Dr. Governador do Estado pelo Dr. Rodrigo Brandão em 1898.

—Pelo socio *Candido Costa*: Educação Civica—; Discurso do eminente Conselheiro Dr. Ruy Barbosa, pronunciado no Senado Federal em 6 de Outubro de 1897.

—Pela Directoria da Associação Commercial: Relatório da mesma directoria apresentado em Março de 1898.

—Pelo Dr. Director do Collegio Florencio: Duas photographias do mesmo Collegio e uma caixa de rapé (tartaruga)

—Pelo Capitão de Engenheiros *José Joaquim Pereira Lobo*: Politica de Sergipe (Carta aberta dirigida pelo mesmo ao Secretario da Assembléa Legislativa do Estado de Sergipe).

—Pela *Secretaria da Inspectoria de Hygiene*: Boletim do 1º Semestre de 1897 de Estatistica Demographo Sanitaria—anno 2º n. 3.

—Pelo cidadão *Luiz Gonçalves*: Tellas e esculpturas da cidade de Gôa (memoria historica sobre o centenario da India com prefacio do illustrado consocio Ismael Gracias).

—Pelo guarda-marinha *Nuno Pirajá*: A guerra do Paraguay por C. Jourdan (1890).

—Pelo socio Dezembargador *Napoleão Simões de Oliveira*: A quarta expedição contra Canudos (cem leguas atravez do sertão) pelo Major A. Constantino Nery.

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart*: Dezesete autographos referentes a Manuel Alves Branco, assignados pelos regentes e pelo ex-Imperador.

—Pelo Pharmaceutico *Manuel de Senna Cardoso*: Obras posthumas de Nicolau Tolentino de Almeida. (Lisboa-1828).

—Pelo Dr. *Eurico de Caldas Britto*, promotor publico de Nazareth: Importante collecção do *Monitor* (seis annos-1876 a 1881), jornal editado nesta capital.

—Pelo cidadão *José da Silva Reis*: Uma collecção de 59 volumes encadernados do *Jornal da Bahia*,

que se editou nesta capital, de propriedade do Dr. Francisco José da Rocha.

—Pelo socio Dr. *Reis Magalhães*: «Le Portugal» — Revue Encyclopedique Larousse de 28 de Maio, commemorativa do 4º centenario da descoberta do caminho maritimo das Indias por Vasco da Gama.

—Pelo Dr. *Arthur Ferreira de Barros*: Diversos opusculos (Miscelanea) 1 vol. encadernado; Gonzaga, drama historico por Castro Alves; o Guarany, opera baile em 4 actos; Ruinas, por Cyridião Durval; Accordes, 1 vol. pelo mesmo; A Revolução de 7 de Abril de 1831 e Evaristo Ferreira da Veiga por um Fluminense, Rio, 1862; Os cortesãos e a viagem do Imperador, por Landulpho Medrado, Bahia, 1883; Estrada de ferro do Paragassú, artigos publicados no *Pharol* por B. Barreto, Bahia, 1868, 1 vol.; A' Nação, manifesto de Ruy Barbosa, 1892; Habeas-corpus, oração de Ruy Barbosa, 1892; Gazeta Academica, n. 1, Maio de 1879, Recife; Cultura da Rami, These de Octavio Gomes da Silva, 1892; These de concurso para a cadeira de Philosophia do Collegio D. Pedro 2.º pelo Dr. Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha Filho, 1880; Discurso do mesmo Dr., refutação á contestação do Dr. Juvencio de Sousa, Rio, 1885; Discurso pronunciado na Assembléa Provincial da Bahia em 1852 pelo Dr. José de Goes Siqueira; Idem do Conselheiro Barão de Bom Retiro no Senado Brasileiro em 1869; Idem do Bispo D. Antonio de Macedo Costa na inauguração da bibliotheca do Pará em 25 de Março de 1871; Annaes da Assembléa Legislativa da Bahia em 1883, 1886 e 1889, 5 vols.; Leis da Republica, 4 vols.; Relatorio do Dr. Campos Salles, ministro da justiça em 1890, 1 vol.

—*Pelas respectivas redacções*: Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa (1898), ns. 7 e 8., Revista Portugueza Colonial e Maritima, anno 1º n. 9—Junho de 1898; Comptes Rendus des séances, n. 5, Maio de 1898; Revista Catholica, fasc. 49—Junho de 1898; Gazeta Medica da Bahia, n. 11, Maio de 1898; Revista Maritima Brasileira 18º anno, n. 1, Julho—98;

Bulletin de la Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, n. 42—Junho de 1898; The National Geographic Magazine n. 6—Junho de 1898; Revista Agricola n. 36, Julho de 1898; Bolletino d'ella Società Geografica Italiana—vol. 11, n. 7 de 1898.

56ª SESSÃO EM 15 DE AGOSTO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 15 dias do mez de Agosto de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios: Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Drs. Joaquim dos Reis Magalhães, Braz do Amaral, Innocencio Goês, Joaquim Pires Moniz de Carvalho e José Francisco da Silva Lima, Barão de São Francisco, Pharmaceuticos Commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna e Adolpho Diniz Gonçalves, professor Francisco Torquato Bahia da Silva e Araujo, Conego Manfredo Alves de Lima, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Pragner, João Antunes de Castro Menezes e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo convidado o socio Conego Manfredo para occupar o logar de secretario na ausencia do Cons. João Torres.

O Cons. Presidente, declarando não poder realisar-se a sessão de assembléa geral por falta de numero legal de socios, communicou o fallecimento da exma. esposa do Cons. Dr. João Torres, 1º Secretario, e submetteo á consideração da casa a proposta de ser enviada uma commissão para apresentar a esse consocio, pelo Instituto. sentidos pesames por esse golpe irreparavel que acaba de soffrer, levantando-se em seguida os trabalhos.

Essa proposta foi approvada unanimemente, sendo

nomeada a commissão que ficou composta dos socios Drs. Braz do Amaral, Reis Magalhães e Innocencio Goes.

Levantou-se a sessão. E, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta que assigno—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 28 de Agosto de 1898—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque — Manofredo Alves de Lima—Isaias de Carvalho Santos.*

— — —
57ª SESSÃO EM 28 DE AGOSTO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 28 dias do mez de Agosto de 1898, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, à 1 hora da tarde, presentes os socios: Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, João Nepomuceno Torres, Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Pedro Mariani Junior, Drs. José Octacilio dos Santos, Joaquim Pires Moniz de Carvalho, Innocencio Munõz de Arango Góes, Braz Hermenegildo do Amaral, Pedro Julio Barbuda, Joaquim dos Reis Magalhães, Julio da Gama, José Alvaro Cova, Augusto Góes, José Francisco da Silva Lima, e Julio Calasans, Commendadores, pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Conego Manofredo Alves de Lima, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Henrique Prager, Professor Austriano Francisco Coelho, Eloy de Oliveira Guimarães, Francisco Pires de Carvalho e Isaias Santos, foi aberta a sessão de assembléa geral convocada no dia 15 do corrente, sendo lidas e approvadas as actas das sessões de 31 de Julho e 15 de Agosto corrente.

O expediente foi lido e constou do seguinte:

Cartas: do secretario do Gabinete Portuguez de Leitura remettendo o Relatorio da ultima gerencia e

bem assim a lista dos novos funcionarios que devem servir no corrente anno; do official de gabinete do Dr. Governador convidando o Instituto a tomar parte nas festas que se realisassem por occasião do desembarque do Exm. Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente eleito da Republica Brasileira, assistindo ao desembarque de S. Ex. em hora que seria previamente designada; do Dr. presidente do Instituto Polytechnico Brasileiro accusando o recebimento dos numeros IV e V da *Revista do Instituto* e da brochura—*Homenagem a Vieira*—, remettendo os volumes XII a XXV da Revista do Instituto Polytechnico e pedindo permuta da Revista; e finalmente do consocio Dr. Joaquim Pires Muniz de Carvalho enviando os retratos do Visconde de Pirajá e do brigadeiro Ignacio de Araujo Aragão Bulcão, para que fique perpetuada a tradição desses grandes vultos, que tão relevantes serviços prestaram a esta terra.

O Cons 1º secretario agradece ao Instituto as provas de affecto que lhe deu por occasião do golpe doloroso por que passou com o fallecimento de sua consorte.

Em seguida declara já estar no Instituto a offerta feita pela sociedade de Geographia de Lisboa, constante de uma medalha commemorativa do centenario da India, e 16 volumes de publicações sobre o mesmo centenario, inclusive um volume da grande edição autographica dos *Lusiadas* de Camões.

O Cons. Presidente diz que, antes de tratar do assumpto determinante da convocação da sessão do Instituto, corria-lhe o dever de communicar ao mesmo o fallecimento do consocio Dr. Alexandre Pedreira, a 19 do passado, cujos serviços ao Instituto estavam presentes á lembrança de todos os socios, e propunha que na acta se lançasse um voto de pesar por esse triste acontecimento.

Approvada unanimemente a proposta, S. Ex. declarou que, de accordo com a resolução anteriormente tomada, ia proceder á eleição da commissão

que se tem de encarregar das festas commemorativas do 4º centenario do descobrimento do Brazil.

O Dr. Silva Lima faz a respeito algumas considerações, externando-se sobre a inconveniencia de nomear já o Instituto uma commissão executiva, quando mais methodica seria a nomeação de uma commissão organisadora do programma dos festejos, programma que discutido e approvedo pelo Instituto, seria então confiado a uma commissão executiva.

Neste sentido mandou uma proposta, que foi approveda, depois de sobre ella falarem os Srs. Conselheiros Mariani e João Torres, Drs Braz do Amaral e Reis Magalhães.

Foram tambem approvedas as modificações quanto ao numero de membros da commissão, de 5 que estava na proposta Silva Lima, para 9, e do praso de 15 dias da mesma proposta, para—no menor praso possivel.

Em seguida procedeu-se á eleição, ficando assim composta a commissão: Drs. Silva Lima, Mariani, Braz do Amaral, Satyro Dias, Alfredo Andrade, Aloysio de Carvalho, conego Manfredo Lima, professor Borges dos Reis e Horacio Urpia.

O conselheiro Mariani propoz que o Dr. Silva Lima fosse acclamado o presidente da commissão, o que foi unanimemente approvedo, apesar do pedido de excusa do mesmo, que foi rejeitado.

Pedindo a palavra o Dr. Silva Lima, leu e justificou um requerimento que foi á commissão de geologia do Instituto para sobre elle dar parecer, sendo esse requerimento relativo á nomeação de uma commissão composta de profissionaes para estudar e verificar as alterações do sólo de Mont-Serrat e trazer ao conhecimento do Instituto tudo quanto de util e proveitoso colher desse estudo.

Nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão ás 2 1/2 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta, que assigno.—Isaias de Carvalho Santos.—Approveda em sessão de 18 de Setembro de 1898.—*Salvador Pires de Car-*

valho e Albuquerque.—*João Nepomuceno Torres*.—*Isaias de Carvalho Santos*.

OFFERTAS

(MEZ DE AGOSTO)

—Pelo cidadão *José Egydio Nabuco*: Conta impressa da despeza e recebimento para a construcção do edificio da Praça do Commercio desta cidade da Bahia (8 de Março de 1817) por ordem do Conde dos Arcos.

—Pelo socio Major *Rogociano Pires Teixeira*: Um cone de pedra, dos indigenas, encontrado em escavações feitas em Monte Alto deste Estado.

—Pelo socio *João Vieira da Silva* (offerta da Sociedade de Geographia de Lisboa): Uma medalha commemorativa do centenario do caminho maritimo da India (1898) e 16 volumes de contribuição da Sociedade de Geographia para o mesmo centenario, a saber: No Oriente, de Napoles á China, 2 volumes, por Adolpho Loureiro; Religiões da Lusitania, 1 volume, por J. Leite de Vasconcellos; Flora de Gôa e Savantvâdi (catalogo das plantas medicinaes, alimentares e industriaes) pelo Dr. D. G. Dalgado, 1 volume; Vasco da Gama e a Vidigueira, 1 volume, por A. C. Teixeira de Aragão; Fabulas de Loqman, 1 vol. por José Benoliel; Dos Feitos de D. Christovão da Gama, 1 vol., por Miguel de Castanhoso; Vida do Abba Daniel, 1 vol., por Lazarus Goldschmidt e F. M. Esteves Pereira; A Imprensa em Portugal nos seculos 15 e 16, 1 vol., por Britto Aranha; Hymno do Centenario da India, 1 vol., por Fernandes Costa; Textos em Aljamia Portugueza, 1 vol., por David Lopes; Episodio do Gigante Adamastor, 1 vol., por José Benoliel; As Misericordias, 1 vol., por Costa Godolphim; Chronicas dos Reis de Bisnaga, manu-

scripto inedito publicado por David Lopes, 1 vol.; Cousas da China (Costumes e crenças) 1 vol., por J. Heliodoro Callado Crespo; Dai-Nippon (o grande Japão) 1 vol., por Wenceslau de Moraes.

—Pelo socio Dr. *Joaquim Pires Moniz de Carvalho*: Os retratos do Visconde de Pirajá, 1.º deste titulo e do Brigadeiro Ignacio de Araujo Aragão Bulcão.

—Pelo cidadão *José Bernardo da Cunha*: O estandarte com que se apresentou o partido conservador da Bahia nos festejos civicos pela promulgação da lei de 13 de Maio de 1888.

—Pelo Dr. *Vieira Lima*: Uma moeda de cobre, portugueza, de 1753.

—Pelo cidadão *Herculano A. Cunha*: Inscrições em rochedos do Brazil.

—Pelo Dr. *Thomé de Moura*: «O Minotauro», pelo offertante.

—Pelo Dr. *Paula Freitas*, presidente do Instituto Polytechnico Brasileiro: Estatutos e a Revista do mesmo Instituto, vols. 12 a 25 (1878 a 1897).

—Pelo socio Dr. *João Baptista Sá e Oliveira*: Evolução Psychica dos Bahianos, pelo offertante.

—Pelas respectivas redacções: Revista do Rio Grande do Norte, n. 7, Julho de 1898; Boletim do Museu Paraense, n. 3, vol. 2.º, Junho de 1898; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 13 e 14, Julho de 1898; Gazeta Medica da Bahia, n. 12, Junho de 1898 e n. 1, anno 30, Julho de 1898; Revista dos Tribunaes (Bahia) vol. 13, n. 2, Junho de 1898; o *Oasis* Periodico Litterario e Noticioso, editado no Rio Grande do Norte; Revista Catholica, fascs. 50 e 51, Julho e Agosto de 1898; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris, ns. 7, 8 e 9, tomo 20, 1898; «A Provincia do Pará» (Belém), órgão da imprensa do mesmo Estado; Revista Mensal do Tribunal de Justiça de S. Paulo, n. 3, anno 5, de 1898; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 10, Julho de 1898, anno 1º; Bulletin of the American Geographical Society, vol. 30, n. 3, 1898.

chivo Publico de Montevidéo, um de agradecimento pela escolha de seu nome para socio correspondente do Instituto, e outro accusando a remessa de dois registrados com cinco volumes, sendo um da obra —«Resenha historico—descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de La Plata», por Daniel Granada, Montevidéo, 1893, e quatro da «Revista do Archivo Geral da Republica».

Pelo 1.º Secretario, Dr. João Torres, foi offerecida uma galha de veado e um exemplar da «Historia de Canudos», pelo Coronel Dantas Barretto; e pelo Br. Silva Lima a traducção do artigo «João Caboto e o descobrimento da Terra Nova em 1497», que foi publicado no *Nautical Magazine*, em Junho de 1897.

E' lida uma proposta para admissão de socios effectivos e correspondentes, a saber: para socios effectivos os Drs. José Eduardo Freire de Carvalho Filho, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque e Casimiro de Souza, e para socio correspondente o Dr. Pedro Vicente Vianna, residente em Cachoeira (Bahia), sendo enviada á respectiva commissão.

Em seguida declarou o presidente que não havendo numero legal para a votação dos pareceres da commissão de admissão de socios, submettia á discussão o assumpto relativo á commemoração do centenario do Brazil.

Pedindo a palavra o Dr. Silva Lima justifica o parecer da commissão eleita para promover as festas do centenario da descoberta do Brazil, em o qual a mesma commissão lembra a idéa da designação de uma grande commissão externa, que, representando os poderes publicos e as diversas classes sociaes, bem como o nosso principal factor ethnico, ficasse incumbida da realisação das demais festas commemorativas do grande facto.

Sobre esse parecer da commissão travou-se discussão, tendo usado da palavra os Srs. Cons. Pedro Mariani, Drs. Glycerio Velloso, Silva Lima, Cons. João Torres e Isaias Santos.

Foram apresentadas duas emendas ao parecer,
R.

—Pela *Secretaria do Interior*: Planta da cidade do Salvador do Estado da Bahia organizada pelo Engenheiro Adolpho Morales de los Rios.

—Pela *Secretaria de Agricultura*: Relatorio apresentado ao Dr. Governador deste Estado pelo Dr. Secretario da Agricultura, Viação e Obras Publicas; duas photographias representando a inauguração dos vapores *Luiz Vianna* e *Conselheiro Dantas*, nos dias 10 e 11 de Julho na cidade do Joazeiro deste Estado, e 5 exemplares do Manual Pratico do Viticultor Brasileiro, pelo Dr. Campos da Paz.

—Pela respectiva *Secretaria*: Relatorio apresentado ao Dr. Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica pelo Dr. Inspector Geral do Ensino, Dr. Octaviano Muniz Barretto.

58ª SESSÃO EM 18 DE SETEMBRO DE 1898

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos 18 dias do mez de Setembro de 1898, nesta cidade de Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente; João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario; Cons. Filinto Bastos e Pedro Mariani, Drs. Silva Lima, Alfredo Britto, Abilio de Carvalho, Octaviano Barretto, Octacilio dos Santos, Wenceslau Guimarães, Vital Soares, João Evangelista de Castro Cerqueira, Glycerio Velloso, Dez. Jeronymo Gonçalves, Padre Luiz da França, Professores Torquato Bahia e Austricliano Coelho, Pharmaceutico Joaquim Manuel de Sant'Anna, Henrique Prager, Eloy Guimarães, Capitão Ferreira Braga e Isaias Santos, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou de dous officios do socio correspondente Pedro M. Riviere, director do Ar-

uma firmada pelo Cons. Dr. João Torres e outra pelo Cons. Dr. Pedro Mariani, Dez. Gonçalves, Drs. Wenceslau Guimarães, Glycerio Velloso e Abilio Carvalho, ficando aquella prejudicada com a approvação d'esta, que é assim concebida: «Propomos que depois de approvado o programma dos festejos que o Instituto puder realisar, a commissão convoque uma grande reunião de todas as classes de cidadãos para nomear commissões que realisem outras festas, que solemnisem esta grande data.»

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, e de tudo, para constar, eu, 2º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.
—Isaias de Carvalho Santos.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—*João Nepomuceno Torres.*
—*Aloysio de Carvalho.*

OFFERTAS

(MEZ DE SETEMBRO)

— Pelo cidadão *Frederico José Correia*: Inspirações Poeticas, pelo offertante.

— Pelo Dr. *José Alfredo de Campos França*: O seu discurso pronunciado em 18 de Agosto de 1898 na Camara dos Deputados (Bahia).

— Pelo socio Dr. *José Francisco da Silva Lima*: A traducção do artigo *João Caboto* e o *Descobrimento da America*, que foi publicado no Nautical Magazine, em Junho de 1897.

— Pelo socio Dr. *Lindolpho Rocha*: Uma garra de gavião—condor, encontrada nas mattas da Preguiça, termo de Jequié, deste Estado.

— Pelo socio correspondente Dr. *Pedro M. Riviere*, director do Archivo Publico de Montevideo: Revista do Archivo Geral Administrativo ou Collecção de documentos para servir ao estudo da historia da Re-

publica (4 vols. unicos publicados) 1885 a 1891; Resenha historico—descriptiva de antigas e modernas superstições do Rio da Prata, por Daniel Granada, Montevidéo, 1896.

—Pelo socio Cons. *João Torres*: Um exemplar da Historia de Canudos pelo coronel Dantas Barretto, Rio Grande, 1898.

—Pelo socio Dr. *Francisco de Goes Calmon*: Um quadro representando a Camara dos deputados brazileiros em 1869; dois retratos do Visconde de Barbacena e de José Clemente Pereira; Annaes do Senado Brazileiro, 1873 e 1874 (3 vols. encad.); Curso de Economia Politica por Paulo Cauwés, 1 vol.; Revue des Deux Mondes, 2 vols.; Anuario do Brazil em 1846; History of England, Lingard; Tombamento dos bens immoveis da Santa Casa da Misericordia da Bahia em 1862, 1 vol; Manual Parlamentar do Brazil, em 1862; Esboço de um Manual para os fazendeiros de assucar no Brazil em 1882, 1 vol; Consultas do Conselho de Estado sobre negocios do Ministerio da Guerra 1842 a 1866 e 1867 a 1872, em 2 vols; A Crise da Lavoura, A Questão Monetaria e Miscelanea Economica, por Henrique Milet (Recife); O Episcopado Brazileiro ao Clero e aos Fieis da Igreja do Brazil, S. Paulo, 1890; Questões de Emigração por Alfredo Taunay; Lumes, pelo P. José Rodrigues Monção; A Electrologia por Aarão Reis, 1886; Relatorio da Commissão do ministerio da industria, viação e obras publicas na Europa pelo engenheiro Pedro Betim Paes Leme em 10 de Março de 1894; Relatorio sobre a conservação da Estrada União e Industria pelo engenheiro Ételvino Freitas de Sá, em 1886; Relatorio e Synopse dos trabalhos da Camara dos Deputados em 1888, contendo a discussão na Camara e no senado da proposta do governo que extinguiu para sempre a escravidão; Relatorio dos negocios da guerra em 1889; Idem da agricultura em 1889; Idem da marinha em 1889; Idem da Provincia de S. Paulo em 1889 pelo Dr. Pedro Vicente de Azevedo; Estatistica da população es-

crava e libertos arrolados em 1888; 10 Relatorios dos presidentes da provincia de Pernambuco; Varios artigos e folhetos sobre usinas de assucar e a industria saccharina pelo processo da diffusão; 2 albuns illustrados das machinas e utensilios diversos da Companhia de Fives - Lille.

—Pelas *respectivas redacções*: Revue Geographique Internationale ns. 270 e 271, Maio e Junho de 1898; Bulletin de la Societé de Geographie, 2º trim—1898; Revista Catholica, fasc. 52, 53 e 54, de 1898; Bollettino d'ella Societé Geografica Italiana V. 11, ns. 8 e 9, de 1898; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 11, 1898; The National Geographic Magazine, n. 8—Agosto 1898; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid ns. 1, 2 e 3; Revista de Geographia Colonial Y Mercantil da Sociedad Geografica de Madrid ns. 10 11 e 12; Comptes Rendus des Séances, ns. 6 e 7 de 1898; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale du Havre, 2º trimestre de 1898; Revista Popular, n. 11— Julho de 1898; Revista Maritima, n. 2, Agosto 1898; Revista do Rio Grande do Norte n. 8, Agosto—1898; Revista Academica da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, ns. 3 e 4— de 1898; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Paris, ns. 10 e 11 de 1898.



BIOGRAPHIA

Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro

Pessoas ha tão ricas de merecimento e de virtudes que, para se falar a seu respeito, nem ha o risco de se incorrer na pecha de exaggerado panegyrista nem o temor de que falte á narração o necessario brilho: muito que se diga não excederá do muito que se pudera ainda dizer, e o realce natural dos actos de benemerencia é sufficiente para abrilhantar-lhes a exposição mais modesta e simples.

Ficará muita vez ao apreciador intelligente o pesar de não vêr dignamente emmoldurada a preciosissima téla; mas nem por isso perderá esta o seu valor. Não deslumbrará; não attrahirá a curiosidade daquelles que se deixam arrastar pelas scintillações da moldura doirada.

Vou escrever a biographia de um homem virtuoso.

Faço-o como se, tendo-o ao pé de mim, lhe estivesse a contemplar o bello perfil moreno de Indiano, os cabellos alvos como o arminho e os negros olhos rasgados, onde o raio do talento se harmonisa com os suaves reflexos de uma bondade incomparavel.

Sinto que me domina o animo admiração extraordinaria por aquelle cuja biographia vou traçar;

sinto que me enche o peito gratidão infinita pelo muito que lhe devo.

Quanto sinto, porém, não me desviará da verdade.

Suas obras de caridade, seus trabalhos scientificos, seus amigos—alguns dos quaes superiores pelo talento, pela illustração, pelo character e pela posição social, attestarão, melhor que uma singela e mal delineada biographia, que nada escrevi que não podesse ser provado.

Foi na cidade da Feira de Sant'Anna,—minha querida terra natal—que conheci o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro.

Não sei que profundo respeito, que admiração indizível, de mim se apoderou, ao nosso primeiro encontro, impondo-me a necessidade de procurar suas relações.

Era eu então estudante da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Não me foi difficil a realisação de meu desejo; e comprehendí então como, sem plena saude, sem o conforto da riqueza, se póde ser feliz sobre a terra.

A excellente consorte e a virtuosa e delicada filha do Dr. Monteiro enriqueciam o seu modesto lar da ventura desejavel.

Respirava-se alli em tudo o perfume da religião e da virtude; notava-se nas mais ligeiras relações a distincção de uma educação apurada.

A quantas scenas de affectuosa intimidade, no lar do Dr. Monteiro, tive a felicidade de assistir!

Todas essas recordações; os voto's de uma alma santa e agradecida que já voou da terra para as delicias do céo; as vozes da gratidão de uma octogenaria que recebe o conforto perenne do medico desinteressado: tudo isso impõe-me o rigoroso dever de deixar consignado o alto merecimento do Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, coração aberto a todos os sacrificios em prol da humanidade, cerebro illuminado pelas fulgurações de um peregrino talento.

Pennas aprimoradas como a do visconde de Tau-

nay ou de Virgilio Varzea, intimos amigos do Dr. Monteiro, melhor desempenho dariam a um trabalho deste genero.

A' cultura intellectual, á opulenta imaginação daquelles escriptores iria juntar-se sua celebridade nas lettras patrias, e a biographia do nosso commum amigo tornar-se-ia mais conhecida e havia de impôr-se como uma obra imperecível.

Entretanto, uma biographia, para ser verdadeira, exige consciencioso estudo psychologico do biographado.

Esses notaveis amigos do Dr. Monteiro conhecem-no e muito bem por não interrompida correspondencia epistolar repleta de suave intimidade. Almas de escól experimentam e comprehendem as emoções que as lettras dos amigos superiores sabem transmittir-lhes. Estabelece-se um commo fluido mysterioso que põe em contacto espiritos e corações, e não ha idéa que um amigo possa occultar a outro em sua correspondencia e não ha sentimento que não seja devidamente aquilatado.

Apesar disso, porém, algumas coisas minuciosas, indifferentes na apparencia, escapam ás communições epistolares e são apenas percebidas pelos que tiveram o ensejo de apanhal-as em sua nudez e singeleza.

São minucias que revelam muita vez uma face brilhantissima do character, e para um estudo que se pretende completo faz-se mister aprecial-as.

E', com certeza, esta a vantagem que me soccorre neste trabalho, vantagem que não cobrirá os senões que hão de acoimal-o, mas attenuará a minha pretensão. Talvez outro amigo do Dr. Monteiro não pudesse, como eu, testemunha presencial de muitos factos, narrar o que os olhos viram e o papel jamais pode adivinhar.

Nasceu o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro a bordo do navio «Nossa Senhora do Socorro», em uma sexta-feira, 16 de Novembro de 1827, no alto mar, estando o navio, que naquella occasião não se movia,—tão grande era a calma—, na latitude 1° 33 sul e 44° 18, longitude Este, calculada de Greenwich.

Foram seus paes Joaquim Eleuterio Monteiro, de Loutulim de Salcete, na India Portugueza, e D. Maria Thereza Monteiro, de Bombaim, na India Inglesa, onde se effectuou o casamento dos mesmos, no anno de 1826. Pertencentes ás principaes familias daquelles logares, os ascendentes do Dr. Monteiro, sem mescla de sangue europeu, eram da casta brahmine.

Sendo a familia Monteiro uma das mais distinctas de Loutulim, onde existe ainda uma capella consagrada pelo padre Diogo Monteiro, não é de admirar que o Sr. Miguel Vicente de Abreu (1) tenha publicado que o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro é natural de Loutulim.

Os filhos de Gôa dividem-se em castas—brahmine, charadó e sudra, divisão, esta que não importa divergencia religiosa nem incompatibilidade com a religião catholica. Assim é que os ascendentes do Dr. Monteiro foram sempre catholicos fervorosos.

Comquanto Joaquim Eleuterio houvesse apenas cursado a *Aula do Commercio*, de Lisbôa, para onde iora em tenra idade, sabia perfeitamente as linguas ingleza e franceza e possuia grande copia de conhecimentos, mormente de nautica, do que se pôde ter uma ligeira prova no modo scientifico por que foi por elle designada a altura em que abriu os olhos á vida seu filho Joaquim.

Finando-se aos 76 annos, foi sepultado, em 1872,

(1) *Noção de alguns filhos distinctos da India Portugueza*—Nova Gô'a 1874, Pag. 25.

no cemiterio de S. Francisco de Paula, na cidade do Rio de Janeiro, onde passou quasi toda a vida, tendo estado pouco tempo em Gôa.

Pouco sobreviveu a seu marido a virtuosissima Sra. D. Maria Thereza Monteiro.

Pesava-lhe a vida após o fallecimento do fiel companheiro que a religião, o temperamento e a cultura intellectual tanto lhe fizeram adoravel, e em 1874, contando sessenta e cinco annos, baixou á tumba. Até aos ultimos dias conservou ella notavel predilecção pelos auctores classicos da musica, a sublime arte que tão poderosa e profundamente lhe falava ao coração.

Não é de admirar que de taes progenitores nascesse um filho tão nobre pelo character e pela intelligencia, como o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, a proposito de cujo nome não posso furtar-me ao prazer de transcrever um trecho de uma pagina que, em outro logar deste trabalho, copiarei textual e integralmente. Tratando do nome do Dr. Monteiro diz o Exm. Sr. visconde de Taunay: (2) «Por singular presentimento soára-me grato aos ouvidos quando, em 1876, o ouvi pronunciar no Desterro (Santa Catharina), onde deixou a mais justa e invejavel reputação de clinico, tão caritativo e desinteressado, quanto zeloso e proficiente.

Remedios Monteiro! observei então, que appellido original!

Soube muito tempo depois que proviêra de confiada consagração aos destinos pelo pae, ao vel-o chegar ao mundo debilissimo e sem meios de resistencia natural para poder viver muito.»

Como quasi todos os navios portuguezes de longo curso, tinha o em que nasceu o Dr. Monteiro um nome sagrado: *Nossa Senhora do Soccorro*.

E' por demais conhecido que os Summos Pontifices deram e conservaram aos Reis de Portugal o titulo de—Fidellissimos—em attenção ao ardor com

(2) *Como me tornei kneippista*—2ª edição, 1896, pag. 150.

que elles procuravam em suas conquistas alargar os dominios da Fé.

«Os Soberanos Pontifices viam com alegria a nobre e valente nação portugueza levar o Evangelho aos paizes mais remotos.

«A' sombra do estandarte real de Portugal, a Fé catholica estendia-se largamente.

Difficil seria enumerar as demonstrações de affecto paternal que os papas prodigalisaram a Portugal e a seus reis.

Basta abrir os Bullarios, desde Martinho V até Julio III e Pio V.» (3)

Como os monarchas, os subditos portuguezes preferiam antigamente para seus navios um nome santificado.

Duma interessante brochura do distinctissimo Sr. José Antonio Ismael Gracias, erudito e incançavel bibliothecario da bibliotheca de Gôa, verifica-se que as náos que conduziram gente de guerra para a Índia, tinham os nomes de—*Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Victoria, Nossa Senhora da Arrabida, Senhor do Bomfim, Santissimo Sacramento, Santo Antonio* e outros nomes religiosos.» (4)

O que se dava com as náos ia até aos demais navios.

O profundo espirito religioso assim o impunha aos velhos portuguezes. Entregando-se aos azares do mar encapellado, sentiam a necessidade de ter ao lado da estrella que os norteava na rota um protector celeste a quem se dirigissem, se dura refrega os apanhasse. E naquellas tenebrosas e horriveis luctas no Oceano, bem sabiam elles que lhes seria de pouco o heroismo da terra, se o seu divino medianeiro não lhes avigorasse a coragem para enfrentarem o vendaval, ou não lhes desse a coiraça da resignação,

(3) MONSENHOR ZALESKI—*Ceylan et les Indes*—Pariz, 1891—Pag. 11.

(4) *Catalogo dos livros do assentamento da gente de guerra que veio para a India*—Nova Gôa—1893.

caso naufragassem: «a esperança de porto e salvamento» os velhos marinheiros lusitanos a depunham sempre nos braços da cruz ou nos do santo de sua devoção, ao qual o navio fôra entregue.

«Tempos idos! Extinctos luzimentos!»

*
* * *

Após brilhante curso, formou-se o Dr. Monteiro na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1851. Dissertou, para obter o grão de doutor, sobre a seguinte these que lhe coube por sorte «--*Digitalis purpurea; sua acção physiologica e therapeutica*»; pois, naquelle tempo não podia o estudante da Faculdade do Rio escolher o ponto de sua dissertação.

Deixou o Dr. Monteiro, logo depois de formado, a antiga côrte e foi residir na pequena cidade de Rezende, na então provincia, hoje Estado, do Rio de Janeiro, em companhia do notavel Goano, seu primo, Dr. Custodio Luiz de Miranda, cuja biographia escreveu e está publicada, em francez, no tomo 6 do «*Panthéon Biographique Universel*», de Pariz.

Em 1855, com o intuito de aperfeiçoar seus estudos medicos, seguiu para a Europa onde se demorou dois annos, que passou quasi inteiramente em Pariz, tendo feito uma excursão de poucos mezes por Strasburgo, Heidelberg, Munich e Bale nas margens do Rheno. Acompanharam-no em parte de sua instructiva digressão os Drs. Abel Maria Dias Jordão, irmão do notavel jurisconsulto portuguez Levy' Maria Jordão, e Pedro de Castel-Branco, barão de S. Pedro, que ainda hoje vive em Lisboa.

Além da grande copia de conhecimentos que enthesoiron para o pleno e religioso desempenho de sua nobilissima profissão, em sua viagem á Europa, deu-lhe esta o ensejo de apreciar detidamente a notavel exposição universal de Pariz, que teve logar no anno de 1855.

Accentuaram-se então as admiraveis disposições de seu espirito para quanto, graças ao influxo das

artes e das sciencias, pode engrandecer o progredir humano. Começou desde aquelle tempo o desejo de tudo estudar para tudo saber—febre consumptiva que só deixa ao homem superior o titulo de notavel após haver-lhe arruinado a saude.

A civilisação européa apreciada em plena claridade impressionara profundamente sua organização de puro Brahmine talentoso. Operara-se em sua alma uma revolução extraordinaria; e tudo quanto de grandioso e dignificante pode a civilisação offerecer, quizera elle ver a mancheias por sobre a terra brasileira, primeira que seus pés haviam tocado.

Dahia sua propaganda contra a ignorancia, que gera o crime, produz a insalubridade, alimenta a escravidão e degrada a alma nacional: a lucta de quarenta annos pela reforma da instrucção que,—aproveitando as disposições naturaes da criança brasileira que é intelligente e activa—a desvia da senda da vadiagem—que é quasi sempre caminho das prisões pela pratica do crime; o clamor incessante pela fiel observancia das prescripções racionaes da hygiene publica, que afastando as epidemias e amparando a saude, conserva ás populações a alegria, o conforto e a vida; o apostolado em prol da abolição da escravidão, — ideal que se tornou bemdita realidade; os votos constantes e altiloquos pelo alevantamento da querida terra brasileira, que não poderá ser grande, emquanto não se apurar no crivo de desinteressado patriotismo o character nacional.

Preparado para todos os commettimentos a que o attrahiam sua intelligencia e seu coração, regressou o Dr. Monteiro para o Rio de Janeiro, onde, em Setembro de 1858, na freguezia da Gloria, effectuou seu casamento com a Exma. Sr. D. Maria Christina de la Sierra Pereira, filha do chefe de divisão Manuel Francisco da Costa Pereira, e D. Maria Manuela de la Sierra Pereira, natural de Montevideo.

Disse Goldsmith, occupando-se com o casamento do seu—Vigario de Wakefield—que este procurara sua esposa com o mesmo esméro e cuidado empre-

gados por esta na escolha da fazenda do vestido nupcial; não se deixou levar apenas pelo bonito padrão do estofado, procurou, porém, que fosse elle de excellente qualidade.

O Dr. Monteiro que idealisava a felicidade do lar domestico encontrou na eleita de seu coração os elementos de um consorcio venturoso.

Têm brilho intenso e aroma suavissimo as flores da mocidade.

Infinitas graças deslumbram, ás luzes cambiantes dos finos salões de educação aprimorada, onde não se mascara a infamia com a sêda que trajam as senhoras honestas.

Aquellas flores, porém, murcham; aquelles graciosos donaires empallidecem, ás vezes mui rapidamente, se um espirito superior não sabe conservar em logar das primeiras as singelas rosas do affecto e substituir os segundos pelos encantos não fallazes da virtude.

Conheci a Exma. Sra. D. Maria Christina quando já entrada na quadra da existencia a que se costuma chamar outono. Mesmo então se podia fazer idéa exacta do que fôra ella na primavera da vida.

Ao piano, ou cantando um trecho de opera ou uma aria graciosa, adivinhava-se alli uma perfeita organização de artista, que sabia magistralmente reproduzir a inspiração dos auctores.

A correcção que manifestava tocando ou cantando, denotava o esmero com que a discipula intelligente aprendera as lições de professores de primeira ordem.

Pertencente por sua mãe a uma familia distincta da Hespanha, não destoava D. Maria Christina da graça ingenita aos seus maiores; graça plena de nobreza e realçada pela virtude.

Seu pae, o Exm. Sr. chefe da divisão Costa Pereira, fallecido em 1880, nesta cidade, onde exerceu por muitos annos o cargo de inspector do arsenal de marinha, foi um exemplar funcionario que soube alliar sempre ao severo cumprimento do dever a lhanesa e a urbanidade indispensaveis para se in-

spirar a companheiros e subalternos affectuoso respeito. A manifestação que, em 29 de Maio de 1875, lhe foi feita—brilhante e verdadeira—nesta cidade, é prova robustissima de quanto externamos a seu respeito.

Os exemplos maternos e o procedimento de seu pae que foi sempre correcto cavalheiro, aperfeiçoaram a bondade natural da inexcedivel mãe de família.

Não se me leve a mal que desvende um pouco o mysterio de sagradas revelações, para pintar ao vivo o quadro de uma esposa-modelo. Votos de saudade por uma companheira, que cedo se partiu para a viagem de além-tumulo, não podem trazer o fumo de corrupto incenso: puros como a alma donde nascem podem perfumar—a lousa a que se dirigem.

«Quando a pedi em casamento, diz o Dr. Monteiro referindo-se a sua idolatrada consorte, quando a pedi em casamento, sua instrucção, sua educação e seu desenvolvimento physico haviam-na tornado apta á co-operação na sociedade e na família, á direcção e ao governo da casa—á lucta de todos os dias.

«Cedo adquirira ella o habito de classificar e methodisar quanto comprehendia fazer.

«A administração domestica estava inteira e completamente confiada á sua competencia.

«Minha esposa idolatrava a vida domestica. Sabia achar occupações para o espirito e encontrar distrações agradaveis no seio da família. Casas mais ricas, mais elegantes, mais luxuosas encontrar-se-iam; mas nenhuma mais zelosamente cuidada e arranjada, onde se fizesse sentir mais graciosa e intelligente a mão delicada de uma dona de casa de esmerado e fino gosto. Seus vestidos e os da filha, sempre feitos por ella, revelavam que era dotada de genio artistico. Tudo fazia, sobre tudo providenciava e em nada se prejudicavam as funcções de mãe de família.»

Eis uma eloquente pagina sobre a economia do-

mestica, que todas as senhoras, que se destinam aos encargos da familia, devem cuidadosamente ler!

Voltando, após o casamento, para a cidade de Rezende, onde fixara sua residencia, ahi demorou-se até o anno de 1860, quando sua primeira hemoptyse, proveniente do excesso de trabalho, a que o forçava uma clinica incessante, a cavallo por montes e valles, o levou a procurar a cidade do Desterro, capital da então provincia de Santa Catharina.

Tendo-se aggravado seus padecimentos no Desterro, voltou o Dr. Monteiro para a cidade de Rezende onde, para compensação aos desgostos produzidos pelos soffrimentos pulmonares, teve a dita de ver nascer—mimosa e forte—uma filha gentil que lhe encheu o lar de carinhos e sorrisos. E' esta filha unica a sua companheira extremosa e desvelada na meia escuridade de seu quasi deserto: raio de luz bemdita que partindo do céu lhe clareia os aditos do amoroso coração.

Que dizer da Exma. Sra. D. Elvira Monteiro? A voz desinteressada e sincera do povo de minha terra natal não encontra dignos qualificativos para lhe enaltecerem a nobreza dos sentimentos; chama-lhe na singeleza da linguagem popular—Um anjo!

Deu o Dr. Monteiro á imprensa de Rezende quanto lhe pode offertar em apreciaveis artigos publicados no *Rezendense* e no *Astro Rezendense*: e mesmo de longe, não se esqueceu della, como se pode verificar de varios numeros daquelle periodico e do *Itatiaya*, nos quaes sua penna amestrada brilhantes scintillações deixou em artigos referentes á abolição, á instrucção popular, ao abuso das bebidas alcoolicas, aos deveres das mães de familia e a assumptos outros de transcendente importancia para o progresso social.

Em 13 de Fevereiro de 1867, o Dr. Monteiro que, em commissão especial com o Dr. Gustavo Gomes Jardim e o cidadão Manuel Rodrigues Pereira Mello, fôra encarregado de estudar os meios de canalisar agua potavel para a cidade de Rezende,

formulou o seu parecer e alguns annos depois foi executada a obra, com geral regosijo da população.

Quando em 1860 José de Souza Azevedo, natural da cidade de Barra Mansa, emprehendeu pela primeira vez a navegação do rio Parahyba em um barco de fundo raso, e chegou após inauditos sacrificios a demonstrar a praticabilidade dessa navegação, longe estava de pensar que a assembléa provincial do Rio de Janeiro havia de indeferir a sua pretensão, levando-o a profundos desgostos e á morte na miseria em 1866.

O Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro levantou do esquecimento do sepulcro o nome de José de Souza Azevedo, publicando sua representação «no *Astro Rezendense*, de 15 de Agosto de 1868, onde o illustre escriptor soube fazer justiça ao grande serviço prestado á lavoura e ao commercio do municipio por aquelle explorador corajoso, que fôra assim menoscabado e impellido até á indigencia, para outros se utilisarem da sua experiencia e auferirem grandes proveitos nas emprezas de navegação que ao depois se estabeleceram.» (5)

No *Astro Rezendense* publicou o Dr. Monteiro, em 1866 e 1867 duas notaveis memorias que demonstram cabalmente suas habilitações de hygienista e clinico observador: uma sobre a—*Influencia do café sobre a economia humana*, outra sobre as—*Molestias reinantes em Rezende no anno de 1866*.

Sei quão sinceramente devotado é o Dr. Monteiro á cidade de Rezende —berço de sua idolatrada filha— a terra para onde lhe attráem o coração as saudades de uma irmã cega e de um Goano virtuosissimo, o illustre pharmaceutico Antonio José Maria de Miranda, seu primo e mui particular amigo.

(5) *Noticias Historicas e Estatisticas do Municipio de Rezende*—por João de Azevedo Carneiro Maia, natural de Rezende—Rio de Janeiro—1891—Pags. 307 e 321.

Voltando á Santa Catharina, onde foi professor de Historia e Geographia no Lyceu Provincial, alli serviu como cirurgião do exercito até 1873, quando foi removido para a Escola de tiro, no Realengo, no Rio de Janeiro, commissão de que foi obrigado a demittir-se por motivo de molestia.

Muitissimo util foi á Santa Catharina o Dr. Monteiro.

No relatorio que, em 1872, apresentou o Dr. Joaquim Bandeira de Gouveia, então presidente da provincia, e fallecido como desembargador da extincta Relação do Rio de Janeiro, lê-se á pag. 17 o seguinte:

«Desejava applicar o edificio que contém um grande salão, para nelle se estabelecer uma escola nocturna; e havendo conferenciado com o proficiente medico e mui distincto cidadão, o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, aguardava a decisão delle para o estabelecimento da escola, fazendo a mudança da mesa de rendas. Tinhamos já concordado em dois pontos, um o da cessão por parte da provincia da casa e o outro o de se fazer por conta della a despesa de luz e papel.»

O Dr. João Thomé da Silva, que foi distincto professor da Faculdade do Recife e era irmão do actual arcebispo da Bahia, no relatorio apresentado á assembléa provincial de Santa Catharina, em 25 de Março de 1874, tratando da bibliotheca publica, exprime-se do seguinte modo:

«Entre outros donativos feitos ao estabelecimento, consigno o de cento e sessenta volumes encadernados e em brochura de obras interessantes, feito no anno passado pelo distincto medico Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, que assim ainda uma vez mostrou-se digno da gratidão e respeito em que por justos motivos o tem a provincia.»

O Dr. Monteiro teve de clinicar na cidade da Laguna quando alli appareceu a febre amarella trans-

mittida por um navio chegado do Rio de Janeiro, em 1873.

Graças á prompta medicação empregada pelo caritativo medico não houve caso algum fatal em relação aos filhos da localidade, tendo fallecido um allemão, um dos primeiros affectados, e o unico estrangeiro, ao qual só horas antes da morte poudes visitar.

O vice-presidente da provincia consignou em seu relatorio mais este importante serviço.

Um dos melhores amigos do Dr. Monteiro, o Exm. Sr. visconde de Taunay, que tão brilhantemente representou no senado do extincto imperio a provincia, hoje Estado de Santa Catharina, relata deste modo os serviços prestados pelo seu digno admirador e amigo:

«O Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, que residiu largos annos em Santa Catharina, ali deixou reputação tão alevantada, quanto sympathica pelos muitos beneficios prestados com a maior abnegação a todas as classes da sociedade.» (6)

Como medico do exercito, já em Santa Catharina, já no Rio de Janeiro, mereceu o Dr. Monteiro, em nove annos de afanoso serviço, muitos elogios em *Ordens do Dia*, assignados pelo general Guilherme Xavier de Souza, pelo brigadeiro José Maria de Alencastro, e pelo glorioso heroe cearense, o brigadeiro Tiburcio Ferreira de Souza, que antevia as palmas do porvir quando convencido bradava: «Estou aqui, no campo da batalha, com um pé na cova e o outro pé na immortalidade!»

Os continuos padecimentos physicos fizeram com que o Dr. Monteiro pedisse demissão do logar que exercia, não solicitando reforma; e assim os seus reaes serviços teriam do paiz que os recebera completo esquecimento, se a sua memoria abençoada não o tivesse sagrado um dos benemeritos do Brasil. Benemerencia muito visinha da pobreza, mas de

(6)—*Commercio de S. Paulo* n. 991 de 23 de Junho de 1896.

todo o ponto extreme de qualquer suspeita de interesse!

*
* *

Chegando a esta capital, em 1875, procurou o Dr. Monteiro prestar á sciencia, de que é um apóstolo, os serviços compativeis com seu melindroso estado de saude.

Homem de estudos, que já tinha merecido a distincção de ser membro da Academia nacional de medicina e da Sociedade de sciencias medicas, de Lisboa, não podia estar desoccupado.

A *Gazeta Medica da Bahia*, da qual é elle redactor desde 1876 até hoje, tem recebido o auxilio de sua instructiva cooperação; incançavel em proporcionar a quantos o lêm o que de mais novo a experiencia vae mostrando, é o Dr. Monteiro inexcedivel no zêlo com que sagra á veneração publica os que se dedicaram á sciencia e ao bem da humanidade.

Os notaveis artigos alli publicados, sob os titulos— *Transfusão do sangue*, *Vaccina*, *Apontamentos para a historia natural do «cordão do frade»* (Leonotis ne petaefolia), *Ensino medico*. *Eucalyptos globulos*, *O Azylo de S. João de Deus*, *Pasteur e suas doutrinas*, *Do permanganato de potassa contra o veneno das cobras*, *Caso de soluço curado pelo jaborandi*, *A Feira de Sant'Anna como sanatorium de tuberculose pulmonar*, *O hospital portuguez*, além de muitos outros assumptos de que magistralmente se occupou, deixam á luz da evidencia sua competencia profissional, como clinico e homem de letras.

Os estudos biographicos de Joaquim Correia de Mello, do Dr. Antonio Felix Martins—Barão de S. Felix, do Dr. Agostinho Vicente Lourenço, notavel filho de Margão, na India portugueza; as necrologias do Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, do professor von Wunderlich, do Barão do Castello de Paiva, do Dr. José Candido da Silva Murici, o benemerito bahiano que ligou seu nome a um edificio de

caridade, em Curityba, onde o povo o adorava, do Dr. Frederico Rolla, um outro bahiano distinto que Santa Catharina soube dignificar pela penna primorosa de Virgilio Varzea: todos estes trabalhos revelam outra face brilhante do talento do Dr. Monteiro que se sente feliz quando pôde mostrar á sociedade exemplos que devem ser proveitosamente imitados.

Em novembro de 1879, a conselho do Dr. Antonio José Pereira da Silva Araujo, foi o Dr. Monteiro estabelecer sua residencia na cidade da Feira de Santa Anna.

Convalescia elle então de uma hemoptyse que o havia posto em perigo de vida.

«Abençoado conselho, diz em referencia ao Dr. Silva Araujo o Dr. Monteiro, abençoado conselho desse dedicado amigo, desse bello talento, dessa gloria da medicina brasileira, desta Bahia, berço de tantos homens illustres!»

Dezesete annos são já decorridos; e apesar dos achaques, dos annos e dos insultos da enfermidade, além de soffrimentos de outra ordem, o Dr. Monteiro tem atravessado na «Feira de Sant'Anna, a encantadora estação sanitaria, alegre como o sol que a doira» (7) periodos, alguns bem extensos, de relativa saude.

Como em todos os logares, em que teve de demorar-se, fez-se logo sentir benefica sua visita á Feira de Sant'Anna.

A pobre e acanhada imprensa local recebeu o seu influxo; e admiravam-se todos do modo como aquelle velho doente podia roubar a seu descanso tanto tempo, escrevendo, elle que alli só fôra buscar allivio a seus males.

E sobre que assumptos escrevia! Abolição, instrucção publica, saneamento da cidade, aberturas de novas ruas e estradas de communicacão e, que sei eu? tanta coisa de progresso que aquelles que descren-

(7) *Gazeta Medica da Bahia*, serie 3^a, vol. 2^o, Dr. Remedios Monteiro.

tes pela idade ou pelo conhecimento de nossos hábitos de desidia só encaravam como phanal a rotina, clamavam, movendo tristemente as cabeças: «Como tem illusões! E dizem que é um velho que muito tem lido e viajado!»

Era de admirar, em verdade, que pudesse elle esquecer o duro aguilhão de pertinaz enfermidade pulmonar, para pregar ao povo contra o secular atraso, e convencel-o a seguir por novo caminho.

Como deve estar hoje alegre o venerando e caridoso medico, o patriota sincero, vendo que não foi perda de todo sua propaganda!

E ainda bem que a Feira de Sant'Anna entendeu que não devia deixal-o só.

Alli, se o nome detestado de Lucas—o assassino—tinha creado pavorosas lendas, e a lembrança da força e da fogueira fazia surgirem aos olhos da imaginação estradas innundadas de sangue, alarmadas pelo latrocínio, deshonoradas pelas degradações e miserias do estupro; alli, tambem nascera um apostolo christão—o Padre Ovidio Alves de São Boaventura, alli tivera seu berço o joven poeta das «*Cavatinas*»—o intemerato abolicionista—Francisco de Salles Barbosa.

Nascido em alto mar, naquella extensão infinita do oceano, onde nenhuma nação pode hastear o pavilhão de suas conquistas e de seu dominio, o Dr. Monteiro, quando poudo sentir os dictames da razão, reconheceu-se cosmopolita. Eis talvez porque suas idéas e seus sentimentos se dirigem indifferentemente para todos os povos, sem preocupações de nativismo. Se escreve sobre a Russia, vemol-o fazer causa commum com os camponeses soffredores e religiosos, como se lhe pesasse sobre a cabeça a dextra ferrea do omnipotente tzar. Se se occupa com a India, parece-nos um filho de Gôa, saudoso de passadas grandezas, extatico sobre a ponte de Ribandar, antes de entrar em Pangim, com os olhos fitos no esplendoroso céu da Asia. Quando sua penna, ou sua palavra transmite as impressões

que lhe desperta o logar em que reside, sente-se commovedora a nota amiga de um filho extremoso.

Póde «a formosa e campezina cidade da Feira de Sant'Anna», «a cidade alegre, bonita, assentada numa vasta planicie» (8) ter justissimos desvanecimentos pela affeição que lhe consagra o Dr. Monteiro; affeição que não tem pairado em alturas puramente ideaes, mas se tem manifestado em beneficios de toda a ordem. Póde verificar-se o nosso asserto do *Relatorio* que acompanha a «*Acta da Installação da Intendencia Municipal da Feira de Sant'Anna*», impresso nesta capital, em 1890.

Quando presidente da camara municipal da Feira de Sant'Anna, dissolvida por Acto do Governador deste Estado, em data de 16 de Janeiro de 1890, após a proclamação da nova forma de governo, o Dr. Monteiro que, em propaganda incessante, havia pugnado pelo hygiene publica, ainda muito esquecida ou ignorada, por não se apreciar devidamente sua influencia social, sua grandeza e importancia na vida collectiva e nas relações individuaes, procurou remover, quanto lhe foi possivel, as causas de insalubridade da cidade, cuidando do asseio e do calçamento das ruas; abrindo a praça fronteira á cadeia, e que recebeu o nome de «Praça Remedios Monteiro», por proposta dos vereadores interpretes dos votos da população; construindo o novo matadouro publico, e pondo em execução as posturas do codigo municipal e outras medidas protectoras da saude do povo.

Emquanto assim procedia em relação á publica hygiene promovendo o bem estar dos habitantes do municipio, poupando-lhes as forças e a saude e lhes augmentando, portanto, os meios de resistencia na lucta sem tregos da vida, o digno presidente da camara municipal, previdente e conhecedor pro-

(8)—*Inauguração da Bibliotheca Publica Municipal da Feira de Sant'Anna—Bahia.—1891.—Discurso do Dr. J. dos Remedios Monteiro.*

fundo da economia social, promovia—e realisava, em 1887, a compra do excellente predio em que ainda hoje funciona a intendencia, predio que até aquella data era alugado á camara.

A educação popular mereceu-lhe tambem então cuidados paternaes. Foi naquella occasião que surgiu a idéa da criação da bibliotheca municipal da Feira de Sant'Anna.

Eis o que a esse respeito disse, em bem lançado e criterioso discurso, o digno feirense, Dr Antonio Joaquim Ramos, hoje clinico em S. Paulo:

«A digna intendencia veio satisfazer completamente as ambições daquelles que desejam o progresso moral e material desta terra; e neste particular vejo-a sempre secundada pelos esforços generosos e altamente significativos de um digno e illustrado cidadão que tanto tem pugnado pela prosperidade desta cidade, que, aliás, não é seu berço natal. Refiro-me ao Dr. Remedios Monteiro, nome assás respeitado e estimado por todos nós, o qual entusiasta convicto e sincero de tudo quanto diz respeito ao desenvolvimento intellectual, moral e material de nosso paiz, concebeu a idéa de crear uma bibliotheca, ainda quando presidente da antiga camara municipal, e cujo plano não foi realisado por motivos alheios á sua vontade.

«O seu digno successor, o prestimoso cidadão Joaquim de Mello Sampaio, a quem não deve ser negado o justo reconhecimento desta população por quanto ha feito pelo progresso material desta terra, tendo em grande conta algumas das idéas emittidas pelo Dr. Remedios Monteiro, em seu relatorio, ao passar-lhe a administração municipal, tratou de levar avante a fundação desta bibliotheca, contribuindo espontanea e generosamente com avultada quantia para a mesma.» (9)

Foi ainda em sua patriotica presidencia que se

(9)—*Inauguração da Bibliotheca Municipal da Feira de Sant'Anna*, pgs. 10 e 11.

abriu a extensa e longa avenida «Sampaio» realisando-se assim a idéa que já ha alguns annos pela imprensa local tinha defendido e sobre a qual se havia entendido com o então presidente da camara, o distinctissimo bahiano Manoel Eustaquio Rebello de Figueiredo, que prestou ao municipio da Feira os melhores serviços, deixando seu nome inscripto com os do Dr. Monteiro, do coronel João Pedreira de Cerqueira e de Joaquim de Mello Sampaio, num quadro de honra, onde só devem figurar desinteressados representantes do povo.

Quando o Exm. Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, digno vice-presidente da Republica, em 20 de Dezembro de 1889, como governador deste Estado, visitou a cidade da Feira de Sant' Anna, sua palavra eloquente fez-se ouvir e os mais elevados conceitos foram por elle externados em relação á Edilidade, que vivamente elogiou, fazendo sobresahir os méritos do digno medico que era seu presidente.

Da acta da sessão extraordinaria realisada em 1º de Fevereiro de 1890, no paço da camara municipal da Feira de Sant' Anna, para o fim de se dar posse ao intendente e aos membros do conselho municipal, nomeados por acto do Dr. governador do Estado, de 16 de Janeiro d'aquelle anno, destacam-se os seguintes trechos:

«O Sr. conselheiro Martins Catharino propõe que se lavre na acta um voto de louvor á camara transacta aqui representada pelo illustrado Sr. Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, ex-presidente della. Approvada a proposta, o Sr. intendente (Joaquim de Mello Sampaio) declarou que era sempre muito merecidamente feita qualquer manifestação a corporações que, como a camara transacta desta cidade, fossem dirigidas por um cidadão como o venerando Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, cujo talento esclarecido, sempre guiado pelo melhor senso, limada illustração, independencia e rectidão de character e cujo espirito de justiça realçavam sempre a todos os actos de sua vida publica. Declara ainda

mais que um unico pesar o acompanhava no cumprimento da ardua tarefa que ora encetava e era não ser auxiliado como esperava por aquella intelligencia culta e luminosa, creadora de idéas novas, e que muito contribuiria para a felicidade e o progresso deste municipio. Que a prova do que vinha de enunciar é—a unica e honrosa excepção feita pelo governador do Estado da Bahia, nomeando aquelle cidadão, membro de uma camara dissolvida, para continuar dirigindo os destinos deste municipio.»

Não podem ser mais claras e frisantes as demonstrações que mereceu o Dr. Monteiro por sua sabia gestão dos negocios municipaes.

Não se limitou, porém, ao que ahi deixamos pallidamente esboçado o que em prol da Feira de Santa Anna fez a sua magnanimidade.

A sorte escura das crianças desprotegidas, quiçá votadas ao crime, tinha tocado o coração do padre Ovidio; as lagrimas das victimas do captiveiro iam levar á praça publica e á tribuna da imprensa o estudante Salles Barbosa: o sacerdote e o academico não encontraram melhor companheiro para as obras de caridade, para as lides da abolição, do que o velho cheio de santos ideaes—o Dr. Monteiro.

Por notavel coincidencia, no mesmo anno em que «o benemerito e venerando padre Ovidio Alves de S. Boaventura, esse sacerdote que fez da caridade a vida de sua vida» (10) fundava o Asylo de Nossa Senhora de Lourdes, chegava á Feira de Sant'Anna o Dr. Monteiro. E quando o juvenil espirito de Salles Barbosa ensaiava os primeiros vôos para o céu anilado de seus ideaes, mostrava-lhe a trajetoria de glorioso percurso a dextra avigorada pela verdade do inclyto abolicionista.

·E quem diria que esse valetudinario havia alguns annos depois de fazer a necrologia daquelles dois companheiros «de quem a Feira de Sant'Anna pôde

(10)—*Inauguração da Bibliotheca Municipal.* Discurso do Dr. Monteiro.

orgulhar-se por têl-os visto nascer sob um céu de esplendente belleza»?! (11)

O illustrado monsenhor Dr. José Basilio Pereira, um dos melhores talentos da Bahia e uma gloria incontestavel do clero brasileiro, o qual já mereceu a distincção de ser elevado pelo Summo Pontifice Leão XIII á dignidade de Bispo da Diocese da Parahyba, distincção não acceita por motivo de molestia, o illustrado monsenhor Basilio, digo, em alevantada e commovente phrase escreveu a biographia do padre Ovidio num pequeno livro intitulado *A' volta de um tumulo*, impresso nesta capital em 1889. E quando, em 1892, graças á munificencia do benemerito cidadão Joaquim de Mello Sampaio, foi inaugurada a estatua do padre Ovidio, em uma das praças da Feira de Sant'Anna, ainda o referido monsenhor em notavel oração exalçou os meritos daquelle sacerdote. «Esse parochio exemplar, disse o monsenhor Basilio, esse parochio exemplar a Feira o quiz e venerou, e hoje o acclama tão unanimente, porque foi a expressão fiel, a imagem viva da bondade: e assim quando em seus adoraveis decretos dispõe a providencia que nesta pequena cidade sejam tributadas ao humilde sacerdote honras que em todo o paiz ainda não o foram aos principes da Egreja, aos luminares da fé, esse facto—é licito acreditar-o—envolve a significação de que na hora presente, na crise que o seculo atravessa, na phase em que entra a sociedade brasileira, a acção e a victoria cabem principalmente á caridade e á caridade exercitada por aquelles que têm a missão de formar e conduzir fraternalmente as almas e doutrinar as multidões, conhecendo-as de mais perto e acudindo-lhes incessantemente nas privações e nos transes.» (12)

Que estreitos laços de intimo affecto e admiração ligam o Dr. Monteiro ao monsenhor Basilio, que foi

• (11)—*Discurso citado.*

(11)—*A estatua do benemerito padre Ovidio—Bahia, 1892—pag. 17.*

quem, do alto da tribuna sagrada, saudou a inauguração do asylo de Nossa Senhora de Lourdes!

Quantos conheciam a doce intimidade do padre Ovidio com o Dr. Monteiro podem dar testemunho dos esforços deste secundando e guiando os planos e projectos daquelle.

Não consiste a caridade que se dispensa ás crianças em se lhes dar somente o alimento e o vestuario: é mister cuidar-lhes do espirito e do coração, apparelhando-as para os embates e as peripecias do futuro.

Os extremos de pae combinavam-se com o zelo do medico á cabeceira da orphanzinha doente. A palavra clara do mestre amigo encaminhava as noveis intelligencias para a conquista da verdade. Os cuidados que lhe mereciam tantas crianças sem paes levavam-n'o a traçar planos para a vida na sociedade, preocupado como tem sido sempre pela resolução dos problemas sociologicos.

Quantos conceitos de profundo conhecedor dos homens e das coisas sahiam de seus labios, quando elle meditava na sorte daquellas crianças amparadas pelo braço do padre Ovidio!

Quem sabe se lhe segredou aos ouvidos alguma vez o anjo da morte que cedo roubaria o protector daquellas innocentes?!

O Dr. Monteiro não limitava seus favores ao asylo de Nossa Senhora de Lourdes. Onde se precisava de seu auxilio, dos serviços medicos, das obras de misericordia, em suas multiplas feições, ahi, estava elle infallivelmente.

O tecto que abrigou uma das melhores creaturas que têm vindo á terra,—a virtuosa e santa senhora que me encaminhou os primeiros passos da existencia, recebendo-me dos braços de uma mãe moribunda; o tecto, onde modestamente viveu tantos annos, em uma quasi solidão, minha idolatrada madrinha e tia D. Quiteria Florencia dos Anjos Bastos, fallecida nesta cidade aos 26 de Junho de 1893; aquella modesta casa da rua do Senhor dos Passos, da qual me não

lembro sem viva saudade, recebeu tambem a honra de uma intimidade fraternal, em que os favores da medicina se confundiam com os remedios da consolação.

Que posso eu dizer que exprima ao vivo o que me vae no intimo d'alma, recordando scenas tão santas, em que a grandeza da caridade tem deante de si a magestade da gratidão?

Seja-me licito alliar ao nome do Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro o do distincto medico Dr. Macario Gomes da Cerqueira, e terei dado cumprimento, talvez imperfeito, a uma verba sagrada de um codicillo de gratidão e de affectos.

E porque não associar a esta commemoração de uma amizade agradecida as inolvidaveis scenas de desinteressado e caridoso convivio, em que o Dr. Monteiro offerta constantemente á minha prezada tia D. Maria Bastos, octogenaria e enferma—todos os possiveis recursos para lhe minorar os males physicos, para animal-a a resistir por mais tempo aos dissabores de uma senectude sem conforto e quasi sem affeição?

Se o Dr. Monteiro sabia exercer com caridade sua nobillissima profissão de medico, sabia tambem transfigurar-se em heróe para combater as miserias da escravidão.

Sua penna e sua palavra foram lategos de fogo contra os senhores obstinados. Estava elle convencido de que era insufficiente uma compaixão platonica pelas victimas do captiveiro.

Não bastava acenar aos tristes habitantes das senzalas infectas com uma fugidia esperanza de tardia liberdade. Era preciso fazer chegar á consciencia dos senhores a certeza de sua infamia; ora, a consciencia estava callejada, a legalidade amordaçava o direito, e nos senhores só despertava a humanidade quando o azorrague lhes fazia chegar dolorosamente o sangue ás faces.

O Dr. Monteiro foi um combatente imperterrito e o seu papel de abolicionista é salientado dignamente

pelo Dr. Luiz Anselmo da Fonseca, por ocasião de se referir ao movimento da abolição na Feira de Sant'Anna.

«Nesta cidade, onde ainda é muito forte o imperio tenebroso da escravidão, reside um distincto abolicionista extra-provinciano.

«E' o Sr. Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro—medico illustrado e escriptor laborioso.

«Não sabemos se elle terá naquella localidade conseguido communicar a muitas pessoas suas idéas abolicionistas; sabemos, porém, que serviços muito importantes tem prestado á causa dos captivos, escrevendo frequentemente, com patriotismo e calor em prol della, para alguns jornaes desta provincia e para outros do Rio de Janeiro e de Santa Catharina.

«E' tanto mais preciosa a cooperação deste cidadão ao abolicionismo, quanto é elle um homem valetudinario.» (13)

A Bahia que conta na gloriosa phalange abolicionista vultos de estatura de Antonio Ferreira França, visconde do Rio-Branco, Antonio de Castro Alves, Manuel Pinto de Souza Dantas, Augusto Alvares Guimarães, Luiz Gama, Francisco de Salles Barbosa, já fallecidos, e entre os vivos contempla Ruy Barbosa, André Rebouças, Frederico Lisboa, Frederico Marinho de Araujo, monsenhor Basilio Pereira, Luiz Anselmo da Fonseca, Eduardo Carigé, Pamphilo da Santa Cruz e tantos outros, a Bahia podia bem estreitar junto ao seio de heroína, como um dos seus melhores paladinos, o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro.

Dentre muitos artigos publicados pelo Dr. Monteiro devo salientar o que sobre o titulo—*Fundo Municipal de emancipação*—o *Diario da Bahia* editou em seu numero de 24 de Outubro de 1884, e o que a mesma folha transcreveu d'*O Esforço*, periodico da Feira de Sant'Anna, referente á *Pena de açoites* que me-

(13) *A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo—Bahia, Imprensa Economica—1887—Pag.377.*

receu da *Gazeta da Bahia*, então órgão do partido conservador, as honras de uma delicada resposta, em artigo de redacção, em 16 de Novembro de 1886.

O Dr. Monteiro sabia fazer apreciações criteriosas sobre os factos que se desenrolavam na sociedade: argumentava quando o argumento podia gerar convicções proficuas; trovejava, quando só a indignação podia ganhar alguma coisa para a liberdade.

«No despacho imperial de 15 de Outubro, escrevia o Dr. Monteiro, foi sancionado o decreto que prohi-be a pena de açoites.

Não havia muitas semanas o presidente do conselho, o Sr. barão de Cotegipe, o pontifice politico que proferiu, em relação á emancipação, em um banquete politico, as memoraveis palavras — «o partido conservador quer, pode e deve» — respondendo a uma interpegação do deputado Sr. Affonso Celso Junior, distincto abolicionista, não dava o menor signal de querer modificar a impiedosa pena de açoites e considerava como prevaricadores os magistrados que não a cumpriam.

O ministro não suspeitava talvez que tão breve o paiz e a magistratura se rejubilariam com a abolição de uma disposição legislativa tão cruel e injusta.

Não se verá mais a triste scena de um juiz togado com o promotor publico á direita, na presença de doze juizes de facto, pares do réo, ler a sentença commutando em açoites a pena imposta aos miseros escravos. Commutar, isto é, attenuar, favorecer a pena, quando entretanto o organismo do réo e a fereza do executor a podem transformar, como pondera o Dr. Joaquim Nabuco, em pena de morte!

Depois vem a execução em que as carnes da victima são dilaceradas sob a acção e a abjecção do azorrague.

E tudo isto dava-se quando já o escravo podia dispor de bens adquiridos, contratar, herdar; quando no dia seguinte podia haver ou pleitear sua liberdade!

Entretanto, Cezar Beccaria ha um seculo havia demonstrado o laço intimo que une as leis penaes ás instituições politicas!»

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever alguns trechos do seu discurso, por occasião de se inaugurar a bibliotheca municipal da Feira de Santa Anna, quando se referiu a Salles Barbosa:

«O escravizado não era uma pessoa senão aos olhos da nossa religião; não era o anonymo nem um pagão porque lhe deram um nome religioso, o do baptismo, tirado do calendario dos Santos. O escravizado assim como não tinha Deus, não tinha patria, assim como não tinha patria não tinha familia. Quando morria não tinha descendentes, assim como não tinha ascendentes quando vivia: morria no esquecimento, sumia-se sob a herva que crescia quarenta vezes sobre seus restos; desaparecia no nada. Para o escravizado, na vida e na morte, só o nada, sempre o nada.

Mais infeliz ainda do que o selvagem, elle obedecia ao homem, emquanto o outro só obedecia á natureza.

A existencia, a vida, tudo no escravizado achava-se reduzido á ultima expressão.

Salles Barbosa não trepidou em tomar parte nas refregas homericas da abolição.

Foi um dos que julgaram que não era possivel contemporisar com o crime de escravidão, que era necessario e urgente destruil-o totalmente pela abolição immediata, instantanea, sem indemnisação alguma. Já havia sido longa a procrastinação.

A abolição não era só um acto de humanidade, de compaixão, de justiça, mas tambem do maior alcance sociologico.

Repugnava ao espirito e ao coração generoso desse moço a idéa de que um milhão de homens vivessem espoliados de todos os direitos, avergoados pelo chicote da selvageria!»

Como brilham a verdade, a convicção, o patriotismo, nestas phrases de alevantada e pura eloquencia!

Sob o titulo—*Estado Servil* publicou *O Americano*, periodico que se editava na cidade da Cachoeira, neste Estado, uma serie de apreciaveis artigos do Dr. Monteiro, onde este commentava os trechos que se seguem, de uma carta intima do illustrado medico, seu amigo, Dr. Francisco Joaquim da Silva Ramos: «Que esponja será capaz de limpar da face do passado e do presente a negra mancha da escravidão ?

«Como será radiante e alegre a aurora de liberdade do Brazil!

«Como deve ser linda e surprehendente a magia da escravidão em se tornando crysalida da liberdade!»

Segundo a nota fiel do Dr. Luiz Anselmo da Fonseca, o Dr. Monteiro estendeu ás então provincias de Santa Catharina e Rio de Janeiro a sua propaganda em prol do abolicionismo.

A provincia, hoje Estado, de Santa Catharina deu á Bahia, na pessoa de um venerando catharinense, o humilde apostolo da caridade — Joaquim Francisco do Livramento, um modelo vivo de quanto se deve trabalhar pela felicidade dos bastardos da fortuna; o Dr. Monteiro procurou de alguma sorte pagar a divida sagrada da Bahia fazendo que desta partisse para Santa Catharina o incitamento da propaganda em favor dos escravos—os ilotas da sociedade brasileira.

O Dr. Monteiro já alli havia aberto uma campanha honrosa, propugnando a causa da instrucção popular obrigatoria, como se verifica de sua «*Carta dirigida aos senhores membros da assembléa provincial de Santa Catharina*», em 1º de Maio de 1872, campanha que, excusado é dizel-o, continuou neste Estado em artigos publicados n' *O Motor*, n' *O Vigilante*, n' *O Esforço*, da Feira de Sant'Anna, no *Diario de Noticias*, no *Preceptor* e principalmente em notavel trabalho publicado na *Revista Popular*, todos desta capital.

Alli, o seu esforço encontrou no Sr. Eduardo Nunes Pires, redactor do *Jornal do Commercio*, do Des-

terro, um fiel alliado que em varios artigos, commentou a *Hygiene e Educação da Infancia* uma «obra importante»—do Dr. Monteiro, como lhe chamou o digno jornalista. Apesar de a muitas leguas de distancia de Santa Catharina, confiou o eximio abolicionista na santidade da causa que defendia e mostrou em sua nova propaganda a mesma prodigiosa actividade que desenvolvera em relação á instrucção popular.

Encontraram suas palavras um catharinense distincto, o Sr. Manuel Joaquim da Silveira Bittencourt, que tudo empenhou pela sagrada bandeira, agradecendo ao velho amigo saudoso de Santa Catharina a coragem que lhe insufflava, os auxilios offerecidos para o triumpho pleno da liberdade naquellas plagas queridas.

O denodado abolicionista catharinense que fôra saudado com enthusiasmo por Virgilio Varzea, uma das mais esplendidas vocações litterarias deste paiz, com o epitheto de—*brilhante patricio*—falleceu aos 23 de Junho de 1890, contando 31 annos de idade, recebendo sua memoria digna consagração devida á pena do primoroso poeta Cruz e Souza, uma das glorias de Santa Catharina, em artigo publicado na *Tribuna Popular*, do Desterro, de que era então redactor.

A cidade de Rezende foi tambem alvo dos cuidados abolicionistas do seu antigo hospede: o *Rezendense* publicou varios artigos devidos á sua collaboração activa e patriotica, em quadra melindrosa, quando a zona cafeeira do Rio de Janeiro não queria ouvir falar em abolição.

Tive já occasião de dizer, neste despretencioso trabalho, que intimas relações de parentesco e de amizade, além de suavissimas recordações de uma juventude venturosa, fazem com que o Dr. Monteiro seja muito affeiçoado a Rezende; não podia elle, portanto, affectuoso e patriota—consentir que aquella terra, onde lhe alvoroçara o peito o primeiro sorriso

de sua filha unica, ficasse estacionaria ante as scenas degradantes da escravidão.

Occorre ainda que o Dr. Monteiro é apaixonado pela Russia, e já por cartas a seus amigos, já por artigos e trabalhos differentes, alguns publicados, procura fazel-a conhecida, por todos os modos, no Brasil. A *Renascença*, desta capital, mereceu a honra de publicar valiosos artigos sobre *Vladimiro I*, *Miguel Lermontoff* e *Nicoláo Gogol*, e A *Bahia* publicou extenso e criterioso estudo sobre *Ivan Tourguéneff*. Ora, em Rezende, vive o illustrado Dr. João de Azevedo Carneiro Maia, quasi octogenario, o qual com a energia de um moço, tem escripto notavel trabalho sobre a *Russia litteraria*, sendo a isso levado pelo interesse que lhe dispertou a amistosa correspondencia do Dr. Monteiro. Não será essa afinidade de idéas e de sentimentos mais um elo da cadeia que prende o Dr. Monteiro á cidade de Rezende? Podia elle que sonha com a Russia democratica, com a India independente, supportar que Rezende fosse um ergastulo de captivos?

Felizmente «a esponja da liberdade conseguiu apagar da frente do Brasil a negra mancha de escravidão!»

Depois da promulgação da «lei redemptora» escrevia o *Rezendense*, em 7 de Junho de 1888, sob a epigraphe—*Remedios Monteiro*:

«Com este nosso illustre amigo e correligionario, distincto medico, outr'ora residente nesta cidade, e hoje na Feira de Sant'Anna, provincia da Bahia congratulamo-nos pela promulgação da aurea lei da liberdade, e agradecemos o concurso valiosissimo que nos prestou, animando-nos sempre na ardua lucta em que estavamos empenhados em favor da causa da abolição da escravatura no Brasil.

«Agora que temos nova tarefa social a cumprir, a educação dos libertos, esperamos a continuação de seus poderosos auxilios em favor dessa nova campanha em que estamos empenhados.»

A quem se propõe summariar os actos de publica benemerencia, haurindo dos documentos que os registram as indispensaveis informações, outra difficuldade não se offerece que a do methodo a seguir na collecção harmonica de quanto está esparso.

Investigar, porém, os mysterios da alma humana descer até ao fundo do coração, para alli descobrir sentimentos que muitas vezes procuram fugir ás locubrações do cerebro, é uma tarefa arriscadissima; e ai! do que nella se emphenha! Exhibirá um monstro horaciano se, indiscreto, não corresponder de todo á verdade das revelações que surprehendeu.

Impõe-se muitas vezes indefectivel a quem escreve uma biographia a necessidade de revolver papeis intimos, que jamais deviam apparecer aos olhos do publico. Justifica-se então a ousadia do biographo pelo desejo de fazer bem conhecido aquelle que é por elle estudado. E, se neste particular é que mais vivamente palpita a alma do biographado, ao biographo não assiste o direito de occultar o que sabe, para não melindrar pudente modestia de ineffaveis revelações que se pretendem eternamente em sigillo.

E' com a maior timidez que vou chegar ao vestibulo do templo da Amizade, onde se destacam vultos sympathicos, qual mais digno qual mais affectuoso.

Porfiam todos por que esteja sempre viva a flamma da pyra sagrada: sacerdotes da religião da Amizade recebem dos labios de um velho antistite o verbo unctuoso que vivifica os corações dando-lhes o poder de se confundirem uns com os outros; mas entre aquelles religionarios alguns ha que não ateiam o fogo santo, por que já se lhes gelou o sangue ao contacto da morte.

Alma que se esconde do convivio de uma alma amiga não recebeu a luz da virtude, atufou-se no barathro do egoismo.

«Não ha mais triste solidão do que a do homem sem amigos; sem amigos torna-se o mundo deserto.

«Aquelle que tem um verdadeiro amigo confia em que não serão esquecidos os seus ultimos desejos e por este modo terá, por assim dizer, duas vidas.»

Estas palavras que trancrevo d'*O Motor*, de 14 de Dezembro de 1879, deixam ver bem que quem as escreveu possui um coração nascido para a amizade.

Ao envez do *nirvana* que anniquilla, o sonho do Dr. Monteiro é a pura amizade que duplica a existencia.

Não tentarei retratar os amigos do Dr. Monteiro; tarefa seria esta para um artista superior. Esboçarei, a traços largos, sua convivencia intima com alguns de seus amigos: com o visconde de Taunay, com Virgilio Varzea, com Antonio José Maria de Miranda, com José Antonio Ismael Gracias; e muito a medo alguma coisa direi dessa extraordinaria affeição que o ligou a um grande morto—o Dr. Domingos Jacy Monteiro.

O Sr. visconde de Taunay tem uma reputação gloriosa. Parlamentar correcto, consummado jornalista, primoroso romancista, admiravel cultor da arte em que se sublimou o genio de Chopin, o Sr. visconde por seu fino talento de escol, é de ha muito considerado um perfeito homem de lettras, um artista emérito.

No distincto litterato vibra sensivel o coração, e o Dr. Monteiro merece de sua alma affectuosa delicada predilecção, que timbra em apurar-se cada dia em sua constante correspondencia.

O que vou transcrever do livro de propaganda de Jorge Palmer (Visconde de Taunay) «*Como me tornei kneippista*», da pagina 149 até á pagina 151, confirmará de sobra o meu asserto:

«Medico da maior distincção, character purissimo. brando e repassado de amor humanitario, mettido ha longos annos, como verdadeiro anachoreta, na cidade da Feira de Sant'Anna (Bahia) em companhia

da amorosa e extremecida filha unica, o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro travou commigo por cartas relações de amizade, que animada correspondencia tem ido cada vez mais apertando para suave alegria e bem cordial satisfação de ambos nós.

«Por singular presentimento, soara-me grato aos ouvidos o seu nome, quando, em 1876, o ouvi pronunciar no Desterro (Santa Catharina), onde deixou a mais justa e invejavel reputação de clinico, tão caritativo e desinteressado, quanto zeloso e proficiente.

«Remedios Monteiro! observei então, que appellido original!

Soube, muito tempo depois, que proviera de confiada consagração aos destinos pelo pae, ao vel-o chegar ao mundo debilissimo e sem meios de resistencia natural para poder viver muito. E disso já lá vão mais de 67 annos e, Deus permitta, muitos outros ainda venham em eguida!

«Teve, de facto, saude sempre delicada; mas isto o não impedia de estudar muito, conseguir erudição não vulgar em multiplos ramos do saber humano, trabalhar com afinco na carreira que seguiu e em que houvera ganho renome, se tivesse exercido medicina nos grandes centros de população, e não fosse tolhido, em mais altos vãos, pela modestia mais melindrosa que dar-se póde.

«Assim mesmo escreveu não pouco, quer illustrando a litteratura medica com apreciadissimas monographias, quer discutindo elevados assumptos sociologicos, em que ficaram bem patentes a sua agudeza de vistas e até notavel previsão do futuro.

«Quanto me commove poder prestar, nestas linhas intercaladas em arida materia, a minha sincera homenagem a um amigo no qual nunca pousaram os meus olhos, mas que estimo e aprecio com todo o poder do sentimento, orgulhoso de sua affeição através de tão longas distancias!

«Que existencia interessante e alevantada a delle, no absoluto retrahimento em que se encontrou!

«Quem sabe se nisto não está a felicidade?

«Alcançal-a-ia o meigo philosopho da Feira de Sant'Anna, cujo espirito, embora envolvido em tristezas, tanto se consola a pairar nos mundos que creou e que vae ainda alargando na absorvente e constante leitura, quando os achaques de sempre não o pungem de mais prostrando-o no leito de soffrimentos, supportados com toda a calma e resignação?!...»

Que melhor preito de amizade, que homenagem mais grandiosa aos dotes do talento e do coração do Dr. Monteiro?

O inspirado auctor dos *Mares e Campos*, Virgilio Varzea, é um catharinense de raro merecimento e ha de conquistar, se já não conquistou, logar notabilissimo entre os nossos escriptores.

Um ligeiro topico de uma sua carta, mais eloquentemente que extenso discurso, deixará a descoberto um coração riquissimo de sentimento e porá em evidencia uma das affeições de que se desvanece o Dr. Monteiro:

«Escreva-me, querido amigo e mestre Dr. Remedios Monteiro, e diga-me a causa do seu silencio para commigo. Não socegarei, sem que o amigo me explique semelhante caso, que me parece ás vezes devido á sua molestia, ou ao não recebimento das minhas cartas.

«De qualquer modo, não posso tolerar por mais tempo a anciedade em que vivo de noticias e (se assim é dado exprimir-me) exijo que me mande, ao menos uma vez por mez, um bilhetinho com estes dizeres: «Eu e minha filha bons Remedios Monteiro.» Só assim o affecto em que o tenho não soffrerá, de vez em quando, dolorosas apprehensões e temores».

Em 29 de Setembro de 1887, aos 58 annos de idade, na Feira de Sant'Anna, desprendeu-se dos liames terrenos para alçar-se á morada eterna a santa consorte do Dr. Monteiro.

Virgilio Varzea escreveu a proposito tocante *Pagina intima* offerecida ao desolado viuvo e publicada no *Corymbo*, revista mensal de que era pro-

prietaria a distincta poetiza rio-grandense D. Revocata H. de Mello.

«A vossa esposa adorada, a santa companheira dos vossos soffrimentos e glorias, acaba de morrer serenamente nos vossos braços! Ha muito tempo que ella vivia numa doença afflictiva e cruel, trilhando dolorosamente a estrada escura, torçicolosa e eriçada de escolhos que conduz a um precipicio terrivel—a morte—e em cujas aguçadas e desfi-brantes arestas ia, dia a dia, deixando pedaços do seu atormentado e amantissimo coração de esposa e mãe!

«Calculo profundamente, calculo de sobra a formidanda desolação, o desmantelamento, que vae hoje pelo vosso generoso e vasto coração de esposo; pela alma virginal e sublime de vossa filha, tão cheia de esperanças e flores, tão gorgeada de alegrias, tão illuminada pelo sol ainda ha pouco e agora—oh! desventura suprema!—impiedosamente maltratada e prostrada como uma pobre ave em pleno ar ferida!

«Amigo! a minha alma se ajoelha e chora diante de vossa dor!»

Que piedade filial envolve estas phrases tão ricas de commoção e sinceridade!

E como principiaram as relações do Dr. Monteiro com Virgilio Varzea? E' ainda este quem nol-o vae dizer:

«Uma vez, eu e o meu intimo amigo Cruz e Souza, que já nesse tempo tinha inspirações fulgurantes e sabia fazer estrophes com architecturas douradas, festões, arabescos, e o limpido e adoravel Lostada, o inspirado discipulo de Gauthier e Heine nas rendilhações placidas do folhetim, fundamos um jornalzito litterario que se chamou *Colombo*, o descobridor e o bandeirante de um mundo infantil.

«Tinhamos para *Colombo* caricias indiziveis, o tratamento cheio daquellas suavidades esplendidas do cólo das mães.

«Consagramos o numero 10 á gloria e ao renome

do poeta condoreiro, o remontado Castro Alves, o moço extraordinario da poesia faiscante, cheia de hyperboles vermelhas, constellações e sóes! Depois de Alvares de Azevedo, o introductor directo em nosso paiz da escola byroniana, que tinha um estylo largo, vibrante, cheio de arterias, nervos, alma e assombros, era o auctor das «Espumas» o rapaz que mais admiravamos.

«Dias depois da publicação dessa homenagem ao illustre poeta, recebemos uma carta que continha mais ou menos isto:

«Saudo entusiasticamente aos tres intelligentes jovens catharinenses redactores do jornalzinho «Colombo», que procuram distinguir-se na vida das letras e acabam de prestar uma grande homenagem ao decennio do inspiradissimo poeta bahiano Castro Alves. Prometto-lhes a reproducção aqui no «Diario de Noticias» de todos os artigos desse numero do «Colombo.» Trazia a assignatura de — Remedios Monteiro —(14).

Será preciso accrescentar mais uma palavra, ferir mais uma nota, para significar o culto da affeição que se votam o brilhante escriptor do *Mare aureum* e o humanitario auctor da *Hygiene e Educação da infancia?*

Antonio José Maria de Miranda é natural de Gôa (India Portugueza) e de lá veio para o Brasil em 1845.

Conta 69 annos, é pharmaceutico, e reside com sua familia honradamente, na cidade de Rezende, onde residiu tambem seu illustre irmão, Dr. Luiz Custodio de Miranda, a quem já me referi neste trabalho.

Com sua familia vive desde 1875 uma irmã cega do Dr. Monteiro.

«E' um homem caridoso, simples, trabalhador e economico, prestativo, de genio brando, honestissi-

mo em todos os actos, religioso e resignado: só falta a sanctão divina para santificá-lo.

Tenho por elle uma grande veneração e elle sabe quanto o estimo.»

Estas palavras, que copio de amistosa missiva, com que a bondade do Dr. Monteiro houve por bem distinguir-me, quando lhe pedi, com empenho, informações para esta desalinhada biographia, são repassadas de verdadeira gratidão e inexcedível amizade; e vê-se por ellas a importancia extraordinaria desse ideal commercio de purissimas relações do Dr. Monteiro com o seu primo Antonio José Maria de Miranda.

José Antonio Ismael Gracias, o infatigavel e progressista bibliothecario da bibliotheca de Nova-Gôa, é brahmine como o Dr. Monteiro, e como o pae deste, natural de Loutulim, do concelho de Salcete, na India portugueza.

O que ahi deixamos é sufficiente para explicar a poderosa corrente de attracção que devia estabelecer-se entre Ismael Gracias e o Dr. Monteiro, mal se dêsse o primeiro impulso a suas amistosas relações.

Com a India têm-se occupado talentos e illustrações superiores.

Historiadores e poetas, philosophos e naturalistas, sociologistas e viajantes, hão visitado as longinquas plagas indiaticas, para de perto sentirem as impressões daquella maravilhosa região; para, na India, conhecerem os esplendores da Asia, donde se irradiou a civilisação universal.

Além de suas preocupações de cosmopolitismo que o levam, por exemplo, a escrever e fazer propaganda pela Russia, sente-se o Dr. Monteiro com o ardente sangue da India, á qual está preso por seus ascendentes; por sua mãe, a Bombaim, na India ingleza, e á Gôa, na India portugueza, por seu pae.

Eis porque o Dr. Monteiro, cheio de saudades, lembra-se da India, onde nunca esteve, mas que tem presente ao coração e á imaginação, e comparando a influencia das raças, do character dos conquistadores

e dos colonisadores, ponderando o enorme poderio da instrucção, que tudo transforma, com pesar nota que emquanto as possessões inglezas progridem, as portuguezas quedam-se retardatarias.

«Apenas apossados de Bombaim os inglezes, começaram para o commercio e para a importancia politica de Portugal no Oriente os symptomas da longa e implacavel agonia a que tem sobrevivido.»

Assim escreveu Thomaz Ribeiro (15) que chama a Bombaim a moderna Babylonia, cidade onde se vê a representação completa do mundo (16).

Entretanto Gôa já merecera o titulo de Babylonia, como se pôde vêr da seguinte phrase do conselheiro Joaquim da Cunha Rivara:

«Gôa, a Babylonia indiana (que hoje choramos totalmente desaparecida da face da terra, *mais por culpa dos homens* do que pelo influxo malefico dos elementos) era ainda o emporio de todo o rico trato oriental, e verdadeiro centro da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India». (17)

Effectivamente Bombaim que já no principio deste seculo era uma das mais notaveis cidades da India, recebeu grande impulso e progrediu extraordinariamente «rompendo o cinto com que a apertaram na infancia» (18), depois que se abriu o canal de Suez, em 17 de Novembro de 1869, sendo hoje uma das mais commerciaes e importantes do mundo e estando para as cidades da India como Berlim para as da Allemanha.

Quando em 1826, o pae do Dr. Monteiro foi a Bombaim realisar o seu casamento, observou o no-

(15)—*Thomaz Ribeiro*—“*Jornadas*,”—*Entre palmeiras*, pag. 159.

(16)—*Viagem de Gôa a Bombaim*.—*Nova Gôa*, por Luiz Miguel de Abreu, pag. 10, da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India.

(17)—*Gôa sob a dominação portugueza*, por Antonio Anastacio Bruto da Costa, Margão, pag. 45.

(18)—*Viagem de Gôa a Bombaim*, loc. cit.

tavel progresso que alli existia e encantou-o a esmêrada educação de sua esposa que nada tinha que invejar ás senhoras educadas nos centros mais illustres da Europa.

Calcuttá, a capital do Indostão inglez contrasta de modo deploravel em belleza, elegancia e salubridade com Bombaim, e, emquanto nesta attrahente cidade tudo traz o cunho de um progresso incessante, as colonias portuguezas definham em funesta apathia.

Como deve éntristecer-se Ismael Gracias quando, meditando sobre o passado que foi tão grandioso quanto o nome de Affonso de Albuquerque, vê estacionaria sua querida Loutolim que «de recatada se esconde na densa folhagem de seus arvoredos!» (19)

Mas tambem quanta alegria lhe revolve o peito sabendo que, no Brasil, um homem de merito superior, de sua mesma casta, originario, por seu pae, da mesma Loutolim, lhe vota amizade de irmão e trabalha com afinco por tornar conhecida a India portugueza!

A afeição profunda que reciprocamente se offerecem Ismael Gracias e o Dr. Monteiro faz com que este torne a India portugueza conhecida no Brasil, e aquelle a litteratura brasileira em Gôa.

As pessoas que mais participam da vida intellectual do Dr. Monteiro conhecem perfeitamente o interesse que sua correspondencia desperta por quanto diz respeito á historia e ao desenvolvimento das possessões portuguezas na India.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, ao qual já foi apresentado o nome de Ismael Gracias para socio correspondente, tem valiosos subsidios, offerecidos pelo Dr. Monteiro, que muito auxiliarão a quem de futuro se quizer occupar com aquellas brilhantes e longinquas plagas, donde têm sahido para a civilisação homens distinctissimos, como se póde averiguar da «Noção de alguns filhos distinctos

da India portugueza, ordenada por Miguel Vicente de Abreu».

Ora, dentre esses luzo-indianos nenhum leva a Ismael Gracias vantagem no incrível esforço empregado para ter uma vida tão honesta, quanto dedicada ao progresso da terra natal.

O artigo que sob a epigraphe,—*A litteratura brasileira em Gôa*—publicou Ismael Gracias no «Almanack de Pelotas» para o corrente anno, convence do seu esforço por tornar conhecidos, na India, Basilio da Gama, Santa Ritta Durão, Gonçalves Dias, José de Alencar, José Bonifacio, Pedro Luiz, Porto-Alegre, Castro Alves, Ruy Barbosa, Escragnolle Taunay, Rozendo Moniz, Valentim Magalhães, Affonso Celso e outros.

Eis um topico, extrahido do «Relatorio do anno economico de 1892 a 1893» offerecido por Ismael Gracias, como bibliothecario director da Bibliotheca Nacional de Nova Gôa, topico inserto no artigo a que me refiro:

«Entre os offerentes, cumpre-me apontar o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, da Bahia, Brasil, o qual offereceu egualmente varias moedas do imperio e da republica brasileira. O Dr. Monteiro muito se interessa pelo progredimento da terra de seus avós e pelas coisas de Gôa. Entretendo desde muito relações commigo, do melhor grado e promptamente accedeu ao convite que lhe fiz para favorecer a bibliotheca como pudesse, e tem-no feito por si e por outros, manifestando-me sobretudo desejos de serem conhecidos aqui os escriptores brasileiros, o que é muito para desejar, attentos os frisantes pontos de contacto ethnicos e sociologicos, a pronunciada communiidade de aptidões e sentimentos, o mesmo dynanismo psychico que apresentam os indianos e os brasileiros.»

Quando no governo do conde de Sandomil, Brazil passou ao dominio de Bounsuló e Salsete ao dos marathas, (20) segundo refere o Sr. Antonio Anastacio

(20)—*Gôa sob a dominação portugueza, Margão, 1896, pag. 52.*

Bruto da Costa, que é de Margão, e [da mesma idade do Dr. Monteiro (69 annos), foi preciso que do Brasil partissem 12 mil homens, em 1741, ás ordens do marquez de Louriçal, antes conde da Ericeira, para que Bardez e Salsete, o concelho a que pertence Loutolim, fosseni restaurados para a corôa portugueza. Como compensação, em 1794, graças aos padres da Missão de Gôa, o missionario capuchinho italiano Fr. José de Bolonha, ensinava na Bahia que a escravidão era illegitima e contraria á religião, o que alvoroçou o Sr. D. Fernando José de Portugal, como se pode vêr do «Documento Historico publicado no *Correio de Noticias*, de 16 de Janeiro de 1896, por iniciativa do eximio abolicionista, o illustre Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa, digno director do Archivo publico da Bahia.

O Dr. Monteiro aperta os laços de sympathia entre os dois povos: Gôa adopta-o como filho; o Brasil considera-o como um dos seus cidadãos mais importantes.

Da «Polyanthéa commemorativa do 33º anniversario da Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio de Janeiro», extractamos as seguintes palavras que, á pagina 45, se referem ao Dr. Domingos Jacy Monteiro:

«Cheio do viço alegre e esplendente da mocidade, cultor entusiasta da poesia e da arte, poucos o acompanhavam na valentia e variedade de seus estudos, que aprofundou com exemplar tenacidade e tal esforço que em breve o constituiram um latinista distincto, um conhecedor aprimorado da lingua de Racine, e um tachigrapho adestrado em trabalhos que lhe proporcionavam meios de vida, visando sempre o inabalavel objectivo de suas idéas—ser homem de sciencia.

«Foi assim que, levado unicamente pelo vigor heroico de sua vontade ingente, tomou o gráo de doutor em medicina e mais tarde em direito.

«Seu trato fraternal denunciando predicados especiaes do seu character amoroso, tão indulgente

para os amigos que o acompanhavam, como severo para consigo mesmo, *maxime* em questões de honra, de dignidade, de principios, grangeou-lhe affeições eternas, dessas que as proprias amarguras da vida jamais apagam.»

Amizade eterna, dessas que resistem não só ás amarguras da vida, mas até ao gelo do sepulcro, irmanou as almas do Dr. Jacy e do Dr. Monteiro.

Que voz de amigo soube como a do Dr. Monteiro falar ao coração sensibilissimo do «seu querido Jacy?»

Quem melhor e mais delicadas provas de dedicação e estima deu ao Dr. Monteiro que aquelle incomparavel amigo?

Em 29 de Abril de 1894, escrevia elle desta cidade para a da Feira de Sant'Anna ao seu amigo Dr. Monteiro:

«Joaquim: Quando, na tarde de 24, começou a mover-se o trem da estrada de ferro que me separava de ti, não pude reter um soluço e senti apertar-se-me o coração e encherem-se-me os olhos de lagrimas. Porque?—Pois não tive a grande satisfação de ver-te, de abraçar-te, de ouvir-te?... Não podemos ainda tornar a ver-nos?

«E' certo; entretanto ha na existencia humana violencias a que nunca nos podemos afazer e esta nossa separação é uma dessas violencias. Por mais que procuremos que impere a razão, por mais que esta nos mostre que a vida é isto mesmo e não póde deixar de sel-o; a uns mais, a outros menos; a uns por este motivo a outros por aquelle; a uns em certas circumstancias, a outros em circumstancias differentes, vem a dor do corpo ou de alma prostrar-nos . . .

«Precisamos porém de sacudir este abatimento e de levantar o espirito, para proseguirmos na peregrinação que nos é destinada, a cada um.

«E' o que devemos fazer, até porque não perco a esperanza de nos tornarmos a achar juntos, e por outro lado podemos affirmar que as nossas almas não se separam; isto, pois, nos deve servir de consolação.»

Em outro logar desta mesma carta, escrevia o Dr. Jacy Monteiro: «José Vieira de Faria Rocha e seu genro Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa, o Dr. Joaquim Leal Ferreira, o Dr. João de Britto e o Dr. Filinto Bastos, magistrado, com os quaes tive occasião de fallar, mostraram o maior apreço em relação a ti. Igualmente o Dr. Manoel José de Araujo.»

Esta carta é um valiosissimo documento, é uma revelação translucida, da pureza de uma alma que sabia comprehender a amizade.

Aquellas lagrimas, aquella vacillação sobre a possibilidade de um novo encontro (que não se realizará jamais), aquella ternura de irmão saudoso, a preocupação de communicar ao amigo dilecto o que a seu respeito ouvira de pessoas que não conhecia, senão por ligeiras informações: tudo isto prova cabalmente que a affeição do Dr. Monteiro enchia o coração do Dr. Jacy.

A affinidade de educação, de sentimentos, de indole, de idéas, fraternizara o apreciador emerito de Alvares de Azevedo e o «anachoreta da Feira de San'Anna.»

Como este, o Dr. Jacy Monteiro foi um luctador indefesso, a quem nunca sorriu a fortuna.

«Paciente como um monge beneditino para aprofundar a sciencia, para investigar uma data, uma descoberta, um facto historico, um acontecimento proveitoso, moço ainda, já era mais e melhor investigador do que muitos que por ahi vão com fóros de illustrados pensadores, lidos e eruditos.

«Luctador egregio jámais adormeceu sobre louros conquistados: uma victoria ganha era apenas signal para encetar nova conquista.

«De seus tão nobres afans não lhe foi a fortuna o devido premio de esforçado lidador e de sua reconhecida probidade.» (21)

O artigo bibliographico *Collecção Jacy Monteiro*, devido á penna do erudito Sr. Felix Ferreira e pu-

blicado no *Jornal do Commercio* do Rio, em 25 de Janeiro proximo findo, salienta os merecimentos do Dr. Jacy Monteiro e faz-lhe justiça aos seus penosos quanto conscienciosos trabalhos de colleccionador.

No genero epistolar não sei que se possa excedel-o no estylo, discreto, fluente, cheio de poesia e erudição, ao mesmo tempo que singelo e affectuoso.

Que brilhantes conceitos revestiam sua correspondencia intima!

Em uma de suas cartas leio o seguinte topico que traduz funebre realidade, não se limitando o seu *Vixt!* ao mundo moral, mas representando um epitaphio a inscrever-se sobre sua lousa mortuaria.

«Os romanos lembraram-se e bem de uma metaphora pela qual deram ao verbo *viver* o sentido de morrer, e diziam em relação a alguém que morrera:

«*Vixit*, viveu. Eu tambem posso dizer *Vixi*, vivi, porque já não vivo.»

Bem quizera eu não deixar aqui uma nota triste: mas permittir-me-ia tal silencio o Dr. Monteiro, escrevendo eu a largos traços sua vida, da qual fez parte tão sensivel o distinctissimo e notavel litterato?

Sirva-me isto de excusa neste trabalho: a aspereza da penna tira-me a nitidez ás linhas que vou timidamente escrevendo.

*
*
*

Em carta que me dirigiu em 30 de Dezembro de 1891, na qual chamava minha attenção para a India, que já então lhe attrahia a actividade, convidando-me para collaborar no *Parnazo Brasileiro*, que ia inaugurar na imprensa de Gôa, escrevia o meu excellento amigo:

«Quanto á politica repetirei o que muitas vezes lhe tenho dito: «minha abstenção era o unico pro-

testo contra o modo por que no paiz *se fazia* politica. Fizeram-me todos a injustiça de negar-me o sentimento patriótico. Não me doeu tal injustiça, porque eu no meu fôro intimo sabia a razão do patriotismo de muitos, *patriotismo* a cujo respeito devo guardar silencio por me parecer offensivo ou errado o meu conceito.»

Na verdade, se a politica é a obediencia cega á voz poderosa dos chefes de partido, que se revezam no governo, dividindo os cidadãos em vencidos e vencedores; se a politica é, na phrase de Ruy Barbosa, — *a rixa de lagartos, a raiva preguiçosa de velhos estellios coriaceos*—o Dr. Monteiro não tem o sentimento nobre do patriotismo. Mas, se o patriotismo é esta força ingente que leva a tudo a luz da civilização; se o patriotismo é a egualdade dos homens, pela abolição da escravidão, pelo desenvolvimento completo da instrucção popular; se o patriotismo é ver nos enfermos, nos encarcerados, nos pobres, nos desprotegidos, parcellas da patria adorada; se é mitigar as dores que gemem pelas enfermarias dos hospitaes, ou arrastam a cruel desvario as populações dizimadas pelas epidemias; se é levar o conselho e o conforto aos habitantes dos ergastulos, animando-lhes os bons desejos de emenda, advogando perante a autoridade, pela imprensa, a sua sorte, a sua saude, porque, apezar de delinquentes, são homens; se é amparar a infancia que não conheceu o sorriso materno, o mendigo que desfallece, a pobreza envergonhada que receia apparecer na praça publica, onde muitas vezes a espreita, para ignobis especulações, o vicio humano, a mais infecta das lepras sociaes; se o patriotismo é tornar conhecida no estrangeiro nossa litteratura e fazer dos estrangeiros nossos amigos, promovendo, por exemplo, a visita do sabio geographo Elysée Reclus á Bahia; se é ter dado quanto poudes á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, de que era membro; se é isto o patriotismo, o inverso do que por ahi se exhibe todos

os dias, em todos os logares, como espectacular cartaz de annuncio, o Dr. Monteiro é um patriota. Que mais dizer diante do que ahí fica exposto?

Quantos terão como o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro sabido cumprir o seu dever?

Elle tem espalhado, como generoso nababo, o oiro de seu talento e de seus estudos, nada pretendendo como tributo de vassallagem. Fez da medicina um sacerdocio, e as obras de misericordia têm sido por elle executadas com a rigorosa observancia do Evangelho, não vendo a mão esquerda o que a direita distribue. Sem preocupações de partido, tem comprehendido as lições proficuas da politica, concorrendo para o progresso nacional e só distinguindo os homens entre si pelo merecimento real e pelas virtudes provadas. No seio da familia foi um esposo carinhoso e dedicado: hoje, resignado e pobre, sente-se feliz ao pé da filha adorada, cuja sorte deixa á mercê d'Aquelle que não despreza as aves do céu e conta as folhas que se desprendem dos ramos das arvores.

Entregue a Deus, com a fronte encanecida pelos soffrimentos e pelos annos; confiante sempre no futuro, atravez de cujas brumas procura divisar a confraternisação de todos os povos, o Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro é um benemerito da humanidade.

Já vai o meu inclyto amigo em caminho de seu septuagesimo anniversario. Que resplandeça ainda mais a neve de seus cabellos! Que seus amigos possam tel-o, por muitos annos ainda, como espelho mirifico de virtudes e de patriotismo!

Bahia, Fevereiro de 1897.

(Do Diario da Bahia)

NOTICIARIO E VARIEDADES

Quarto centenario do descobrimento do Brazil

O Instituto Geographico e Historico da Bahia tendo tomado a iniciativa de solemnizar, n'este Estado, o centenario do Brazil, elegeu em sessão do dia 28 de Agosto uma commissão executiva, que ficaria encarregada de organizar e realizar o programma dos festejos commemorativos.

A commissão eleita compõe-se dos seguintes socios:—Dr. José Francisco da Silva Lima (presidente), Cons. Pedro Mariani, Drs. Braz do Amaral, Satyro Dias e Alfredo Andrade, Conego Manfredo de Lima, Aloysio de Carvalho, Horacio Urpia e professor Borges dos Reis.

Além dos festejos peculiares ao Instituto, pensa a commissão que, no intuito de interessar todas as classes na commemoração do centenario, dando-lhe o character verdadeiramente nacional, deve ser convocada uma grande reunião de todas as classes sociaes onde sejam adoptadas outras festas, para maior brilhantismo do grandioso acontecimento.

No proximo numero daremos o programma que fôr adoptado.

A Hespanha outr'ora e hoje

Grandes têm sido os infortunios por que a Hespanha tem passado e grandes as suas perdas territoriaes. Para que se possa fazer uma idéa approximada, reproduzimos em seguida a fórmula graphica, segundo a encontramos nos jornaes allemães.

Quão longe está a patria de Cervantes e do Cid daquelles heroicos tempos em que seu rei proferiu as altivas palavras: *O sol não se põe em meu reino!*»

Em 1580

Em 1668

Em 1713

Em 1810—1828

Em 1898

A 1.^a linha representa o tamanho do reino hespanhol sob Felippe II.

A 2.^a o que restou, 90 annos mais tarde, após a separação de Portugal.

A 3.^a o que representava a grandeza hespanhola depois do Tratado de Utrecht em 1713.

A 4.^a depois da perda do Continente americano.

A 5.^a, finalmente, representa o tamanho do imperio hespanhol depois da recente paz com os Estados-Unidos. (*Jornal do Commercio.*)

A Familia Adorno:—Escreve-nos o nosso distincto consocio Dr. Miguel de Teive e Argollo.

«Havendo o illustrado Sr. Dr. Milton, nas *Ephemerides Cachoeiranas*, que com tanta proficiencia confeccionou e estão sendo publicadas na *Revista* do benemerito Instituto Geographico e Historico da Bahia, duvidado que a familia Adorno descendesse de Caramurú, julgamos de interesse, afim de sanar essa duvida, apresentar aqui a ascendencia de João Rodrigues Adorno, a quem elle se referiu, de accordo com a obra de Jaboatão.

João Rodrigues Adorno era filho legitimo de Gaspar Rodrigues Adorno e Felippa Alvares.

Gaspar Rodrigues Adorno era filho de Affonso Rodrigues Adorno, o qual foi eleito capitão dos indios das

aldeias das partes de Cachoeira e seu administrador por provisão do Governador Diogo Botelho, de 4 de Dezembro de 1607.

Affonso Rodrigues Adorno era filho de Alvaro Rodrigues, senhor do engenho da Cachoeira e seus terrenos.

Não sabe-se qual foi a mulher de Alvaro Rodrigues, mas supõe-se ter sido uma filha de Catharina Dias Adorno, filha de Paulo Dias Adorno, fidalgo genovez, e Felippa Alvares, filha natural de Caramurú.

Alvaro Rodrigues era filho de Affonso Rodrigues e Magdalena Alvares, filha natural de Caramurú, a qual casou-se na egrejinha da Ajuda, em 1534.

Importante Mappa da America do Sul

Por ocasião da passagem do Dr. Campos Salles esteve exposto em uma ourivesaria da rua da Prata por Lisboa, um importante mappa, de grande valor, sobre a legitimidade dos nossos direitos, felizmente reconhecidos, quanto ao territorio das Missões.

O mappa é manuscrito, tem a data de 1752 e encerra quasi toda a America do Sul, entre o Oceano Atlantico e o Pacifico e as embocaduras do Orenoco e Rio Grande. Está reservado em moldura envidrada para melhor se conservar.

Como se sabe, a questão das Missões depende de se provar si o Pequeri e o Uruguay-pitta estavam ou não ao Oeste da linha de demarcação traçada em 1750. Ora, é justamente o que este mappa prova com a maxima clareza e sem soffrer contestação.

O *Jornal do Commercio do Rio*, de quem extrahimos a noticia, acrescenta no dia seguinte: «O mappa em questão será um exemplar do famoso *Mappa das côrtes*, que foi preparado no anno de 1749 por um geographo portuguez, do qual se fizeram exemplares identicos, e que forão fornecidos aos plenipotenciarios para a discussão do Tratado de Madrid?

Si não fôr nenhuma das oito copias primitivas autenticadas pelos plenipotenciarios, não tem o valor que se quer dar.»

Uma fortaleza exhumada

Lê-se no *Debate* da Capital Federal de 8 de Abril:

«Ha pouco tempo começaram a fazer umas excavações no predio n. 26 da rua do Visconde de Inhauma, pertencente aos Srs. Gomes de Castro & C., que ahi tinham o seu estabelecimento de ferragens.

Estas excavações, feitas em todo o comprimento e largura do edificio, tinham por fim o assento de um rico mosaico com que os donos do predio pretendiam aformoseal-o.

De espaço a espaço, á proporção que os trabalhos avançavam, eram descobertos pelos pedreiros grossos alicerces, arestas de muralhas lançadas profundamente no solo, a que apesar de intrigar vivamente os trabalhadores, não os impedia de proseguir na obra começada: isso já ia assim ha uns dois para tres mezes.

Ante-hontem uma descoberta singular veio lançar a luz inesperada sobre estes fundamentos mysteriosos de uma construcção anterior, talvez, á installação da metropole do Brazil nesta formosa cidade de S. Sebastião.

Os pedreiros haviam mettido as picaretas sobre a rija e densa camada de terra que se lastrava sobre a parte do fundo do edificio, quando perceberam que ellas trabalhavam de encontro a uma nova linha de alvenaria, solidissima, de cujas pedras, inabalaveis nos seus alvéolos de uma argamassa secular, chripavam scentelhas ás percussões vigorosas do ferro.

Que seria aquillo?

E presos dessa anciedade estranha, mixto de curiosidade e de temor, que despertam as surpresas do inprevisto, os trabalhadores redobraram de energia, pondo em pouco tempo a descoberto, inteiramente

descoberto, o parapeito negro e indestruido de um reducto antigo, com o seu canhão silencioso e oxidado, repousando n'uma especie de ameia aberta no reducto.

E' facil calcular o interesse com que foram revista-dos, examinados, admirados estes despojos historicos, de uma construcção militar ligada, (ha todos os visos para suppor) á epoca agitada das invasões francezas, de Villegaignon e de Duguay-Trouin, em que a cidade de Mendo de Sá transformara-se toda inteira n'um vasto corpo de guarda; cada habitante um soldado, cada hatitação um reducto, cada bairro uma fortaleza, um quartel.

Ha sempre alguma cousa de encanto, de maravilhoso na apparição *ex-machina* desses trechos do passado, se apresentando como uma visita das gerações extinctas ás gerações actuaes.

Como nas exumações das cidades mortas, o trecho do Rio de ha dois seculos agora surgindo, inesperadamente, aos nossos olhos pode nos apresentar nesse simples e mudo instrumento de combate encontrado, uma idéa, uma evocação viva do que foi a sociedade dos nossos avós em aquelle tempo—uma cidade em armas, uma população em defesa permanente.

Nas excavações foram encontrados tambem ossos humanos dispersos. Outro enigma! O que significam estes ossos, alli, sobre as muralhas da fortaleza? A quem pertencem estes despojos humanos; aos defensores da cidade que hoje é nossa? Aos seus atacantes, aos seus inimigos?

As paredes que apresentam uma solidez toda em correspondencia com a sua grande espessura são construidas de tijollos de argilla vermelha cosidos, de formato de um parallelogramo, um pouco approximado dos modernos, porém, mais chatos, ligados por uma argamassa de forte resistencia, e revestidos nas faces externas por um ladrilho de pedras negras perfeitamente esquadriadas.

Este lance da fortaleza apparenta prender-se á en-

costa do morro de S. Bento e fica voltada para a ilha das Cobras.

O canhão encontrado não é grande, como dissemos, é de ferro e de calibre 6, achando-se completamente coberto pela ferrugem, o que impede de se descobrir qualquer inscripção ou data; tem cerca de 1,50 de comprimento e 0,30 de diametro, sendo de alma lisa.

Julgamos que as paredes dessa fortaleza se estendem, soterradas, até á rua da Candelaria, e pela mesma rua Visconde de Inhauma até os ns. 10, 12 &.

Em o predio n. 12 vê-se ao fundo uma outra peça que se prende ao systema de construcções da fortaleza: é uma crypta abobadada, naturalmente a casa-mata da mysteriosa fortificação, e que hoje, felizes tempos de paz e do commercio! serve mais modestamente para deposito de artefactos de ferro, da loja de ferragens e drogas dos Srs. João Reinaldo Coutinho & C.»

A Terra de Santa Cruz

Le-se no *Jornal do Commercio*:

Na *Vida e feitos d'El-Rey D. Manoel*, por Jeronymo Osorio, le-se:

«Fica a Terra de Santa Cruz situada para o Austro; os seus confins, que são dilatadissimos, contestão com o Perú, continente que se encerra nos dominios dos reis de Castella. A terra é fertil e amena e «tão sadia de seu natural, que quasi escusa medicina alguma; por acaso alli se morre de doença, e antes acabão quasi todos minados da velh ce.»

E assim se escreve a historia...

As carruagens de quatro bestas

Nos archivos do ministerio do interior foi encontrado o seguinte documento:

«Não se verificando n'esta côrte os motivos que na de Lisboa fizeram necessario o Alvará de 2 de Abril de 1762, pelo qual se determinou que nenhuma pessoa, de qualquer condição que fosse, pudesse andar uma legua della em carruagem de mais de duas bestas: Hei por bem ordenar que, sem embargo do dito alvará ou de outra qualquer ordem em contrario, todas as pessoas que gozam do tratamento de excellencia possam nesta côrte andar em carruagem de quatro bestas. Estevão Ribeiro de Rezende, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço, em 2 de Setembro de 1825, 4º da independencia e do imperio—Com a rubrica de sua magestade o imperador—*Estevão Ribeiro de Rezende* »

SUMMARIO DO N. 17



	Paginas
Exploração do subterraneo existente na encosta da montanha, ao Taboão, na cidade da Bahia, pelos socios Drs. Braz do Amaral e Innocencio Góes	339
Documentos Historicos sobre a Emancipação Politica da Bahia. (Correspondencia official do Governo Interino em Cachoeira)	351
Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton (Mez de Março)	377
A Sabinada. Historia da Revolta da Cidade da Bahia em 1837, pelo Dr. Francisco Vicente Vianna	417
As Riquezas naturaes do Estado da Bahia, pelo Capitão-tenente Collatino Marques de Souza	438
Actas das Sessões e Offertas:	
(Julho a Setembro de 1898).	451
Biographia:	
Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, pelo Conselheiro Filinto Bastos	468
Noticiario e Variedades:	514